

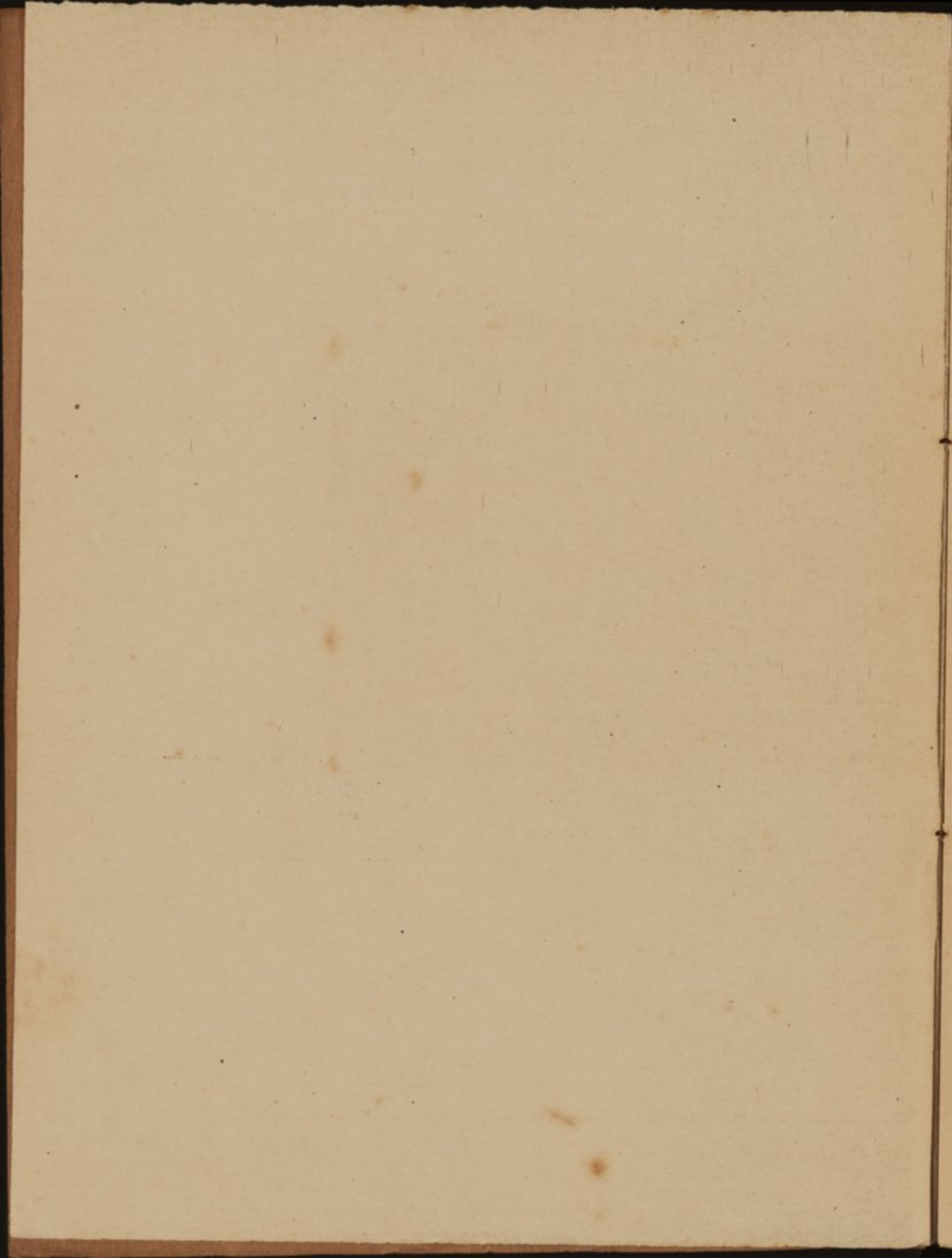








Passaios e —  
Viagens:





Passeios e ==  
== Viajadas:

Notas ligeiras:

Vol. I



9 201922.159

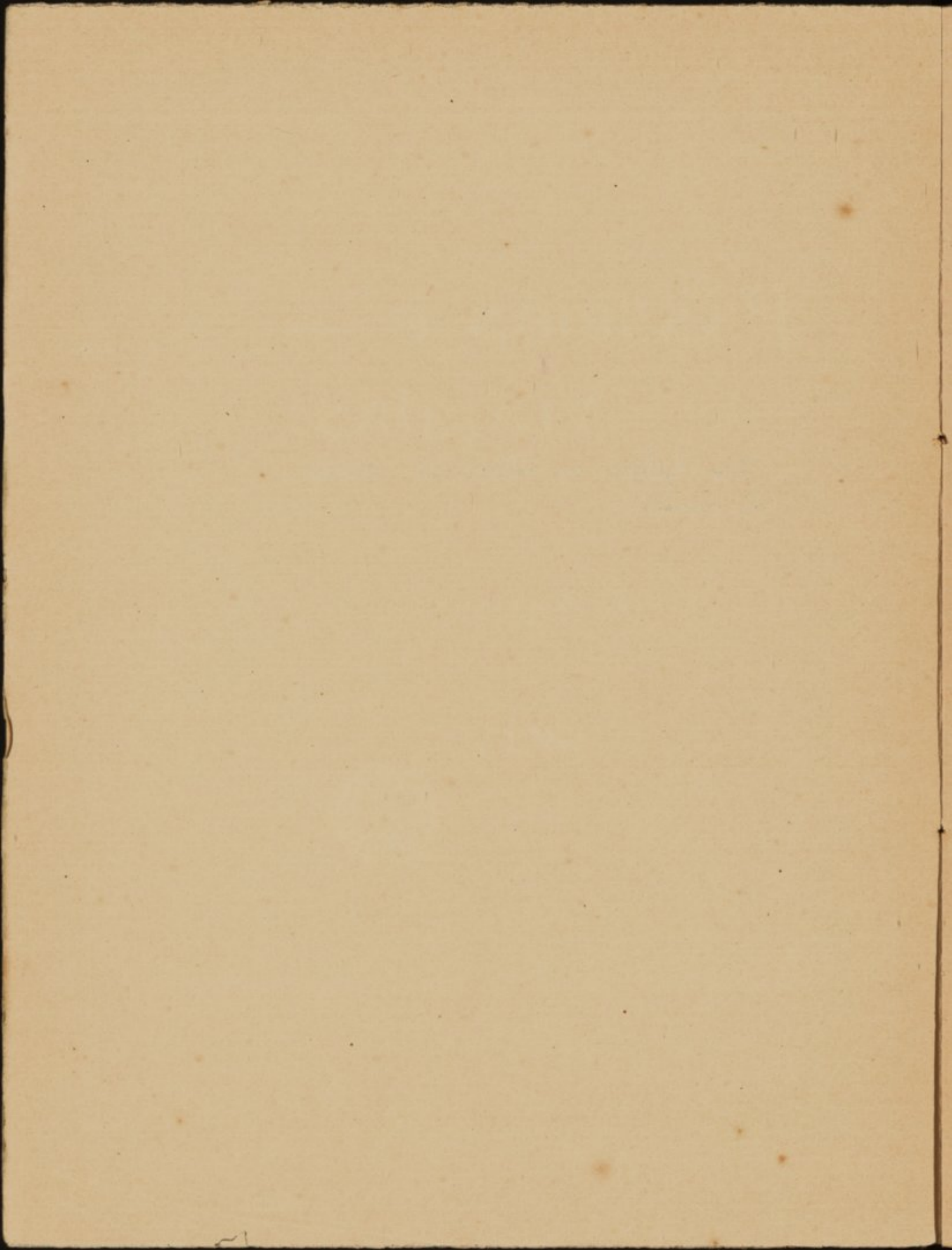
2611/1511





I

Da Galiza ao Alentejo. Notas  
de occasião.





« . . . é preciso ser histo-  
riador, geografo, paisagis-  
ta, politico, descreitor, poeta  
e filosofo. Com tanto não po-  
dia eu. »

Tomás Ribeiro : Jornadas, I, 10.





## Galisa

1907 : 13 de julho

Logo que o comboio largou da estação de Viana do Castelo, eu não abandonei a janela do lado do mar. O mar absorvia-me, esplendido como estava, nessa tarde luminosa; mas o desejo de compreender a Espanha, a cavalheiresca Espanha, dum momento para o outro, alvoroçava-me a curiosidade.

O comboio seguiu, linha fôra, batendo a todas aquelas estações: Afife, Montedôr, Ancara, a linda Ancara, Moledo e muitas mais. Ao aproximar de Barminhã, a tarde declinava já; e eu, que não queria perder a alegria de ver a Galisa ainda com sol, espiçhei-me pela janela, na esperança de poder dizer, como na antiga canção

— Já vejo terras de Espanha!

Olhei, com meio corpo de fôra da janela;



espreitei, investigatei com certa ansia . . .  
De repente, numa curva, appareceu um cerro  
alto, bem alto, apresentando uma projecção co-  
nica regular, como um monstro ameaçador  
que dissesse:

— Cá estou!

Percebi que para cá do monte havia um  
braço de mar: devia ser a foz do rio Minho;  
e para comigo, bradei satisfeito:

— Lá está a Espanha!

No escuro da base daquelle imenso caue,  
eude, no lusco fusco da tarde, ainda apare-  
ciam uns pontos brancos de casas, estalejavam  
suavemente um fogueiro.

A tarde começava a tornar a paisa-  
gem uniforme; o sol escondia-se porre o  
mar, fazendo uns esgares interessantes; e  
eu olhava curiosamente o enorme cerro co-  
nico, dizendo:

— É a Espanha . . .

Pela primeira vez eu via, á mão, ali  
perto, a Espanha, a cavalheirosa, a fidalga, a  
alegre, a beata Espanha; e logo a avistei sob a  
fermeza dum caue elevado eude o cair da tar-  
de ainda deixava distinguir uns rochedos es-  
carpados.



O comboio, pareceu, não me dar grande tempo para observar, puz-se rapidamente por um escuríssimo pinhal e, ao terminar o pinhal, pombeiro e extenso, pareceu em Garrinha.

Do outro lado, na base do cone, os foguetes continuavam, pesadamente, a estalar.

A seguir a Garrinha, pelo vale do Minho fôra, a Espanha — como a noite ia caindo — aparecia — me do outro lado do rio como uma faixa escura de terra; de quando a quando, o brulho dum foguetão denunciava a alegria galega; e aos poucos, essa mesma faixa escura ia desaparecendo, perdendo-se na escuridão da noite.

Depois, mais adiante, um amontoado de luzes que real brulhavam na água do rio: era Tuy! O comboio, daí a pouco, galgou a rampa escura, entrou na estação de Valença do Minho.

— 0 —

19 de julho

No dia seguinte ao da Garrinha chegado a Valença, logo de manhã cedo, com a curiosidade de ver ao sol claro essa Espanha de



heróis e de bandidos, subi á vila e procurei ponto de onde descerhinasse a terra alheia. Encontrei-o no baluarte do Socorro, na extremidade noroeste das fortificações, e confesso que rabisfez.

Em baixo, o rio Minho passa rotundamente, contendo sempre em respeito os seus inimigos seculares; do outro lado, Tuy, a velha cidade galega, cingõe-se na sua colina alta, com a velha casaria que desce até á ponte; em frente ao penhasco alcantilado da baixa Galiza, desenhavam-se bem nítidas no céu azul da manhã; e para o nascente, por aquella margem direita jára, e perder de vista, um sucessivo encadeamento de serras pitorescas.

Mas á tarde, depois do jantar, é que fizci pela primeira vez Terra espanhola...

Com dois companheiros, desci a estrada que vai dar á ponte internacional; entrei na ponte pelo parameço inferior (por que o superior é para a linha ferrea); e ao chegar á outra extremidade vi... — a primeira creatura que vi em Espanha! — um "carabiniere", um autentico "carabiniere", muito bem pousado numa poltrona, estem-



dido quase, a ler... o quê?... o Seculo!  
 O homem olhou quando pombiu passos; conhe-  
 ceu um dos meus companheiros; levantou-  
 se, correjou.

— Paese usted bien...

Seguimos estrada fora para Tuy aude,  
 ao fim de uns dez minutos, embrei sobre-  
 mente. É curioso: os campos, as vinhas,  
 as casas, têm o mesmo aspecto rrintado;  
 dir-se-hia que corrinhamos pelo Minho  
 se não notasse a diferença da graça das damas  
 que apareciam á janela ou que cruzavam  
 com osso na rua.

Embrei numa rua larga com bons pré-  
 dios; subi uma escadaria antiga; e assim  
 cheguei á "corredera", que é a rua mais  
 importante da terra, larga, com uma fonte  
 para carros, outra para peões, e ao fundo  
 um ponto de vista, admiravel, para os cam-  
 pos. Começava então a juntar-se gente; se-  
 nhoras alegres, com aquella alegria garrula  
 e comunicativa das espanholas, de fatos  
 claros, falando irreverso, dávam uma emar  
 me vida a tudo.

Eu comecei a percorrer os grupos, com  
 fonda o meu côco lisboeta; e chamava-me



a atenção uma espanhola de fôrta branco, pal-  
radeira, alegre, interessante, graciosa, em cu-  
jos grandes olhos negros me ficaram os meus  
fôleres olhos de português...

Passavam eubas bandos de padres em o  
seus trajes talares que lembram a roupeta je-  
suítica; passavam uns officiaes melhos, fan-  
dados, arrimados á bengala de ardenança,  
com um ar de conqarso e uagua — como de  
quem levava para o túmulo o desgosto de Por-  
tugal continuar independente; passavam sol-  
dados, com a sua calça vermelha, larga, e bo-  
mê branco; passavam os espectaculosos guar-  
das civis; passavam donas de aspecto grave,  
vigisndo o babdo patreiro das raparigas.

Mas o que mais me interessava era  
precisamente esse bando de raparigas que chil-  
reava, que tagarelava, que dava a impressão  
dum bando estavado de averitãs que saltas-  
sem, e ás quaes apenas esperassemos ver bo-  
tar as asas e voar!

Voltámos, já pela noite; na ponte, já  
iluminado a luz electrica, o museu "carabi-  
nero", cumprimentou-nos com afabilidade; e  
de novo subimos em Portugal, sem comba-  
lando meu peso na consciencia.



Eu apenas trazia na rebina os olhos da espanhola vestida de branco. . . Não deixava de ser um caso de consciência.

— 0 —

17 de agosto.

No domingo, apesar do calor e da minha indolencia, fui á los toros de Pontenedra; e com franqueza o digo: gostei.

Sim, gostei!

Além de mais nada, a viagem é deliciosa. Não me quero referir á demora dos comboios que para um pequeno percurso de uns 40 quilómetros conseguem a maravilha de levar seis horas; não, refiro-me á paisagem, á beleza de encanto da região que atravessei, aos successivos pccuários que me apareciam aos olhos ávidos.

Os comboios. . . oh os comboios! Os espanhóis têm-nos de duas espécies: uns que the-gam; outros que the-gam quando the-gam; e outros ainda que . . . nevera the-gam! Aquelle em que eu fui era dos que devia chegar quando . . . chegasse!

Mas a viagem, que beleza! Primeiro a vizinha Tuy; depois Guillarney; e seguir as



gandaras de Parriño, uvas gandaras ex-  
 cepcionais, duma fertilidade exuberante,  
 e sobre fiadas de montes graníticos; depois, a  
 Redondela, onde dois altos viaductos de linhas  
 fereças se cruzam sobre a povoação alegre e  
 pitoresca; adiante, a margem sul do rio  
 de Vigo que nos dá a impressão d'um grande  
 lago d'um inesperado encanto e duma sceno-  
 graphia maravilhosa.

Não sei descrever a impressão que rece-  
 bi ao passar em frente de bocas d'essa água  
 tranquila, espelhada, onde uns barchiños cor-  
 riam á vela por entre ilhotas verdes, e as  
 encostas cheias de casas alegres e de jardins,  
 se reflectia quietamente, como um espê-  
 lho. Não sei descrever...

Sei que me emocionou esse scenário  
 de magia que a velocidade do comboio não  
 me deixou fixar; sei que nos meus olhos fi-  
 cou a impressão do deslumbramento.

Estim' emocionado, senti o comboio pa-  
 rar em Pontevedra e uma voz soeue dizer  
 por sobre o marulhar da estação:

— ¡Cuidado con los cartieristas!

Era um guarda civil, correcto dentro do  
 seu vistoso uniforme, que em nome do Es-



tudo avisava os seuhes passageiros que se aaventuravam aos encontros dum dia de festa rija. Eu, como mais nada levava alem de umas pesetas em prata e umas pernas gordas em cobre, não me impussei muito.

Atravessei a multidão, embrei na fonda da proprie estabecida, almocei pacatamente e depois deitei-me a percorrer a cidade.

É que impressão agradável que tive no ligeiro passeio que dei! Impressão de alegria, de conforto, de limpeza, de distincão. Ruas claras, acastadas; lojas alegres, amplas; praças largas, arborizadas; casas confortaveis e elegantes, desde as janelas razeadas ao alto até a varanda emidracada onde se amon-toam flores. E depois... a alegria comunicativa das mesdoras não é indifferente para o conjunto.

Andei assim, todo o tarde, sob uma amavel temperatura de 36° centigrados a primeira — até ás 4½ vendo passar umos farda da guarda civil e umos outros do 37 de linha (regimento de Murcia) fui andando para a praça de touros.

Embrei, procurei o lugar e olhei. Naquelle vasto redondel o aspecto é differente do



que se descreva nas nossas praças. A alegria enorme, estuante; o traje das mulheres, de manbilha e montón, com flores no cabelo; a grandesa da própria praça; a enchente é en-  
nhia — foram para mim novidades.

Mas o melhor veio quando, polenemen-  
te, abraçou a quadrilla; depois das cerimo-  
nias do costume ficaram quatro picadores de  
vara larga e . . . saltaram o primeiro bicho!

O boi abraçou na arena e viu os cavalos  
— pobres filéas de olhos vendados! — en-  
vesbiu, manrou no mais proximo; enves-  
tiu com sibno, tornou a manrar, fez cair o  
picadôr e foi abraz do "espada" que o cha-  
rrou para envesbir com terceiro cavallo con-  
deudo. Mas os dois primeiros cavalos, já  
peu cavaleiros, arrastavam-se no chão, de-  
batendo-se, com os envesbino enveneguenda-  
dos a misturarem-se com a areia, saindo  
às golfadas; pelos rasgões abertos. Os en-  
tros cavalos, caíram também, como os pri-  
meiros, e combarciam-se enquanto uns  
creados não vieram com uma champa e os  
nãos liquidáram de uêr.

O boi continuou na sua furia, chei-  
rando os envesbino dos cavalos, manrando



sempre, furando, esbrifando com eubria-  
quês. Depois, começou o trabalho dos bandari-  
theiros, por sobre os cadáveres dos cavalos;  
mas o publico não ficou satisfeito e berrou:

— Más caballos!... Señor presidente!  
más caballos!

É só quando o boi começou a estar cansa-  
do é que avançou, roléu, o "espada", o "dies-  
tro", e depois de uns quites, de uns passes, de  
uns capotazos, apontou uma espada afiada, e  
numa parte de peito se volaprie... zás! me-  
teu a espada no cachaço, direita ao coração. O  
dairo recuou, sembiem qualquer coisa dolorosa,  
deitou um olhar mauoso e triste em nós, rol-  
vou um mugido comovedor, ajoelhou, fra-  
quejou e... caiu ao lado, num mar de  
sangue, movendo lentamente as pernas. Um  
bandartheiro avançou eubás com um punhal  
e cortou-lhe o tendão do pescoço; o boi, com  
um esbrifão, ficou imóvel.

De lá de dentro, guisalhando, alegremen-  
te, romperam três nuvens valentes; preendi-  
ram-lhes os cavalos e depois o boi e sobre  
o guisalthar alegre e a grita dos condutores,  
elas lá foram arrastando os corpos dos ami-  
mais mortos pela areia, deixando um risco



de sangue por sobre a poeira do circo. Sel-  
uageria, não é verdade?

Ora multiplicado isto que contivei por  
seis (que foi o numero dos tauros) e aí está  
o que foi, mais ou menos, a lenda  
da espanhola de Pontevedra.

E assim eu vi, pela primeira vez, es-  
se divertidissimo espanhol que coloca os nossos  
vizinhos num grau muito pequeno de adan-  
tamento na civilização.

Mas confesso — e parece mal confessa-  
lo — que gostei...



31 de agosto

Fui ontem, outra vez, a Tuy. Hei que  
enfim, tive uma tarde livre!

Depois do jantar segui esbada fãra;  
entrei na ponte; segui á direita — e eis-  
me de novo em Tuy, ainda de dia, á hora  
a que as peuharas saiam para o passeio  
diario da carredera, alegremente, num  
chilrear de avesitas esvoaçando, como é  
proprio da gente espanhola.

Escrevi uns postais; comprei caramel-  
los para trazer como reuerdo ás duas ra-



pariças do hotel ; e eis-me também a passear, ao longo da carretería, espantando-me com o animal morto.

Aquella alegria espanhola!

Em Valença, as senhoras saem funebremente, umas abraz das outras, cochichando uébricas, vendo se as outras não mais bem uerbidas, olhando para os rapazes com o unico fito de um numero . . . Mas em Tuy, ali a dois passos . . . hombrere! que alegria, que vida, que buenha disposicion! Em regue uerbidas de claro, andam depressa, pallitam, esvoaçam, paltram, encantam!

Eu, levitárrissimo reusoberao, ontem, no meio daquella alegria, reubia-me bem, reubia-me quase alegre, reubia-me ex-kranhio bem estar por todos aquellos othares que me reubiam, reubindo mesmo que, afinal, aquilo é que é a maneira de levar a vida.

A alegria! Veuhom dizer á portuguesa que se mostre alegre, que ande depressa, que fale depressa, que pense depressa!

E como Valença é triste — que fazer se não ir até Tuy e cubregar-me ao coração misericordioso das espanholas?



6 de setembro

Na passada 4.<sup>a</sup> feira, com o Empis e com o Bemfeito fui a Vigo. Foi um esplendido passeio.

Hé á Redondela, o carrinho era conhecido; aqui, carbónos para a esquadra e a linha ferrea peguei, margem da ria fóra, sempre á beira da agua, passando por viadutos, trausfrondo túneis, metendo por trincheiras cobertas a fumaça no granito, até que, a certa altura, quando já estava a ser monotona a agua tranquila do golfo, emoldurada nos pinheirais rerecos da escura margem — eu avistei por sobre um ponto de grandes casuarinas, com ar alegre, o amontoado das casarais de Vigo, envolto em algema nevoa, e a seguir, o mar tranquilo sede uns grandes paquetes fundeados firmam um cenho tom de civilização.

Uns barcos pulcavam o azul da agua; uns vaporesitos percorriam a baia, lançando fumo; e eu fiquei encantado com aquella aparição grandiosa a que dava mais realce a grande altura a que, neste ponto, corre a linha ferrea.



Ainda estava com os olhos cheios desse quadro magnifico, quando o comboio parou. Desembarcámo-nos; e, através da guardia civil, saímos para a rua e fomos por ali fóra, guiados por um rapazito, até ao hotel que nos tinha sido indicado.

No atravessar as ruas da cidade, tivemos a impressão de uma grande cidade; movimento já grande; prédios esplendidos; lojas boas, luxuosas; cafés, como não ha em Lisboa, principalmente o café "Colon", na calle del Principe; ruas, apesar de tudo, quiz-me parecer que aquilo tudo era, apenas, um bazarr...

Quero dizer: Vigo é uma terra de feras. Feiros, é uma terra de expanção; tudo aquilo que ali se move e gira é estrangeiro, é tudo de fóra; e é essa grande massa de população flutuante que dá á terra um grande ar de capital.

Mas, incontestavelmente, é uma terra linda. Percorremo-la toda, de lado a lado, de cima a baixo; e vê-se logo que ha cerca de vinte annos a transformação tem sido completa, porque as ruas são todas largas, os prédios novos; e pó malgemos rios



e poucos, é que ainda apparecem uns case-  
lras velhos e umas vielas ruijas com um  
ar resiguado de quem espera ir á degola.

Mas, a principal beleza consistê no  
porto, no vasto porto emoldurado em coli-  
nas verdejantes, de agua parada dum lago  
encantador. Ha uma muralha de cerca de  
2 kilometros, com parapeto de grade e que  
acompanha uma rua larga, quase avenida,  
arborizada, e com o chão alcatroado. Na-  
quella tarde, muito calma, muito limpa,  
tudo aquilo — o cais, a agua, o céu, a  
margem norte — era uma beleza!

Naquella tarde, por essa longa aveni-  
da marginal, passeava immenso gente, ao  
fresco, saboreando o encanto daquella entar-  
decer. Grupos de damas de ferro, farasbei-  
ras inglesas, alemãs e até portuguesas —  
nem que quise babel. . . galega — andá-  
vam dum lado para o outro, ammirando a  
paisagem. Porque, é de notar: em Vigo li-  
ve a impressão de que toda a gente andava  
na rua; tudo passeava!

Ora eu e os meus dois companheiros  
não parámos durante o dia: vimos tudo,  
observámos tudo, analisámos tudo; e,



ainda depois do jantar, fomos para a alameda, onde a musica tocava e onde, pode dizer-se, a cidade estava toda.

O luar estava esplendido; a luz electrica era a jorros; centenas de espanholas, graciosas, alegres, passeavam, mas numa só direcção, vagarosamente; toda a mais gente passeava tambem no mesmo sentido; só nós tres, como parhupuerinhos malencoados, e como queriamos ver, andávamos no sentido contrario... A musica lá se ia esfalfando, com o Lohengrin e o Tannhäuser; e aquella multidão ia girando, num só sentido, compassadamente, passando á nossa vista, num curioso conjunto.

Toto levou para além da meia-noite; de modo que, no dia seguinte, não acordámos para ir, de madrugada, a Bayona, no vapor da carreira dos banhistas. Ficámos na cidade e fomos, pacatamente, para o cais, observar a esplendida luz da manhã que estava, o movimento do porto, os mercados, a vida matutina, enfim, de uma cidade que tem que dar de comer a ~~uma~~ multidões de forasteiros, entretendo assim o tempo até á hora do aluoz.



Depois, subidos no expresso Vigo - Orense - Madrid, puxado a duas mequinas, lá voltámos velozmente para a Pabna, deixando com certa pena aquella vida de farasbeiro alegre.

Mas enfim...

Na Redondela, o comboio de Bombarda trazia o peirinho do del formento, o peñon Besada; houve faguebario, fino, cumprimentos, zumbaias, etc. etc. — tal e qual como cá...



26 de setembro

Ha dias appareceu aí um ardeur para o comendante da praça de Valença ir a Guilla-rey cumprimentar o rei de Espanha que deuria passar em comboio especial. Vinha das meanoleras de Monforte, na provincia de Orense e ia a Bombarda escolher sitio para um palacio que deuera construir numa das ilhas encantadas da ria.

Lá fui tambem; com o Governador e outros officiais numa das tres tiporias descubertas que se alegraram em tny, sobre meus de poeira, com o pol que se a baber-vo nas costas e na cabeça e no meio dos othares curissos e admirados dos galegos e galegas que



aquele lixe passásem nas esbadas. Uma-  
 vezámos Tuy polinamente, de penachos sol-  
 tos ao vento, ceuo em desafio á nosse inimí-  
 ga peculiar: penachos pretos dos caçadores, pe-  
 nachos azuis da administração militar, penachos  
 vermelhos do medico e do alvexarife; por  
 toda a cidade, onde ficou tudo com cerbo pé-  
 do, peguimos a esbada, mais preciente ainda,  
 da esbada; e depois de uns pedaços pitorescos  
 de terras, lá deus com a esbada de Guillarey  
 onde a guardia civil fez uma combinação res-  
 peitosa ao Governador "que ia imponendo com  
 os seus pete cráchás e o collar de ouro da Socie-  
 dade de Geografia...

Na esbada, a ardeuranca tirou dum en-  
 terro uma escova e, com o devido respeito,  
 deu a todos nós uma escovada; e, assim  
 escovados e alindados, embámo para a sala  
 de espera, suja e desolviada, onde o chefe  
 apenas tinha posto umas cadeiras de madeira  
 com assento de esparto para o alto funciona-  
 lismo. Deu ao meus varrerem o chão, es-  
 tes desolados espanhóis!

Dai a pouco começou a afleur "o mundo

---

(1) O Tenente-coronel Joidéro Marques da Costa.



oficial, solene e caucioso; depois, as penho-  
ras . . . .

Se elas haviam de faltar!

Mas, do "mundo oficial", veio primeiro  
o comandante militar de Tuy, tipo distinto, sê-  
co, cheio de medilhas, atencioso; depois, um  
oficial de marinha, comandante da canhoneira  
Penta; depois, o governador civil de Pontevedra,  
simpático, muito afável; veio mais o tenen-  
te-coronel comandante da guarda civil da pro-  
vincia; appareceu a seguir el penon dor obis-  
po, com cara de barbação, o actor, umas risos  
de jesuita, acompanhado por tres conegos, ver-  
dadeiros tipos de operetta; depois . . . mais  
gente, mais mais gente, toda aquella gente  
que, em toda a parte, tem de comparecer a  
actos semelhantes.

O Isidoro conversava, era com um, era  
com outro, muito amavel, sempre com ri-  
sos, muitos afagos, cumprindo admiravelmen-  
te o seu papel diplomatico.

A certa altura, os empregados da estação  
correram dum lado para o outro; houve spi-  
tos; deram-se ardeus; e daí a nada, na cur-  
va da linha, do lado do rio, appareceu leuba-  
mente, dir-se-hia, com medo, o cambrio.



Do outro lado, estoiraram foguetes; e da multidão partiu um grito, um fragorissimo viva:

— Viva el-Rey d'España!

Houve apenas um ligeiro vozear, acompanhando o viva; e então, á janela do palácio que vinha, com cara de embalsado, muito pouco á vontade, appareceu o rei Alfonso XIII, com um fardo lizo em que apenas se via uma cruz do lado esquerdo, e na cabeça um bonet redondo, de perúico cuberno, com bordados e orno em volta. A cara receiosa do rei fez-me pensar; com o labio inferior caído, nariz grande, prognatismo muito pronunciado, olhar vago e sem expressão, parecia-me mais um homem a quem levassem para a fôrca do que um rei em viagem de recreio.

Depois de olhar um momento, sem deixar muito a cabeça de fora, e depois de ter feito uma combinancia muito acanhada, viu-seahir na gare gente que tinha de receber e foi para dentro. O Governador avançou para o palácio, com um bom farduzquês; entrou primeiro o Governador Civil; depois elle; atroz o bispo cheio de mesuras; logo el señor alcalde de Tuy que nos quiz mandas subir, com re-

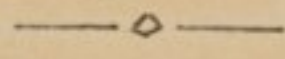


reverências protocolares. O rei ficou á porta; e como a varanda ou platafôrma era estreita, pouca gente cabia e a que subiu estava como pardiilha em canastra.

À janela, o cunhado do rei, o príncipe Fernando da Baviera, príncipe, loiro, olhos azuis, vivos, fazia grandes cumprimentos, especialmente para nós, portugueses.

Passadas estas cousas obrigatórias do protocolo, reuniram-se afitos; o comboio de novo se pôz em marcha; e o rei veio á janela, perfila do mesmo cabinencis real feita, ouvindo deis vivas escassos, contrafeitos que partiram do povo e foram real correspondidos.

O comboio lá deslizou; nós subimos de novo nos carros e corajosamente aquecimos nos os meus de joeira até Valença.



23 - de outubro

São 10 horas da noite. Venho do Tey. O luar está esplendido; e a beleza desta noite, lá em baixo, nas margens do rio, lembram-me a beleza das noites claras de lua, sobre os palmeiros e os charcos do Mondego.

Na atmosfera, ha uma humidade ma-



tural mas noites frias ; a lua terna, em volta de si, um halo alaranjado ; e as pedras apresentavam apenas a linha pinuosa das cumeadas, onde se destacam os pináculos agrestes dos montões sobrepostos de rochedos.

No longe, do lado da "perração", de madeira, ouviram-se uns cantos regionais, perdidos na distancia ; qualquer coisa monotona, restos de canto meirisco que por esta Galiza ficou, ~~eco~~ ecoando ainda pelas iusuar vendentes, perdendo-se nas succostas das pedras alcantiladas.

Massem, agora mesmo, desci eu a succosta alegre de Tuy — no meio dum conjunto tal que, a cada passo, eu parava a olhar um ponto e outro, e a embalar-me na toada longinqua que ainda ouvia, aos poucos, ao saber da aragem fria do norte.

Que beleza de noite e que tristura de noite, así

Como me lembrarei o Mondego e a beleza das noites de luar da minha terra ! E ~~como~~ eu pensei, com certa inveja, em como ha causas bonitas na natureza sem per em Coimbra e em como o luar faz brilhar a agua com grandesa sem per sobre o Mondego...



Seu belesa de noite!

Eu tinha jantado só; hoje, no hotel, houve uma pausa. Quando tomei café, ao ver pela janela a perra do Fão a esvermelhar-me, senti ganas de ir longe, de andar muito... Desci até à ponte, já no lusco-fusco; atravessai o rio; à direita, a cidade galega apareceu-me bandada em luar que subia rompia por sobre os montes pequenitos. Que lindo scenario aquelle! A catedral negra apparecia como uma enorme mole sobre a casaria branca que descia, a brilhar muito, até á agua tranquilla do Minho; ao lado, como contraste, a perra pedregosa de S. Julião, imponente, sobre a planicie verdejante ainda, cheia de casais, num rampante de puzgia. Pensei se iria até lá...

Estava frio. Mas a noite estava tão linda...

Fui. E por essa esborda fãra, trauteando uma canção qualquer, em ir vindo, com o crescer do luar, appareceram as cousas mais distintas, mais claras, num conjunto de poesia e de saudade que me fazia lembrar a minha terra...

Atteiui pela á cidade; aqui sobre a calle da carredera ainda uma ou outra pechincha me



aventurava ainda á quicena do norte que so-  
jraava com certa frialdade.

Andei á toa pelos passeios a ver as mon-  
tanas; num café, tomei qualquer coisa quente;  
escrevi uma tarjeta; e de novo desci para a es-  
trada, através deste luar esplendido, desta noite  
clara de luar, que recordava o vulto elegante dos  
cheiros, que espelhava a agua do rio, que fazia  
luzir, como faróis, os vidros dos carrinhos perdi-  
dos, e que me ia fazendo lembrar, acerbamente,  
com o tal « delicioso pingir » o meu rio ma-  
tal. Assim voltei ao meu país.

Um guarda fiscal, zeloso, quiz saber se eu  
trazia contrabando; mas, mas trazia contrabando,  
trazia apenas paudades . . .

Deu-se por satisfeito; mas eu considerarei  
que do lado de lá, nessa Galiza alegre, real se me-  
ta esse odioso da aduana; tudo, ali, traurita  
livremente, desde os queiros para consumo  
até ás paudades dos expatriados!

— 0 —

1908: 29 de janeiro

Cheguei, na 2.<sup>a</sup> feira, de Ourense, um tan-  
to ou quanto moído, com duas noites real dan-  
quidas. Foi um excelente, um alegre passeio!



Quer a ida para Monforte, pela margem  
 do rio Minho, sempre esculpada, e que ao  
 passar de Ourense, na Barra del Miño é tudo  
 quanto eu tenho visto de mais agreste, de  
 mais dura e de mais selvagem; quer o pla-  
 nalto de Monforte, extenso, ruído extenso,  
 de se pender a vista; quer a cidade de Monforte,  
 velha, feia e ruzia (como eles dizem), mas  
 interessante; quer a cidade de Ourense, pou-  
 co mais ou menos do tamanho de Coimbra,  
 num ribeirão alegre, batido e lavado do sol, com  
 belas ruas modernas, belos edificios artisticos  
 e estatuas em jardins; quer o passeio "con-  
 sistorial" de Ourense onde tocava a musica  
 "del ayuntamiento" e onde passeavam, pere-  
 namente, paulhanas elegantes e distintas que  
 meu por isso deixavam de ter o ar alegre de  
 espanholas; — tudo isto, foi um conjunto  
 variado de causas que me deram impres-  
 sões agradaveis, inéditas, algumas inesque-  
 civeis e para o que, tambem, não deixaria  
 de concorrer a excellente companhia que levei  
 eu.

Foram tres optimos companheiros que  
 conseguiram transferir o prolegio para  
 esta minha fôrma: antes de me acompanhar



do que só . . . De modo que, ante-ontem, che-  
guei bem convencido e bem compensado de  
que não há nada como viajar e andar às pol-  
tas . . .

É então quando se viaja por essa terra de  
jotas e muineiras, onde a alegria corre pere-  
rivelmente, como um dom natural e a espon-  
saneidade é um condão exagerado, então . . .

Ponhamos ponto, discretamente.





## O Minho :

Braga :

1903 : 4 de novembro.

No simples percurso do Porto para aqui,  
o Minho deu-me uma bela impressão.

Tudo muito verde, muito alegre, muito  
pitoresco. Tudo parece respirar saúde e ale-  
gria. Ao longo da linha sucediam-se os fo-  
reados, alguns escondidos em verdura; um  
ou outro rio passava por sob um túnel de  
salgueiros e charões; e mais distante, emol-  
durando o cenário, a linha de cummado de  
alguma pedra agreste.

Eu conhecia o Minho pelos romances de  
Corrêlo; e realmente, a impressão me se mo-  
dificou. É certamente, uma bela provincia;  
e eu que tinha sempre a ideia de boas impressões,  
achei-as logo que o comboio largou do Porto e  
eu deixei de ver a Torre dos Clerigos.



Serão estas impressões tão boas por se-  
rem as primeiras?

Vamos a ver.

9 de setembro

Final, o Minho, o encantado jardim  
de Portugal, para mim, fora da viagem do  
Porto para aqui, tem-se limitado ao que eu  
alcanço, com a vista, desde Braga metropoli-  
tana. Não por isso deixa de ser belo, aquilo  
que os meus olhos alcançam e procuram;  
mas eu queria mais, muito mais.

Baixas excelentes projectos de excursões,  
de passeios, quer nos arredores mais próxi-  
mos quer a locais, um pouco mais afastados,  
cujo nome me atrairia pelas suas tradições  
pelo seu pitoresco ou até pela própria boni-  
dade. Queria ver, de passar, esses recantos pi-  
torescos das curvas dos rios umbrados; esses  
atachos floridos onde a vinha desce das arvores  
altas; esses alegres miltarais regadios onde  
cantassem mulheres no trabalho; esse aspecto  
interessante do casario rural, de lapa ve-  
rianda paudavel voltada ao caminho, convidan-  
do ao repouso e á contemplação... Queria



Tudo isso ; mas afinal o Minho que tenho visto é bastante pequeno e restrito.

Do hotel, vejo diariamente as serras do Samceiro e Bom Jesus ; da casa da minha companhia o vale de verdura, muito extenso, do vale do Cavado. Não tenho podido ver mais do que isso ; e se o que vejo me agrada, é, pouco, para o que eu queria, muito pouco.

Valença do Minho :

1907 : 17 de julho.

Foi há seis dias que, passados anos, eu de novo atravessei este Minho de encantos.

Passados os arredores do Larbo, ele apresenta-se tal como é : os vales cobertos de verdura de toda a espécie ; as serras, de cerba alta na para cima, rúas e com a cumeada cheia de rochedos ~~para~~ penhascosos, de onde, aqui ou ali, descem uns poucos de carvalheiras ; as casas rústicas, rústicas sobre arvoredos, escondem as suas paredes negras com trepadeiras pitu-ras ; a vinha trepa ás arvores e os riachos deslizam, subtilmente, por túneis de folhagem. Assim, sempre com a paisagem tão decorativa emoldurada pelas serras alcançáveis.



das, eu passei o Baixo Minho, pela alegre Rio Tinto, por Alíne, por Farnelias, por Barcelos a fidalga — até que a linha-ferrea, obliquando para o poente, deixava perceber a proximidade do mar.

Os terrenos começavam a mudar de aspecto; ao longe, como a tarde ia a cair, adivinhava-se o doirado do poente maritimo; eu volta a terra desceia e de repente encontro-me na ponte sobre o Lima.

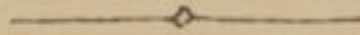
Depois, à beira-mar, o comboio correu para o monte sobre terrenos maritimos e plaias fertilissimos; era, na verdade, um encanto, aquella linha de transição que o embarquecer mais realçava — e assim me encontrei até barrinha onde um comboio apinhado de gente alegre que tocava e cantava, veio dar-me a primeira nota viva da gente da região.

Embardecio, o sol desapareceu sobre o mar; daí por diante a noite não deixaria ver nada; sómente as multidoes que eu cheiram e despejaram por vezes o comboio me lembravam o Minho alegre, o Minho das romarias, o Minho das procissões e dos faqueiros, num continuo barulho de zabumbas e numo crepitante algarria de castanholas.



O Minho estava em festa para me receber. Me do lado de Espanha, além do rio pere-  
no cuja água eu adivinhava no escuro da noite,  
a certa altura, uns foguetes puliram, riscaram  
o céu e embalaram alegremente.

Cheguei assim a Valença do Minho





## Valença do Minho:

Valença do Minho

1907: 19 de julho

Aqui cheguei há uns oito dias, depois de  
uma alegre travessia pelo Minho alegre, cheio de  
verdura, de vida, entre faguetes e rancos de ar-  
bumbas. Eu desejaria chegar de dia, para ver  
logo, com sol, o meu desbarro e colher, com a  
luz solar, as primeiras impressões.

Não ponde ser. Cheguei de noite a esta ve-  
lha praça de guerra, e esta guarda avançada por  
sugressa cubra Espanha. A estação era triste,  
iluminada e uma froura luz electrica; tive a  
impressões, logo, de tristesa, de abandono; e co-  
mo o Nobel me não tirou estas sensações, lan-  
guei pelas ruas na direcção do rio que ao lon-  
ge se denunciava por linhas rectas de luzes  
pequennas. Vi, no freute, elevarem-se raiu-  
pas colerbas de relva curta, limitadas em cima



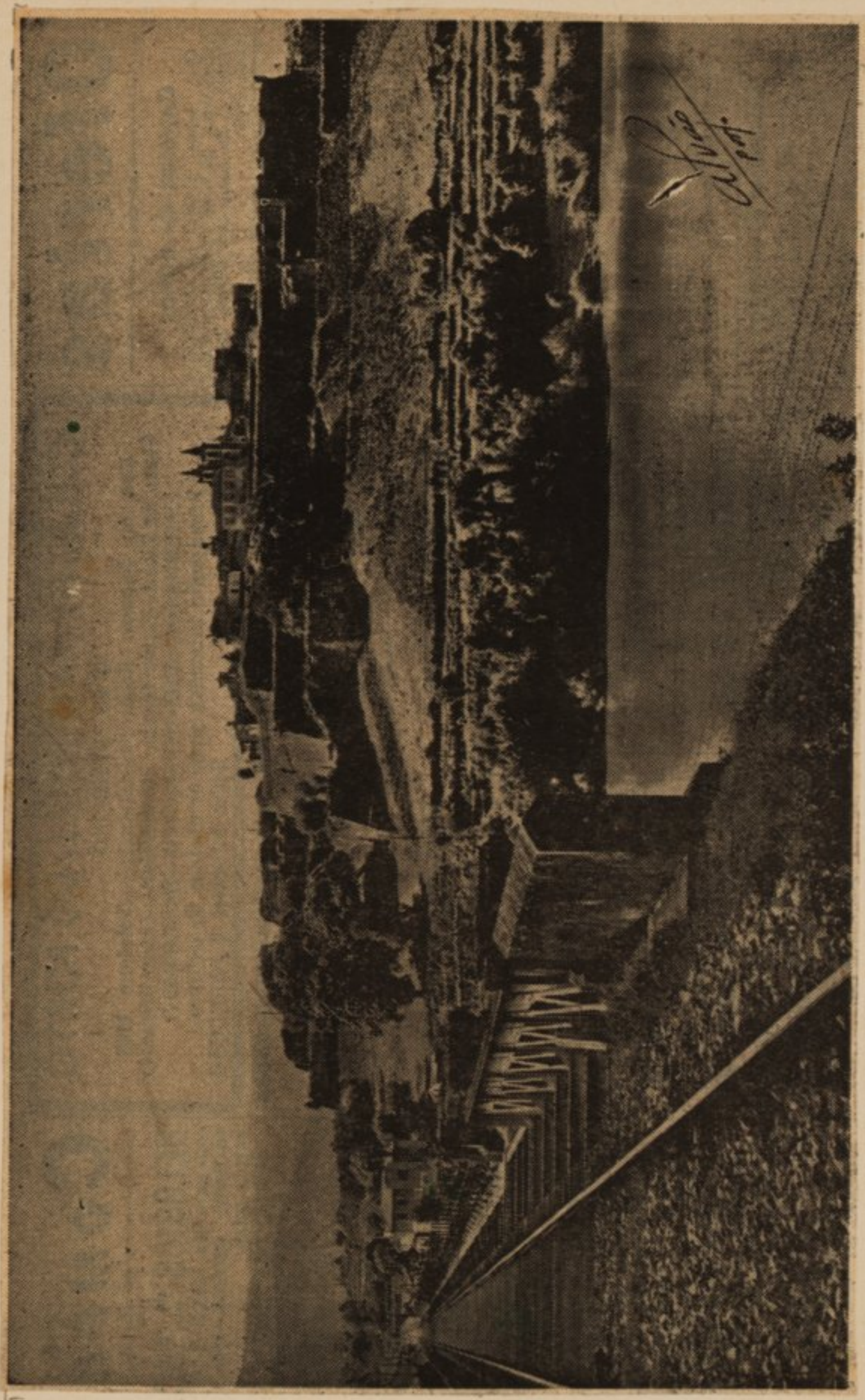
pelo maciço negro das muralhas. Aquilo era, de certo, um presidio.

Voltei ao hotel e deitei-me.

Na manhã seguinte, uma nuvem de moscas acordou-me; e eu, considerando-me impotente contra aquella aluvião de inimigos, levantei-me, pois e ainda não eram sete horas, á luz do sol nascente, rubra esbada acima, direito á Terra valenciana.

Havia uma grande claridade em tudo; para a esquerda, um extenso vale, com um doce tapete verde, rompia dum leve nevoeiro que o sol, espreitando afolegado, afugentava e riu; para cima, a inclinação dos taludes das obras avançadas da guerra, escondia ainda a vila que apenas apparecia, cambelozamente, com um seu subro camponário mais audacioso; para a direita, serrarias, pitorescas parrarias que se acompanhavam com gosto e fechavam o pannelo com um certo exotismo. Havia ainda, pairando no atmosphereo, uma cerba frescura de madrugada; uns pinos refriavam com alegria; gente do campo passava cantando para o trabalho; e eu, sem querer, comecei a reparar que tudo aquilo era bonito... A manhã triumphal desripára a Tese do presidio.





*W. J. P.*



1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900



Passei, então, pela primeira abertura da  
 contra-escarpa; segui ao longo dum fosso; en-  
 trei por uma escuridão porba da muralha, com  
 uma certa sensação de respeito; e eis-me num  
 largo do vil, em frente de uns prédios altos de  
 granito. Percorri a vila, curiosamente, sob a cu-  
 riosidade dos povoadores; vi as ruas esbeltas  
 de casas altas e maneira barbuense; vi, aqui e  
 ali, restos de edificios militares que abriam um  
 passado guerreiro; vi inscrições de relevo e um  
 velho templo que me pareceu valioso; e final-  
 mente procurei uma subida ás muralhas para  
 tomar ar e alargar a vista.

Todo o circuito da muralha defensiva tem,  
 sobre o rio, os campos e as povoações, uma admi-  
 ravel e impressionante superioridade. Foi a primeira  
 vez que dei a volta; mas nessa segunda volta eu  
 vi que o jardim se alargava em paraiso e eu  
 iria ali ter, para consolar, uma benéfica repa-  
 ração aos meus trabalhos. A suavidade do ve-  
 le, especialmente, chamou-me a atenção alio-  
 rada; a tranquillidade da paisagem teve efei-  
 tos emollientes...

Vamos a ver. O mundo é largo e... não  
 é feio de todo.





4 de agosto.

Não se imagina como este Minho é alegre e festeiro! As festas, as romarias, as procissões sucedem-se quase todos os dias, num continuo estalar de foguetes, num esbrideio ben-zinar de filarmónicas. Sua alegria, que riso aberto, este Minho pitoresco!

Debem, levantei-me ás 4 e meia de madrugada para serviço. Subi á vila; e ainda a novas corria lá de baixo, do rio, e esfarraparse de encontro aos pinhais e ás latadas das quintas marginaes; ainda o sol apenas deura a crista penhascosa do meute do Faro subão bem recobrado, em alcantis, sobre o azul-verde do céu da madrugada; ainda no vale se não ouvia o penetrante chiar dos carros nem o alegre cantar das mulheres para o trabalho; — pois já eu pensava num musica, esbrandosamente a tocar um organico desafinado, em guisa de alvorada festiva. Logo na lgreira, subão ainda enculcaba pela nave que pulsa do rio; de modo que o som vinha daquelo leuçal claro de neblina, misteriosamente, mas argentino, vibrante, vibrante. A festa era á tarde e á noite; mas a alvorada ali estava annunciando alegria.



Pois bem! Depois do recolher, acabado o serviço, vim ao hotel, vesti um fato velho, fiz um boné na cabeça e vesti-me á esbriado para ir ver o arraial. Já ao descer da vila, ao pair das muralhas, eu via ao longe, através das latadas e das arvores, as luzes do arraial e ouvia o estalar dos foguetes e, vagamente, os desceantes arrastados e tristes das mulheres.

Não reservei e fui: a minha nostalgia ficou com os tristes cantos; mas iria ver o arraial, tomar um banho de poeira e ~~me~~ deliciar-me na contemplação de novos usos. A noite estava escura; muito ao longe, relampejavam; dum atalho do lado da Serra do Faro, vinha um canto arrastado, ressonando a galego, um que se prolongava a nota final de cada esbriado, em tons, harmonicamente, deliciosamente: era gente que descia da Serra para a festa; do lado de São, a mesma toada plangente dum outro grupo que avançava; atrás de mim, um grupo de raparigas de Valença avançava, cantando a mesma coisa que ás vezes tomava um ligeiro sabor religioso; e de frente, do lado da Urgeira, esse mesmo harmonia triste vinha esbrar nos meus ouvidos. De todos os lados, esse combico arrastado, a rescender aos cantos da Galiza, vinha descer-me.



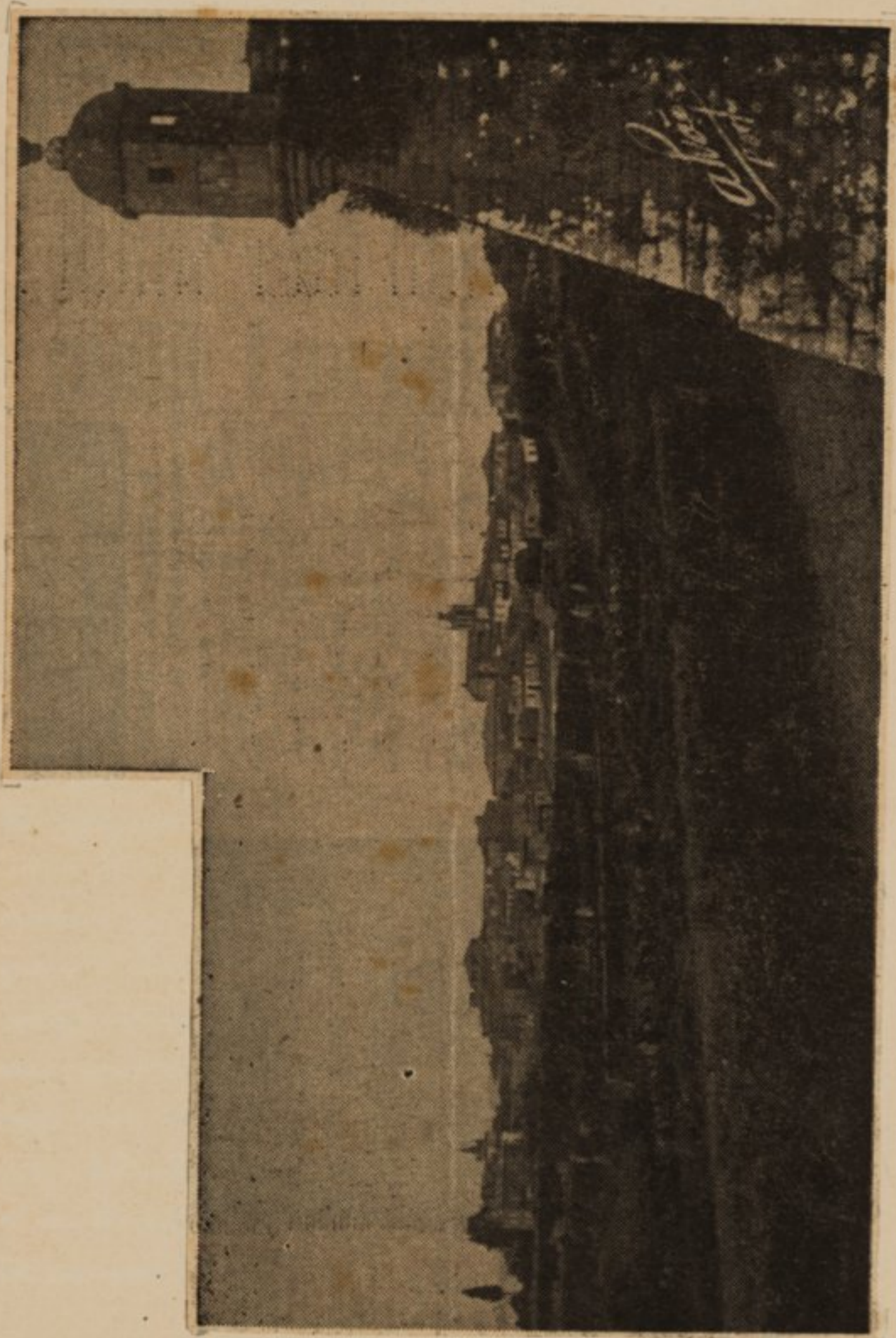
A noite escura deixava brilhar, fulgurantemente, as estrelas todas; o vulto da serra fronteira da Galiza recortava-se no escuro do céu, lembrando-me pecuarios fantasiosos; e eu, metendo a meu atalho pedregoso, entre latadas, tão observado já que meu dano pelas pedras com que topava a cada instante eu com alguma notable lamacentia oude correra agua das regas.

Que noite impressionante! O ar calido trazia-me o cheiro acre dos pinhais e o perfume dos jardins sob latadas amarrucis; a terra, ainda humida das regas, cheirava bem, também; e o brilho infinito das estrelas, por de cima, tenturante, indopáum, atravez dessa atmosfera que sebe, o que já no mínimo almeja de exilado. Que tristura de noite!

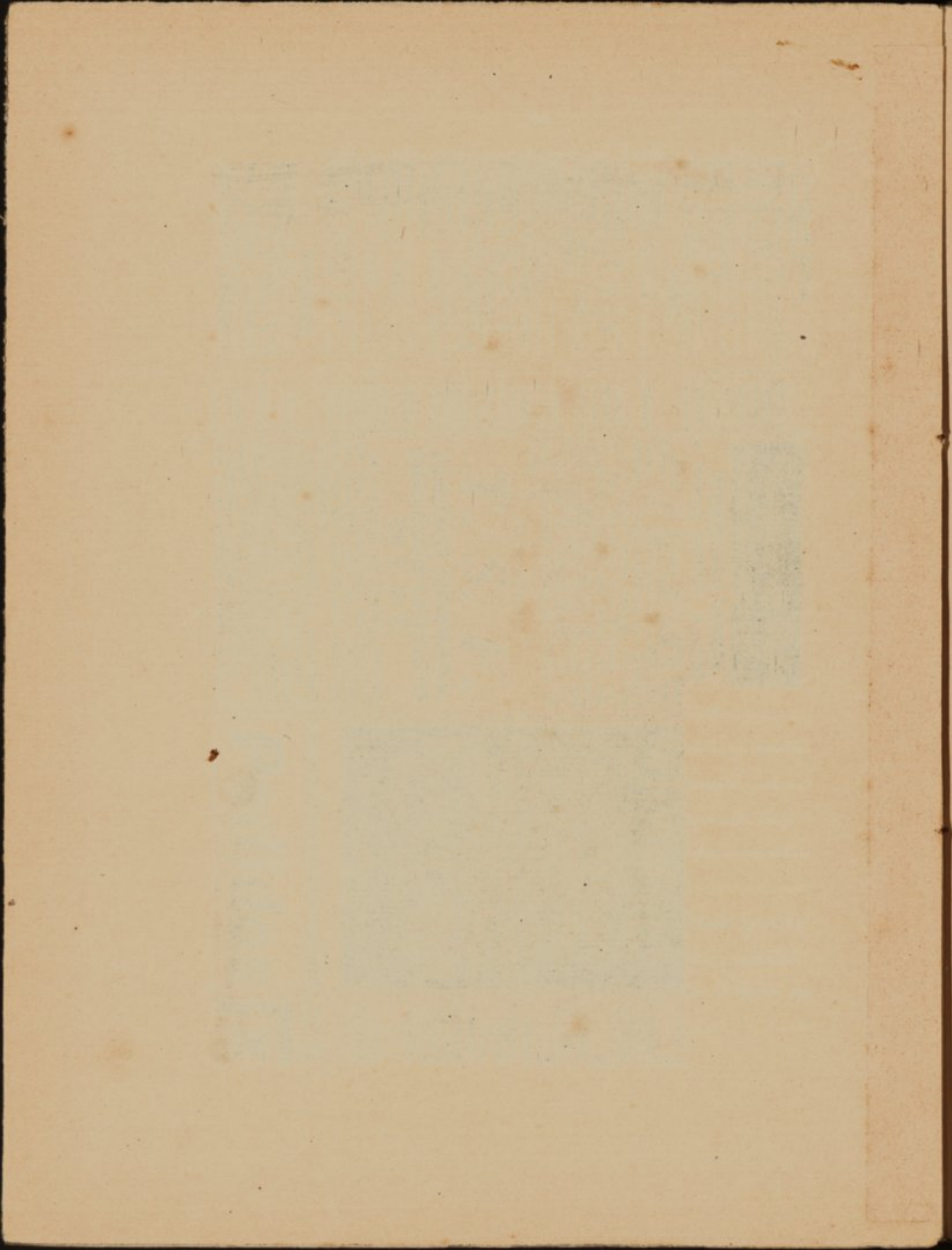
De repente, a meus curvas do atalho, ouvi na povoação e ouvi diobintamente o canto até aí languineo; vi, no meu lado frente, um largo rodeado de postes com balões á minhota; havia, ao péis, uma capela e perto deis ceretos cada um para sua filarmónica.

Muita gente passava; havia umos focina leve, no ar; e eu percorri o arraial, vendo e observando com a curiosidade dum beirão que nunca foi só Minho.











Leutei - me, também, como maneira  
frabica de afastar a tristeza, de ver se havia se-  
nhoras no arraial. . . Havia, pois; meu mes-  
mo se compreende que não houve.

A um dos lados do lago havia um pequeno  
duma quinta e nele arulava um caraman-  
chão coberto de trepedeiras; nele estava um gru-  
po de senhoras de Valença e, sobre elas, uma  
que, ha dias, me chamou a atenção no teatro  
da terra.

Um comparsa de zarzuela dava um es-  
pectaculo; eu não faltai e notando certo grupo  
de damas no balcão que me pareceram distin-  
tas, e perguntando a um rapaz conhecido, meu  
vizinho de cadeira, que, elas eram, disse-me:

— São as mais distintas do nosso ha-  
te-gomme . . .

Ora, precisamente, esse grupo elegante,  
estava no caramanchão vindo o arraial ale-  
gre; e no grupo essa tal dama, de busto cor-  
recto, de aspecto nobre, muito interessante para  
mim, que no tal espectáculo de zarzuela aumen-  
tou um pouco a minha tristeza de exilado. . .

Parsei para um lado e para o outro, sob  
a curiosidade maliciosa das damas do miran-  
te; e como a fozia fosse péde, dirigi-me ao



comandante da pequena força de caçadores que fazia a policia do local e que estava encostado a um largo parbão fidalgo, perguntando-lhe se de poderia beber um copo de agua fresca. Do lado, um rapaz novo, de oculos, que eu tenho visto em Valença, mas eu queim, no occasio não reparai, e' que respondeu:

— V. l. c. Tem a bondade de subir... beba V. l. c. a agua que quizer...

E spontanea a subida duma esplendida quinta, onde eu vi, a uns 30 metros, uma casa de aspecto fidalgo, cheia de luzes: era a quinta murada ~~em~~ em cujo caramanchão o grupo distinto de raparigas me appareceu ha pouco. Agradei, excusei-me: não queria incomodar... o traje... as senhoras...

Mas ele, polidamente, insistiu. Entreei. Bebi, realmente, a agua que quize; conversei um pouco; e fui depois apresentado á mãe, á duas filhas, e outras senhoras e, entre ellas á tal de vestido branco, de pente alto e molhe, de busto soberano que deixára o caramanchão e se viera sentar ao pé das velhas...

Final, a casa era do falecido 1.º barão da Urgeira; a mãe do rapaz que me ofereceu a agua era irmã dela; e ao pé das duas damas



havia ainda uma aubra, casada com um fidalgo qualquer, e que era a mãe da tal menina. Erba, foi-me apresentada assim:

— Minha prima, D. Antonia Zagalo de Mascarenhas...

— Muito prazer... etc.

Foi distinctissima no cumprimento. Eu fiz de desculpa do traje: um arraial, e noite, o pé, os meus corrinhos... Mas daí a pouco, o rapaz que me ofereceu a agua e que se chama Americo Arthur Norton (que data de fidalgo, meu Deus!) levou-me ao caramanchão, para ver em baixo, no largo, a festa; os balões já começaram a espagar-se, mas o vinho começava a ascender os annos. Sentei-me, sob as trepadeiras que caem em docel; conversei; não tardou que a conversa se juntasse a duas damas, uma das quais a fidalga D. Antoninha; e aí comecei eu, sob o docel das trepadeiras, a fantasiar cousas, a fazer para longe, e fazer fugir como as duas damas... O primo Arthur foi-se embora; a aubra ficou, debruçada no muro do mirante, memorava um rapaz de Valença; e eu fiquei-me a falar, sózinho, com a afremada D. Antonia Zagalo, levando-a em imaginação aos piceirais do



meu Mondego; cantando com ela versos na lingua dos Erbeiros; subriestecendo-a com a suavidade doente do Pseudo da Saudade; enternecendo-a com os milagres da Rainha Santa; e derrogando-a a deitar uma lagrima peubimuebal pelo profundo caso da morte triste de Inez...

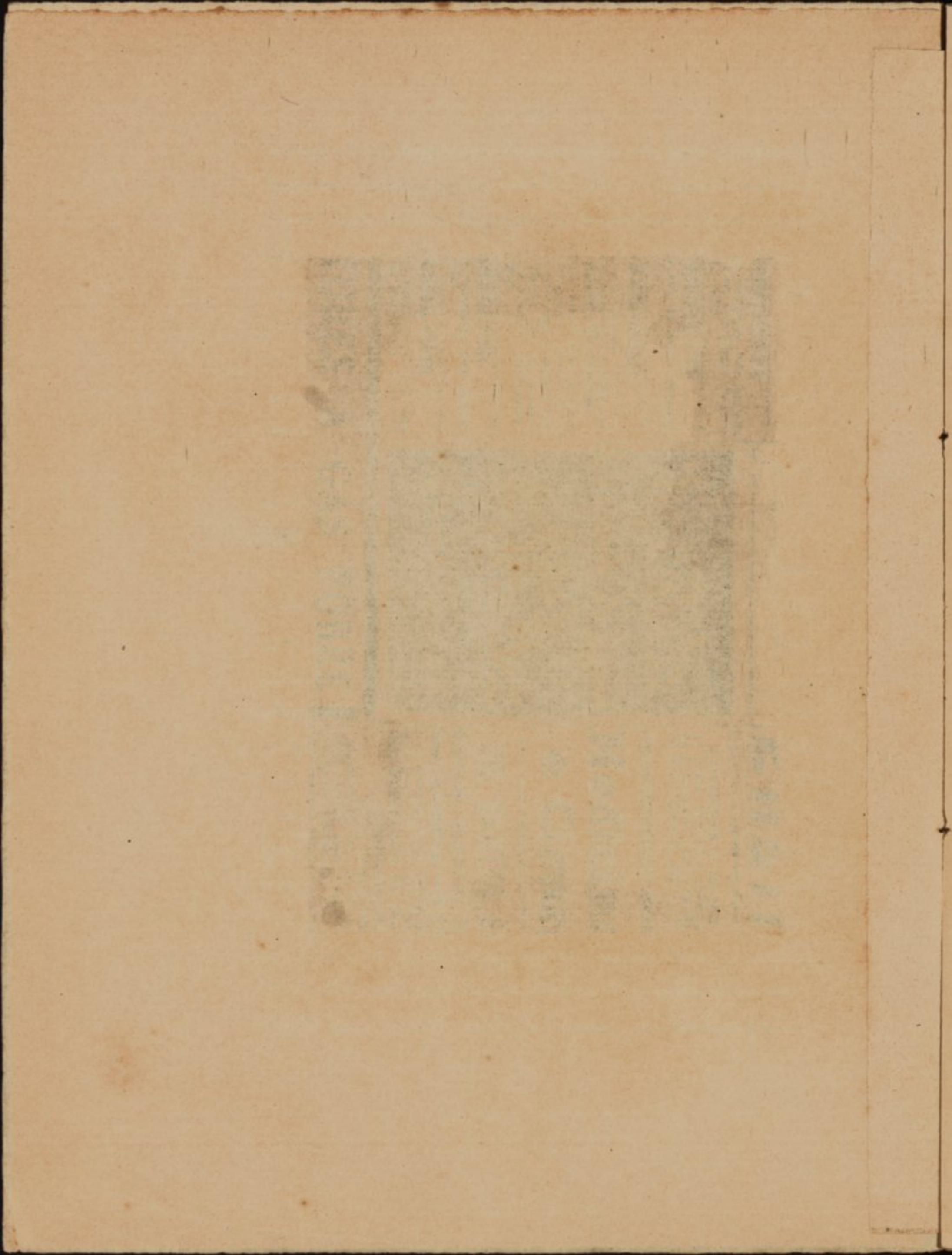
A noite peguia o seu curso. O arraial esmerecia; as luzes iam-se apagando; do jardim da quinta vinha o perfume mueruo de flores; os cantos dolentes da festa commecavam a perder-se pelos atalhos, na rebirada dos festinos; e eu ia esquecendo as horas naquella suave conversação...

Enfim... já passava das 2 horas da manhã quando me rebirei. Pelos atalhos, ainda peubia o "canto triste dos ranceiros que se afastavam; a noite, cheia de estrelas, estava ainda perfumada; levantava-se do rio, uma luminosidade tenue; e o vulto pinuoso da torre do Farro desenhava-se com elegancia. Seriam 3 horas quando me deitei; e não sei se ponhei, por sobre as tristezas dum cerebro de exilado, com o vulto branco, romenbico, peubimuebal, da D. Antoninha Lagalo de Mascarenhas, a firma flôr da Haute-gomme (como dizia o outro) a mais toleranceira e molre das raparigas de Valença, mostrando o busto correto, apri-











ruado, por sobre a verdeura do caremenhão,  
à luz dos balões do arraial. . .

17 de agosto:

Ante-aubeu, no monte do Faro, na ro-  
maria, passei um dia excelente.

A vista é soberba: desde o mar, oude de-  
pague o rio Minho, até Melegoço, perras do Sua-  
jo e da Calveira; desde as perras do Nizo e de  
Monforte, na Galiza, até quase à perra do Sa-  
meiro, em Braga; tudo se avista, num lan-  
go conjunto, por sobre os pinheirais finos e o  
verde claro das vinhas e dos campos de milho.

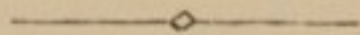
A bacia do Minho, até à sua foz, <sup>...</sup> vê-se toda,  
numa enfada; para o sul, vales fundos, com  
penhascos esseguidos, peruiam de moldura as  
primaveiros campos alegres do Douro; em baixo,  
a vila, cingida pelo seu traçado abaluartado,  
destacava-se bem no vale exuberante, estuante  
de verdeura alegre. É soberba, a vista.

A romaria é fraca, é quase insignifi-  
cante, mas não deixa de ser curiosa. Danças,  
descantes, comensinas, fogueiros, uma filarmó-  
nica, alegria, muita alegria, sempre a mesma  
alegria!



As horas passaram, na contemplação da terra que, para delcete dos olhos, se estendia para um e outro lado. A' sombra dos rochedos da crista do monte, ao fresco da rirração do mar, eu passei horas de meditação, de recolhimento, embalsando-me na leitura do pccuario, passando eu peries, a minha vida...

E ao longe, o rio Minho, proteado com o sol, corria de encontro á barra onde uns pontos escuros indicavam navios furdados; os pinheirais sussurrávam com melancolia; e uma nascente de agua, bem perto, com agua gelada, bem gelada, cantolava de pedra em pedra.



14 de dezembro:

Hoje, quando o carueteiro tocou á alvorada, pela janela do quarto de inspeção, entrou uma luz muito escassa ainda.

Abri a vidraça. O céu já tinha a cor clara da manhã, com uma neva tenue que apagava o brilho das estrelas. No largo, em frente, ninguém; apenas as arvores balançavam ao vento, com lentume. A' varanda passeava com as mãos róxas do frio; e eu tive o apetite de ir ao alto do baluarde de Santana,



junto do quartel, para ver romper a manhã.

Estava fresco, ainda, para a minha farda de colim; o vento que corria era fino e húmido; mas, em compensação, que beleza de alvorecer!

O rio, em baixo, com uma ligeira neblina, corria por sobre a areia; a ponte aparecia como uma grossa linha recta através do verde claro das juncas; adiante, a casaria de Tuy e energia do fusco-fusco, a custo, dominada pelo vulto grande e negro da catedral. Al pé de S. Julião, em frente, esculdava os primeiros planos, com o alantillado de sua crista que vai pender-se ao mar; e para o longe, apareciam os contornos primeiros de outras serras galegas até se desfazereem na penumbra. Mas tudo isto, com a indecisa luz de madrugada tomava um carácter tristonho.

O frio repassava-me; voltei costas e fui ao baluarte perezinho que domina a porta da Boxada; e subo aí, foi um estender a vista pelo grande vale que vai pender-se nas serras de Bermeira e confundir-se com as de Atreosa, para os lados de Viana; pelo vale que nasce na Serra do Faro ou de a capelinha branca do Senhor, na cornice e aparecer, mesmo quebrado, por sobre as carvestheiras — e vai morrer lá bai

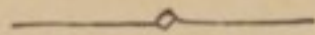


no, quase ao pé do mar, numa confusão doirada de luz e de nevoa.

Em baixo, através da verdeura do vale, em grandes linhas rectas, um coubois curvo, silvando, para o sul; e um bargeito, ao longe, em frente de S. Pedro da Torre, com uma vela branca, navegava alegremente pelo rio.

A luz da manhã aumentava; a nevoa ia-se tornando mais transparente; divisavam-se bem as modas dos pinheirais sobre os campos cultivados; as povoações começavam a aparecer sobre a verdeura, com algum fumorito das chaminés; e ao longe, sobre o mar, uma nevoa alveolada ao surgir com os pinheiros cobertos de sol.

Estava acabado o crepúsculo; a quadrada peguia magestosamente; a neblina curria para o mar e destapava a terra toda; e numa povoação galega, na outra margem, estalou um fuzete festivo. O sol espreitou, a medo, por sobre os montes e um foguete de caneta fez-se descer do baluarte. A manhã peguia o seu triunfo incomparavel; a terra desnudava-se, como modelo que se oferece, voluptuosamente, a um artista.





18 de setembro :

Hoje, o pôr do sol, sobre a serra frágil de S. Julião, na serra marçã, foi dum grande suavidade; a serra avermelhou-se, ficou quase ensanguentada e assim esteve muito tempo, dolorosamente, até se tornar cinzenta com o desaparecimento, na neblina do mar, do astro rei dos poetas.

Este pôr do sol, hoje, deu-me tristeza. E depois, os campos, nesta época de colheitas, começam a amarelarem; o rio vai correndo sempre sobre os mesmos palmeiros...

E' sempre a mesma terra de exílio, tudo me parece acerbamente a desterro...

20 de setembro

Os noites de luar que foram sabado, esplendidas, trazem-me sempre á ideia, as noites de Coimbra, quando a luz da lua e a água do Mondego e subistecia mais o verde sentimental dos palmeiros e quando dum sua aubia parte a harmonia dolente dum fado, gemido numa guitarra de serenata. Deves, esteve umas noites dessas. Quando anoiteceu e eu passava o tempo



fara ir ouvir a musica, subi á vila, subi pela muralha do nascente e por ella fôra fei dar ao baluarte do Socorro onde, por invisão uma velha peça de bronze de alcaza lisa, leuvida no seu bronze bem fundido, está apontada a encadernadamente para Tui como se estivessemos em constantes sobressaltos.

Quando ali cheguei, a luz dava-se cheia na velha casaria de Tui; a luz electrica punha bem distincto o contorno da cidade e mostrava a linha da esbada; e a cathedral, monumental amontoado de pedra negra, punha uma nota escura no claro da paisagem.

Estava, na verdade, esplendido, a noite! Sentis-me bem ali, sentado sobre o muro da canhoneira, vendo em baixo, lá no fundo, a esbada da ponte e o rio cercado por sobre os salgueiros que eu não acho tão bonitos como os do Mondego... Al perder de vista, as pedregosas da Galiza, estendiam-se para o norte; ~~estendiam-se~~ e ao nascente, um ponto branco apparecia no paço preto da serra do Faro: era a capelinha branca da Virgem, entre as grandes carvalheiras.

Estava fresco; havia uma tenuissima neblina; mas que beleza de noite!



Na ponte passavam as raparigas que andam empregadas nas parróquias de Tuy, cantando uma variante triste do fondaugo galego; e no rio andava um barquito com passageiros que tocavam violão e cujos sons me chegam lá acima, plongeando, misturados com o murmurar dos remos.

Deram oito horas; dei por terminada a contemplação; desci do baluarte, atravessei a vila e fui para o largo onde tocou a murice do batalhão seguinte as murinas da terra passeavam dum lado para o outro, contando as rapas dos incautos e dando um pouco de atenção aos alferes abinadicos . . .

— 0 —

23 de setembro:

Parece impossível que Valença com murice aos domingos e quintas-feiras, seja abençoada! Parece impossível, mas . . . não é.

Mas o que é a reunião musical das quintas e domingos, nesta ditosa terra de murice?

Imagine-se o que vou descrever. Em frente do quartel há um largo que serve de parada; dum lado, a fachada triste e esquisita



do aquartelamento; do subro; uma serie de casas, do cubigo formado das praças de guerra, que não podiam passar acima das muralhas; ao fundo, a vista estupida dum paiol com dois pára-raios; do lado correspondente, a parede lateral duma capela. Aquei está o que é o largo, com a agravante de, por cima dos toldados apparecerem as muralhas negras, rodeando tudo; e para fóra disso... o Céu!

Em um dos lados, armam-se, encostadas á capela, as estantes para a musica; ao longo do largo, formando um corredor, collocam-se uns bancos de arcações regulares para quem se quizer sentar; mais junto do quartel ha umas cadeiras para senhores da alta da volenciana; e aqui está, sem exagere muito, o grande passadio onde a musica toca, duas vezes por semana, em homenagem do Minho, terra boa de sua lingua e de tradições de pacotiz militar.

Agora, as passantes. Primariamente, estbam no largo as "moças gentis", que são duas irmãs altas, elegantes, bem vestidas, mas feias; peguem-se as Barrios, duas irmãs muito parecidas, morenas, com bozes oltros, pequenas, com os olhos altos para parecerem mais-











nes; depois, as d'ns irueãs Boelhos, com grandes ares, elegantes, suas de feições ligeiramente pirrmanas; veem as Vitar Illyo, pequeninas, saltitantes, arrebitadas, faloderas; peguem pe na subreda na areia, as Soares, mocetonas rijas, fortes, interessantes, resfinando paude e fidalguia; as Lobos, muerenas paudaveis, de olhos abrevidos; depois, as Fragosos, as Lopes, as Passos... etc. etc.

Tudo isto anda de lá para cá e de cá para lá, falando, dando encontros, dizendo real, conversando acerca da vida do quartel (porque em Valença tudo sabe o que se passa no quartel) e, para variar, memerando o peú bocado.

E aqui está o que põe as queixas e do. meijos em Valença. No fim toca o hino da Carta; a pouco e pouco commecam a sair as Passos, as Lopes, as Fragosos, as Lobos, as Soares, as Vitar Illyo, as Boelhos, as Barros... etc. etc. pela ardeur estabelecida ficando por fim o largo vazio. As fachinas recolhem os bancos; os canhões tocam a recolher; e daí a 10 minutos o largo fica silencioso e apenas se ouve o passar compassado da sentinela. E aqui está...  
Immensamente, superiormente diverbido.



9 de novembro:

Depois do almoço, ao chegar ao quartel, chamáram-me a atenção para o rio Minho. Na verdade, dum baluarte, vi que o rio, em baixo, corria rápido, com uma enchente considerável, e que as pedras galegas, em frente, enegrecidas pelo regime do dia, se tinham tornado feias. Seu plano inferior, dentro dum ruído avançado ou de uma fonte, melhanes laváram-se; e a sua concha arrastada, monotona, ia ecoar, lá ao fundo, nos contrafortes que deitam sobre o rio.

Para o lado da vila, o panorama, é de tédio; de uma ou outra janela mais alta, pendia sobre a enchente ao vento e uma ou outra cabeça curiosa surgia a espreitar os astros, a ver se vem o tempo bom.

Realmente, o tempo melhorou um pouco; embora pelo céu rolem nuvens grossas e pesadas, há rubomas de melhores dias, e esperanças de que sobre esta monotonia da prisão no quarto de hotel, e volteem as tardes limpas e tristes, que deixam ver o vale todo a subir. Veer gradualmente, quando o fumo da casa começa a subir e a envolver as casas das al-



deias e se ceuserem, serenamente, pausado  
 polve os telhados e se esfarrapa, aos poucos, que-  
 ras de encontro ás arvores mais altas.

No pueus, a vista corre á vontade, e a  
 alma alivia-se com a peregridade da natureza.  
 No pueus, a agua tranquila do Minho, sobre  
 salgueirais, espelha a margem espanhola e mos-  
 tra os recortes agudos das pedras.

1908: 14 de fevereiro:

Na terra, os meios desta gente se dividi-  
 rão, dividem-se em tres classes: os bailes de  
 alta roda, os bailes de média e os do povo; isto  
 é: os da aristocracia, os da burguesia e os  
 do proletariado.

Em tudo, até nos dinheiramentos, ha a  
 eterna separação das classes!

Pois cá, em Valença, ante-onhem e au-  
 tem, recommecaram, depois de respeitoso luto  
 pela morte do rei e do principe, os bailes todos  
 e eu, como bom valenciano que quise ser,  
 a todos fui ver.

Os da aristocracia, isto é, os da gente  
 mais grada da terra, são dados na assembleia,  
 com grande ar, e chamam-lhes os bailes de



"haute gomme", os bailes "chico", os bailes da "crème", valenciana...

Os da burguesia — como se não fossem todos harrinelemente, esbuzidamente burgueses! — são dados no teatro, á Lisboa, com cadeiras pagas nos balcões e galerias para as damas verem; concorrem as raparigas e quem o orgulho da "haute-gomme" chama triconas; de modo que, a estes bailes, chamam-lhes por despreso — o "triconé".

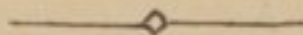
Os outros, os do povo, são dados numa casa alugada, enfeitada com fitas e lousas velhas, serpentinhas e gravuras de jermas e são concorridos por credas de servir, raparigas do povo, soldados, etc. E como aquilo para o orgulho da burguesia representa a escénia, chamam a estes bailes os bailes da "trangalhada" — nome espanhol que quere dizer mistura de coisas más e ruias.

Aqui está o que são os divertimentos valencianos; e eu que costumo em Roma ser no mesmo, vou aos primeiros, aos da "haute gomme", converso, danço quadrilhas e arrasto a arca quando posso; aos segundos, vou ver, do balcão, pagando a cadeira; aos terceiros, vejo-os... mas de rua, de passageiros.



Isso é: frequente a "crème"; oho completa-  
mente o "tricané", e desprazo com nêjo a  
"trangalhado"...

Ueu completo valenciano...



26 de fevereiro.

Domingo magro. Ueu esplendido dia de  
inverno. A paisagem doce desta parte do Alto-  
Minho, polerescaia com a luz branda do sol ~~em~~  
aiuda fraco. Em todo o vale havia uma tran-  
quilidade consoladora.

As 4 1/2 da tarde pensei mo que iria pela  
vila: eram horas de jogar o entredo e pelas  
ruas devia haver movimento. Fandei-me, em-  
brulhei-me no capô e fui, estrada acima, para  
a vila.

Na rua principal da vila, os habitantes es-  
tavam todos á janela; senheras e heuseus,  
agrupados, estendidos pelas varandas, curiosa-  
mente, viam...

Viam o quê? O que é que toda aquella gen-  
te via?

Via a rua... vazia!

E eu, poleramente, cumprimebando  
para a direita e para a esquerda, passei através



daquella gente bem jantada e curiosa que olha  
 ua . . . o vácuo!

No largo de S. João, o coração da vila, a  
 mesma coisa; mebi á rua direita, a rua  
 mais importante da terra, e a mesma coisa.  
 Tudo deserto; e eu cumprimentava sempre,  
 para a direita e para a esquerda, e toda aque-  
 la gente baixava a cabeça necessariamente.

No fim da rua, passando ao pé da casa  
 do general Almeida, referendo, eu de reu-  
 me a alta roda, senti que qualquer coisa caia  
 junto de mim; não olhei para o chão para fin-  
 gir que não dava pelo caso, mas, de novo,  
 qualquer coisa caiu pesadamente . . . Olhei de  
 postais: era uma correlia branca!

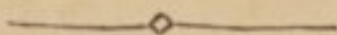
Parei, olhei para as janelas e conheci:  
 era a filha do general, era a Saraminha Sobral,  
 era a Bêbe Seixas, que furiosamente me con-  
 riam . . . o correlias! Tive de ser galante pe-  
 rente tanta galantaria: tirei a capa, fiz dela  
 uma espécie de saco e recolhi as flores que  
 caíam de sobre, lançadas febrilmente . . . E  
 agradecendo, confessei ás tres nobis damas de  
 "haute-gomme", que as correlias tinham sido  
 muito mal suspensas . . . Conheci de novo  
 e pegui o meu caminho, levando caubelosa.



mente o saco com as cornélias que, mais a-  
 diante, caubelosarmente também, eu fui deitar  
 da muralha abaixo, para o lado do rio.

E pareuamente, auguando a tarde caia pe-  
 rena e fria, desci e vim jantar.

E aqui está o que foi o domiyo magro no.  
 leuciano . . .



P



## O Senhor do Bomfim, em Anhões

Valença do Minho

1907: 21 de julho:

No dia 12, á noite, depois de um passeio a Tui, fondei-me, puz as corceias e fui para a vila. Ao chegar ao quartel, estava a força já formada; tornei o comando; desmontei a espada, e segui a pé, transpuz a porta do Sol e desci para a esbada de Mouzão.

Ja para a reuaria do Sr. do Bomfim, em Anhões, concelho de Mouzão, onde a ordem publica exige a minha presença e onde a minha curiosidade ia exigir observações.

Uma romaria no Minho! Ja ves, de ferro, uma reuaria minhota; e por aquella noite fôra, esbada adiante, eu ia já subvertendo as maravilhas de luz, de alegria, de bulicio, de fanatismo — cousas que se leem em reuam-



ces e se admiram em quadros e gravuras e que por isso meesmo, avultam no fantasia.

Da primeira parte da viagem nada sei dizer; a noite estava escura, e por essa estrada fôra, mais ou menos plana, ao principio, via ainda as luzes de Tey, á esquerda, mas depois, nem isso, era só a escuridão para um e outro lado. A beira da estrada, via ás vezes grandes rengues de pilastras de granito com latadas e de quando a quando, o rio apparecia-nos, passando perto, como a guiar-nos por aquella marcha fronteiriça.

Assim andei uns oito quilometros; a fonte chamada "dos burros" é que deixámos a estrada e metemos a um atalho. Um soldado dos ritos ia á frente; e então foi um caminho atravessado de pinhais densos, de fazendas onde as latadas cobriam o caminho, de poutos cobrados, de açudes onde cabelos e mestece se atravessava sobre pedras escarpadas com selgueirais a rodearem pelos bonés, de bocados de terra alagadiça onde passavam as agua de rega — enfim, uma serie de atalhos sobre atalhos que de dia deviam ser dum fidalgo encantado.

Da o paragem ia-me contando causas da provincia: as nevarias, aqui, no Illo-Mi.



nhão, pão sempre os leques e de povoações vão resolver contendas ambíguas e rivalidades ancestrais; para aqui, a grande arma é o pão, o melão, o cacete de carvalho ou a cana de Índia; em todas as reuniões ha sempre graves desordens e que pesba a que nós iamos, se esperarmos o encontro sobre os leques de Riba de Mauro (do concelho dos Arcos de Val-vozes) e o de Souto, povoação da terra do mesmo nome; que está gente era a gente mais rija de Portugal, ou pelo menos, do norte de Portugal, etc. etc.

Erão estas as impressões que eu ia recordando; assim ia fazendo conhecimento da região desconhecida que ia atravessar; e assim ia vendo á minha frente esse rude prelúdio de povos, por costumes atáxicos, que eu teria de evitar ou de dissolver a força...

O marche foi seguindo até ás 4 da manhã, hora a que chegámos á povoação de Pias, sede da freguesia do concelho de Mourão. Parámos aqui; tratámos á porta de uma venda para fazermos café; e depois de confortados com o café quente e pão com manteiga, lá seguimos o mesmo atáxico até á esbada dos Arcos de Val-vozes. Era já dia claro, começava a distinguir-se a paisagem.



Depois de um escasso quilometro de estrada, de novo subimos a um atalho, atalho que começou a escalar o monte nu, alantilado, onde está a capela milagreira. O sulido cubou, na verdade; o atalho era inseguro, não havia agua e o sol, embora baixo, ficava muito.

Por fim, ás 6½ da manhã, por uma rua muito redida, ouvindo tocar dois bumbos e duas caixas extraordinariamente, dei subrado no arraial que me lembrava, pela situação, a Senhora das Preces na Aldeia das Dez.

No alto da Serra, num começo de quebrado, está a capela e seu freixo, com o intervalo dum pequeno terreno, uma casa — a "casa da mesa". Grandes carvalheiras encobriam o terreno e um largo espaço em volta; á volta a serra nua com tojo e muito bravo.

Aqui está o que é o local da reunião do Senhor do Bonfim onde no dia seguinte se reuniriam umas 6 a 7 mil pessoas.

No chegar, os bumbos tocavam, ao desafio, dumna forma curiosa e como eu nunca vi; os tocadores saltavam, davam pulos curtos, como selvagens, lançavam ao ar as baquetas, mas tudo isto para perder o ritmo ou mesmo a... melodia; fora do terreno, uns homens



funhom de pé umas tendas de lousa e de venediam vinho; e mulheres, com os trajes garridos do norte, preparavam seus fogareiros em que haviam de cozinhar seus azeitões e queidos desta gente e que eu nunca percebi o que fosse.

Alvejada a tropa e depois de comer alguma coisa fui dormir em um jaco num dos espartilhamentos da tal casa que lá havia; dormi, ainda assim, umas duas horas, não mais: os bombos continuaram a sua musica, afinavam-se, davam os acordes preparatorios para a festa.

É claro que não dormi mais; e todo o dia passei a ver os preparativos para o arraial, desde o arrear das tendas para o vinho até ao afan da armação da capela — tudo num pocalo poço que não deixava adrinhar o bulicio do dia seguinte, nem a rixa annunciada.

N' noite, o fogo fresco, começou a juntar gente; o arraial começou a animar-se; o povo entrou a redorminhar pelo terreiro.

O «fogo do chão», como lhe chamam, é o ruído, no fim de contas, em toda a parte; é a ruída complicação inverosimil de câns, de foguetes, de bombas, de rodas e rodinhas que andam e desandam, que terram e que veiram, que assolam, que zunem, que esboiram e que



provocam no povileu um largo e abafado ah!... de espanto.

Eu fui para a janela ver o povo redorminhos e cantar. É que curiosa que é a diversidade dos trajes! Raparigas perfeitas, esbeltas, com o peito coberto de siso — cruces, corações, argolas, cordões grossos, cordões finos, uma meubria, enfim, de aniversários — davam a maior alegria ao conjunto; as danças multiplicavam-se, sempre a mesma dança regional, misto de galego e de mineiro, monotona, arrastada, mas movimentada; as filarmónicas não faltaram, e — levado o Supremo! — em vez de uma só, apareceram duas: a de Monsanto e outra de ao pé de Braga, flamantês com fardameiros garbados, imitando fardas espanholas. A animação crescia e a minha curiosidade rejubilava.

Tudo isto parecia muito mais interessante se eu não tivesse sempre na ideia o falado contenda entre os dois povos; olhava para o arraial atentamente, mas receava sempre ver, a cada movimento, o povo debandar e, no espaço em branco, aberto pela fumaça, dividir dois grupos de homens batendo-se a páo, como em qualquer revanche de fantasia.

O numero das bandas era já enorme; me-



las vendiam-se capilés e cubros refrescos; havia pipas de vinho colerbas com ramos de louro; havia esvazados cestos cheios de pão farinhoso; e havia ainda a exploração dos rosários, fitas, espetos, flores alusivas á romaria de mistura com conchilhas, agulhas, relógios de sol e cubros bugi-gongas meimimas.

No leuço dos reuques das tabas tendas, o povo passava, descia e subia; á volta dos cerebros juntava-se tambem um grande magotés, e ao som da musica que as filarmônicas tocavam alternadamente, organizavam danças animadas pelo seu bom harmonio que não se preocupava muito com a afinação. Os foguetes zurrindo pelo ar ia alternando minisitamente a pena, a pena rusa, negra e deserta.

Assim, o arraial ia-se animando; de cada vez chegava mais gente; havia verdadeiras migrações das aldeias vizinhas. alguma occasião eu que eu estava no varanda da casa, um soldado alvarocado, apontando para o povo sobre a casa e o primeiro cerebto, disse-me:

— Oh meus alferes! ali vem a "esquadra-drilha" do Suajo!

E eu olhei: por sobre o povo, passando bicha que bem se distinguia pelos varapaus de car-



velho por descaçar, um fileira de hameus rom-  
pis, um pouco á bruba, com um á frente tocando  
do harmonium; eram hameus de mediana es-  
tura, mais abé para o baixo; vestiam calça  
justa, canete vermelha, camisa branca com gre-  
ga nos ombros, amarejada nas mangas deixando  
ver a camisola; colete preto, cebra larga e de al-  
guns traxiam grandes navetas ou punhais e,  
segundo la me disseram, não raras traxiam es-  
condidas pistolas velhas, do tempo da Maria da  
Fonte, mas que ainda assim n'esta gente.

Eram uns riobé e tontos, vinbe hameus  
frentos para o que deere e viesse, vinbe pelvageus  
decididos; a sua apparencia era de respeito e, na  
verdade, eles andavam sempre juntos, em columna,  
com os cacetes prontos, mesmo ameaça, como em  
desafio altivo.

Considerarei, filosoficamente, que era esse  
aquela gente que me devia de bater; e ouvindo nar-  
rações de costumes regionais e aventuras de  
bandeas e romarias; ouvindo a historia de  
um célebre Felix da Gaveira, um hameu que  
ri um mito! que já fez com que uma compa-  
nhia de Caçadores 3 fosse daqui a marche-mar-  
che á perre da Gaveira para lhe dar caça e não  
o encontrou; eubebido, enfim, com estas cou-



ras interessantes e inéditas, o tempo passou e chegaram ao 2.º h. da madrugada; o arraial po-  
cegou; toda aquella gente se deitou pelo chão, re-  
passando; e eu, ao recolher ao quarto que me es-  
tava destinado, ainda ouvi um dos membros das  
filarmônicas, antigo militar, dizer-me com en-  
xusiasmo que aquella povoação dali, Suajo, Ilcos e  
Riba de Mauro era a gente mais valente e mais  
rija de Portugal.

Seriam 5 horas da manhã, os bombos, os  
terríveis bombos, e as duas caixas de rufo, cujos  
vocábulos ficaram alojados numo logar por debaixo  
do meu quarto, começaram a afinar; depois,  
num crescendo, deram os primeiros «cordões»;  
e depois ensaiaram os primeiros compassos;  
e eis que rompeu, bravo, indómito, atroadores,  
a melodia da vespera! As paredes tremiam e  
eu, pegado no pé do corno erbava, acordei so-  
berreltado. E eles continuaram, audazes com-  
positores de extranhas harmonias, num desafio  
tremendo que eu parecia por baixo do cobrado co-  
mo um rugido ameaçador, um ronco colos-  
sal que annunciava um terrível convulsão de  
terra.

Olhei, extremunhado pela janela: o arraial  
erbava e recommear, e animar-se; pelos atalhos



que vinham dar ao terreiro, ~~arrastando~~ bandos de  
 homens e mulheres, alegres, cantando, dançando,  
 deitando foguetes, chegavam pressurosos; havia  
 uma luz triunfal por sobre tudo e por sobre a  
 neblina fraca que subia, adivinhava o magnifi-  
 co horizonte.

Dai a pouco, chegavam ao arraial, algu-  
 mas poucas de Mossaé; sobre elas, havia  
 uma rapariga branca, de belos cabelos negros, to-  
 da vestida de branco, distinta, com olhos de velu-  
 do... preto. Era de ilha, morava na estrada,  
 numa casa alta, á entrada, com latadas fritas  
 cas á frente, de onde se via correr rumbicamente  
 sobre o rio e as pedras alcantiladas da Espo-  
 nha... Neste Minho alegre e festeiro, até a  
 paisagem emoldura as belezas.

Mas o arraial animava-se; o vinho co-  
 meçava a correr pelas gabelas e as fripas a ren-  
 dir-se nas vasias. O calor apertava; o sol come-  
 çava a escalear; a poeira andava em suspen-  
 são e recava a garganta.

At certo altura, sobre o arraial uma  
 "promessa": á frente uma mulher edosa, de  
 joelhos, com um véu preto pela cabeça, segura  
 por duas raparigas cheias de ouro no peito, ar-  
 rasbando-se a cusbo sobre os joelhos talvez feri-



dos ; atrás , duas creanças com velas acesas ; a seguir , um homem segurando um vitelo novo , cheio de fitas nos pés e com fitas mais largas sobre o dorso , como num sacrificio pagão ! e ainda atrás , uns homens com cestos com mais oferendas . Tudo isto era uma " promessa ."

Bons tempos ainda de crendice e ignorância ! E como a promessa era grande , as duas filarmônicas fechavam o presbitério , polenemente , tocando umas marchas graves . E á frente , a pobre mulher lá se ia arrastando , quase sem forças , quem sabe se deante .

Hojeue outras depois , pelo dia adiante , mais coisa menos coisa , com ceremonial pagão e estalejar de foguetes .

As 11 horas , pouco mais ou menos , começou a festa na capela ; devia ser coisa de estalo e avaliar pelo perfume , prejudado de varanda , á falta de pulfrito . O povo , no terreiro , dançava , cantava , redemoinhava ; os bombos atiravam os ares ; os pequisos bebiam vinho e seu cima , no balcão de pedra da capela , á certa altura , appareceu um padre , bateu as palmas , berrou , gesticulou , quiz chamar a atenção do publico devoto . Mas qual ! . . . Só mais hora depois , á força de fulemas e de palmas é que conseguiu um re-



lativo silencio no auditorio inquieto; e ai  
começou ele ciuma arenga complicada, ciuma pré-  
dica enarue, ciuma copia vasta de gestos, de mur-  
ros sobre a pedra, de citações latinas intercaladas  
que, de quando a quando era intercalada por  
um canto irreverente de harmonio nos confios  
do arcaial ou ciuma ou sobre fardada peça mal-  
quem bombo mais insofrido.

Depois, logo que terminou o sermão e o  
pobre recolheu, foi um alivio! Parece que as  
iras do Senhor arboraram suspensas, largo tem-  
po, sobre aquele povo alegre; mas ele acabou, tu-  
do cantou, tudo dançou, tudo redemoinhou!...  
Do silencio succedeu o barulho infernal dos bom-  
bos, das caixas de rufo, dos marbeiros. E dai a  
pouco, poleua, camparada, paine e procissões do  
Senhor do Bomfim.

Procissões?... Eu não sei bem o que che-  
me áquilo que vi sair da porta da capela, ciuma  
poleuidade e reverencia. A' frente, vinham  
(contei-os eu) vinte e sete pseudos vermelhos,  
ciuma triangulares sobre de fardes rectangulares;  
vinham precedidos de dois bombos e duas caixas  
que aleriam caminho ciuma ribomban imponeu-  
te. Era um começo de cortejo excelente. A' re-  
quis aos pseudos (vinte e sete pseudos!) vi-



eram cinco andares, isto é: cinco causas inverosímeis, de 4 a 5 metros de altura, cheias de bandeirinhas e papelinhos de todas as cores, e dentro deste labirinto, perdida naquella mar inconfundível de papel variado, uma pequenina criança dum canto ou dum outro canto.

Atrás dos andares, uma filarmónica; depois, pessoas de rastos, cumprindo promessas, em grande parte acatadas; a meio desta turba desuainada, um grupo de poucos homens segurava um subúlico caixão, aos ombros, dentro do qual ia um homem acatado, fazendo de morto; havia alguns com velas na mão, outros com palmeiros — tudo isto no cumprimento de promessas em casos aflitivos. Seguiu-se a este tremendo espectáculo de ignorância e localidade, a leva de tres bovinos e um boi, enfeitados com fitas, oferecidos, também como promessas, ao Sr. do Bomfim.

No fim, atrás dos bovinos, seguia o palio poleiro, acompanhado pela outra filarmónica.

Fez-se o cortejo grande magote do povo. Tudo isto deu uma volta larga pela terra, magoamente, com paragens por causa dos que iam de rastos; e real passou, o povo acatava na dança, barulhando; o vinho acatava



nuava a beber-se, as pipas a esvariar-se; o calor pútrio é colheita e os disturbios commença-ram.

Primeiramente, para amosá-lo, dois ho-mens por baixo da janela anda em arbore, que-riam; de repente, um vibrou uma paula de no outro; o outro, apesar de pequeno, fez jogo com o caceté, deriu circolo e commença a matar no primeiro que ficou logo em sangue. Acudiram outros, ferriam-se paridos, mas em breve tudo passou sem intervenções vio-lentas. O povo, em volta, fugira; umas duas tendas de vinho e refrescos ficaram em bocados e a volta dos comedores formou-se um grande espaço vazio.

Dai a um bocudo, outro disturbio, mais distante. Imediatamente, a volta dos cacetiros, ferriam-se um a outro claro; as tendas foram ao chão; o tumulto fazia um barulho susur-deador; e no meio da refrega, um homem ensanguentado, cambaleou, caiu no chão e fi-cou imóvel. A rixa continuava; e como to-mava proporções, ferriam a força, saí com ele e mandei fazer um foguete de caneta; o pom metálico que scõu pelas quebradas, teve o con-dão de, sem mais nada, acomodar os desen-



deiros. Foi apenas uma amavel intervenção musical...

Mas o pânico e mais grave disturbio, foi pelas 5 horas. O mestre de uma das filarmônicas estava ao pé de mim e diz-me, de repente:

— Olhe: ali estão eles... os de Suajo com os dos Arcos... Ujo, ujo, no alferes: desafiaram-se... aprieto dá bardoada...

De facto, duas filas de homens, uma em frente da outra, questionavam, discutiam, berriavam, batiam com os cacetes no chão, em desafio; e de repente, num alar e fechar de olhos, começaram á cacetada bravia. Eu só avia, sobre o barulho do povilão a fugir, o estalido seco dos pés uns contra os outros que se batiam, durante algum tempo, sem resultado favoravel para um ou outro lado.

O povo esvaziou o layo e fugiu para as encostas e eu mandei formar a força á espera da requisição official e á espera de passar o primeiro impeto dos combatentes...

Nisto, o um dos homens, caiu o cacete das mãos; e como estava um pouco mais á frente, vi eu, quase ao mesmo tempo, cinco bardoadas assestarem - lhe no costado e na cabeça que o fizeram esbater-se, banhado em



sangue, no meio do chão. O tumulto redobrou, eubão, com este desastre; a fúria do bando a que pertencia o ferido recresceu e o ruído seco dos cacetes parecia que airmontava os meus ouvidos.

Nesta altura, a avaridade, paternalmente, resolveu intervir: era o momento, porque se estroçavam aqui e ali novas dependências dos amigos ou parciais dos combatentes e o mulheris agachado pelos matos das encostas fazia um alarido de puster medo. O administrador mandou-me pedir o auxilio; pegui com a força combalando a escuridão até a um canto de terra poltranceira ao cubro do combate e mandei fazer um foguete; ao pom bélico, responderam uns hameus de cacete avançando para nós em ar de guerra, outros vieram atroz, para fazer barreira aos verdadeiros libipontes e eu tive de lhes mandar dar canonhadas que os afastava, uns por seu pé e outros rolando pelo chão.

Slouue, eubão, de parba delas, um momento de indecisão; aprobei-o; desci ao terreno; e mebeendo a força quase sobre os dois partidos disse qualquer coisa em voz alta e vi com esfonto que os hameus se combiveram. O administrador, flepueabicamente, começou a



perender, a tanto e a direito, e ia subregando-os á força militar; e eu á espera que se fizesse a justiça á maneira de Monsau, ia vendo honreiros cobertos de sangue com injunções terríveis; modas vermelhas pela terra; os dois bandos, embora caubidos, ameaçando-se sempre e ás vezes com impetos de avançarem de novo ao combate; o povo em volta a ulular; e grande quantidade de bebados, discursando largamente e querendo abraçar ~~os~~ os soldados. Foi um bocudo desagradavel mas muito curioso.

Quando voltei ao improvisado aquartelamento com os presos — como haueusarrão! — e olhei, de cima, para o arraial, estava tudo vario: apenas os deuses das tendas arrastavam os destroços e lá no fundo de um quercado, muito em baixo, uns honreiros bebavam com uma friça de vinho que, desprendido, cá em cima, dos laços do equilibrio em que se conservára, resoluera, no meio do tumulto, ir para abaixo, em busca de novos destinos.

O secretario da administração, limpando o suor, dizia-me:

— Oh sr. alferes! isto é que foi... Olha que venho aqui todos os annos e nunca vi tal



causa... Isto é que foi! Se não fosse V. Ex. ter  
tinha prudencia... Ora, ora... nunca vi uma  
causa assim!

E o pobre homem estava em terra; creio  
que também levou ~~uma~~ bardoada.

Dai a pouco, um magote de gente trouxe ao  
administrador (que é medico) um homem apa-  
nhado no chão para dar socorro. O medico olhou  
e disse-me em voz baixa:

— Está morto.

Eu senti uma impressão desagradavel. O  
homem tinha a cabeça fendida em tres pontos de  
onde escorria um sangue já muito coagulado; a  
boca estava aberta e a lingua de fora; tinha os  
olhos vidrados. Era repulante. No entanto, o me-  
dico mandou vir aguardente e deitou-a nas fe-  
ridas, como unico desinfectante que tinha.

Qual morto meu meio morto! Mas a  
aguardente sobre as feridas, o homem es-  
perneou, berrou, fez o demonio. O que ele esta-  
va era muito bebado; e com as tres surburas  
na cabeça, estava vivo, bem vivo, bem riço e  
bem valente.

Até 6½ da tarde, o arraial estava desperto.  
Fizemos a farça, senti dentro dela os vintões e tal  
frescos e, com as precauções regulamentares, re-



qui, caminho abaixo, pela encosta da serra, direito a Mourão.

Então reparei nos prisioneiros: eram latagões, belas figuras de homens, vestidos, em regra, com jalecos de peles, calças justas, cintas com muitas voltas e até escondiam muitas espadas, punhais e pistolas.

O caminho era longo e foi demorado; o piso da serra era ruim e já era noite fechada quando subrimos na esbada dos Arcos para Mourão; saí então com todas as precauções porque fui avisado de que, num grande pinhal escuro que atravessáramos, teria um espartoso para libertar os presos. A todo o momento esperava ouvir um tiro iniciador da massa ou o alarido entusiasmado da malta libertadora.

Cheguei assim a Mourão, poriam 11 horas da noite. Entreguei os presos na cadeia da vila; acomodei a tropa numa casa para isso desbinada e fui ceiar, visto que a hora do jantar já tinha passado e que os malditos desordeiros não consentirem que eu cumprisse com esse dever de todo o homem que tem esbomago... Era meia-noite quando me lembrei á mesa.



Mas... a minha boe-parte! A hospedaria, grande casarão na praça de Deus-la-Deus, era de uma mulher, ainda no vigor da idade, que tinha tres filhas, raparigas novas, encantadoras, desenhadas, amáveis. Diziam as más linguas que o padrinho de todas tres era um padre da terra, sacerdote virtuoso, que se comia todos os dias á hospedaria das afilhadas. O que havia de verdade, não o sei; só sei que me enchiam de atenções, de amabilidades, de carinhos, qual delas mais solícita, qual delas mais bela, qual delas mais encantadora... E quando me deitei, sob o bafo benéfico das tres Graças meusanenses, sei que dormi como um juízo, sob a sua protecção das deusas, bebendo gorgulhas, lá fora, no largo, a agua do chafariz de heroína.

Este Minho! este Minho!

A manhã já é alta, muito alta, quando acordei. No largo, o mesmo gorgulhas monótono da agua do chafariz; o sol batia na janela com desespero; havia chilreios de aversinhas nos beirais; e nos corredores, para proteger o meu sono, as "deusas" passavam suas



uemente nos liços dos pés . . . Só no Minho se têm um despertar como este.

Depois, o alveoco, assistido pelas ruínas das três belezas; e a seguir, um passeio rápido pela vila, que se vê sobre vinhedos, num largo vale encantadão.

Pareceu-me terra imperiosa e com vida. Das muralhas abaluartadas de que ainda há restos, eu contemplei os arredores: para o sul, serras acasteladas, cruzando-se; para o norte o Minho, as suas "arillas", pitorescas, a margem espanhola cheia de vinhedos como de cá; para leste e para oeste, belos campos de cultura, muito verdes, em que as latadas de granito caminhavam em grandes linhas rectas, e onde uma sobremancha negra de pinhais dava um contraste curioso.

Depois . . . pelas janelas, caras bonitas; tive de convencer-me de que as belezas do Minho estão acumuladas em Mourão . . .

Até 4 de tarde, fazendo a festa, tive de abandonar a terra; tinha de ir . . . O sol desapareceu por detrás de uma nevoa agradável; e sob esta presença, sob os olhares curiosos das belezas da terra, meabi estreda fora, direi-to a Valença.



A estrada segue constantemente em curvas, ora sobre pinhais finos, quase transparentes, ora sobre labadas seguras por colunas de granito, de um grande efeito decorativo. O rio segue mais ou menos, sempre, ao nosso lado; e de uma vez, por sobre uns eucaliptos pas- sou pilhando, na sobre margem, um casbroio galego. As casas rústicas, ao lado da estrada, estavam, em regra, cobertas por vinhas, por grandes troncos queкрепam aos telhados, que pó- leem pelas colunas das varandas; as grandes ar- vores estão também abraçadas por vides eser- puez que se enroscam, que robeem, que se mis- turam á folhagem para depois descer amavel- mente até quase tocar no viajante. Ha sta- thos em que as videiras fazem tunnel, cru- zando-se de arvore para arvore; ha casas que chegam a desaparecer por baixo de tanta verdu- ra. E assim andei quilómetros e quilómetros, sobre tanta beleza pitoresca, sobre tanta alegria da terra — vindo tambem do outro lado a Gali- ra, com o mesmo aspecto, com as mesmas labadas, as mesmas casas escondidas em ver- dura, os mesmos pinhais finos e transparentes, e o rio sempre de permeio, sobre campos ver- des e campos a rebeubar com milho.



Passámos a povoação da Lapela e de ainda  
 se vê uma torre colossal, quadrangular, cons-  
 truída sobre rochedos, á beira do rio. É ainda  
 uma construção polida, rusciosa, arguthosa, e  
 de um vez da hera poética das paredes velhas,  
 cresce a vinha, em grandes troncos que vão, a  
 pouco e pouco, abraçando o colosso e protejen-  
 do-o do abandono a que parece votado — po-  
 lere guarda atento e leal das invasões dos nos-  
 tros vizinhos da Galiza e Leão!

At tarde caia; a peregrinação no vale, era  
 completa; ao escurecer avistei as ruínas de  
 Valença; tinha audado, sem dar por isso, um  
 puxado 18 quilómetros.





## Caminhã

Valença do Minho

1907 : 3 de setembro

Fui, na verdade, a Caminhã, no domingo passado, á festa de Santa Rita.

Voltei ás 11 da noite, quando no rio os barcos se cruzavam iluminados e as povoações de Seixas e Lonhelas se batiam, pelas rochas das raparipas, com cânticos de toda religião que se iam perder ao longe, no silencio da noite, de mistura com a agua corrente da maré.

Minhotas do Alfife, de Arcena, de Seixas, de Gondareu, vinham em grupos mostrar a sua beleza que não é simplesmente uma figura de retórica; o traje característico fazia mesmo, realça-la; e o encanto da noite e da iluminação do rio juntava-se ao encanto de tanta cara perfeita e de tantos olhos belos.



Só um grupo de Lisboaes que estão passando o verão em Moledo ou Juncosa, e que esbrapavam o conjunto; o seu ar incanescerístico de cidade, contrastava com a alegria e o atractivo dos ranchos de lindas moçoilas, de meia branca bordada, de chinela no tico do pé, de paia vermelha lavada, com um lenço lançado artisticamente na cabeça, com o colete bordado a lantejoulas apertando um peio nobilico, onde assestavam peças de filigrana de ouro.

Eu, como de costume, observei, e de todas as observações que fiz, conclui que aquilo era um espectáculo bello. Pensei ainda, por causa de hora do comboio, quando larguei a muraltha do cais e ao longe começava a ouvir os cantos mais ou menos religiosos de vozes femininas em cânticos e em tercios, que partiam dos bancos que vinham regando publicamente ao pabão da maré, iluminados com balões que reflectiam na agua escura onde seus reflexos brilhantes vinham fazer perder a triste monotonia da agua quieta.

Quando o comboio em que vinha atravessava a ponte sobre o Douro, começavam a queimar uns fogos de Bengala; e da agua partia uma serie de pequenos foguetes brilhantes.



tes, de fogachos, de esbrelas, de miithares de  
lugas bulicosas que para mim, era, verdadei-  
ramente, uma maravilha da sciencia pirote-  
cnica destes foguebeiros minhotos.

Para baixo, aos clarões do fogo, avistava-  
se a casaria da ~~cidade~~ vila, plana, voltada á  
barragem do rio, onde polresaria um companário  
de igreja; o resto era o confuso conjunto de te-  
lhados, de aguas quietas, e do ruacisso cómico  
de monte de Santa Tecla que um ou outro  
brilho maior do foguebario ás vezes, escas-  
pamente, illuminava.

O comboio nasceu pelo escuro da linha;  
e eu vim com a toada religiosa nos ouvidos,  
cantada em cânos e em tercças, naquelles feiti-  
ceiros bancos illuminados.



## Braga

Braga.

1903:4 de dezembro

São sete horas da manhã. Estou junto da janela do meu quarto de onde vejo, em frente, uma grande extensão de quintais, cobertos de arvoredos, cheios de verduras.

Está uma manhã fresca; e a esta hora começam a abrir-se as janelas das casas, e as creadas a apparecerem e sacudirem panos e tapetes. Em baixo, ha uma grande conversação de creados nas cozinhas do hotel e ao longe, os sinos de varias igrejas tocam alegremente annunciando as missas.

Terra bonita, Braga!

É uma boa terra, é mesmo uma cidade bonita. Mas não se passe por uma rua que se não toque com uma igreja; não se dole uma esquina que se não veja uma casa



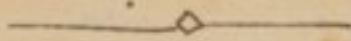
ta; não há largo que não tenha um casueiro  
 to em traversa onde não existam umas al-  
 minhas! É a terra portugueza beata por ex-  
 celencia.

Os pinos tocam sempre; as igrejas so-  
 tões sempre concerridas; os padres são aos cen-  
 tos... Mas é, na verdade, uma terra boni-  
 ta e alegre.

Para leste, eleva-se a Serra arborizada on-  
 de está o pequeno conhecido Bom Jesus; mais  
 acima, num alto, surge a capela da Senhora  
 do Sameiro — a inimiga fidalga do Bom Je-  
 sus; a seguir o alto da Falperra, já sem la-  
 drões româmbicos — e tudo isto forma um  
 agradável conjunto paesographico.

Para o norte as serras meias do Gerez;  
 e a oeste estende-se o grande vale fecundo  
 onde passa o Cávado, sempre sobre verdura,  
 sempre no meio de terras de rega e vinhe-  
 dos alegres.

Mas os pinos, meus Deus! tocam cons-  
 tantemente! Esta gente de Braga, carba-  
 mente, quando morrer, deve ir directamen-  
 te para o céu...





## Coimbra:

Coimbra:

1904: 7 de fevereiro.

Está hoje um dia de chuva, desta chuva que se parece bater com força nos vidros e que convide a um dia pocegado de repouso em casa. Assim faço, perante os aguaceiros fortes que caem lá fora e com os quais resolvo não me bater.

Coimbra tem, também, a sua beleza, com este tempo; não se julgue que só caiu por ela no seu primeiro noite de luar tempo é que Coimbra é bela. Não: o encanto não é lá, quer chova quer faça sol... Mas eu hoje resolvo saborear os encantos da minha terra, daqui, sucessivamente, inspirando com a leptuosidade o que lá vai fora e pensando, com beatidão, nesta cadeia de braços, nas molhadelas que os anjos apanham.



Agora, com tanta chuva que tem caído por essas terras, os regatos aumentam; os ri-  
beiros transbordam do seu leito e os rios avo-  
lumam imenso. Da Serra de Estrela, o Mon-  
dego vem descendo de pedra em pedra, recebe-  
do a ajuda de muitos regatos; contorna um  
dos lados da serra e desce ao vale; a certa  
altura lança-se-lhe impetuoso o rio Dão, ar-  
rastando as águas das encostas do Caramu-  
lo. O Mondego aumenta e continua, pelo  
vale fora, para logo adiante receber o Ilva  
— um belo rio que vem de terra em terra,  
desde o alto, em curvas, aos zig-zagues, ar-  
rastando quanto água ha pelas encostas do  
monte da cordilheira, dentro do distrito; re-  
cebe-o junto de uma aberta curva, na Rai-  
va; e depois de se lançar em eschão pela pas-  
sagem de Lubre-Penedos, corre ~~para~~ por  
entre margens alternas até a Portela onde  
o espera o Teira, outro rio caudaloso, vi-  
zinho do Ilva na nascente e que largou,  
muito tempo, por um caminho diferente.

O Mondego, então, colosso de água,  
espera-se e arrasta tudo o que se lhe opõe;  
os palmeiros das margens se tentam resis-  
tir, não com a corrente; as ruínas de ruda-



ção não levadas com o impeto; e assim, turvo, revoltoso, impetuoso, contorna os montes do Pinhal de Marrocos, passa roncando á Lapa dos Erbeiros e apresenta-se diante de Coimbra que é, no dizer dos poetas, a sua querida rainha.

A sua agua turva, trazendo fragmentos de arvores, bocados de madeira, ás vezes amais que foram esmagados pelo diluvio, redemoinha de encontro aos pérgões da ponte; susurra na passagem, eleva-se, para depois in movemente espaciair-se pelas curvas baixas e cultivadas. Depois, se se eleva alguma coisa mais, resupe pela canalização e entra pereneamente pelas ruas da cidade, na parte mais baixa, e vai fazer a sua visita annual aos bairros pobres, inundando as pobres casas, esbragando haveres e reduzindo os habitantes a julgarem-se, por uns dias, em Veneza...

E depois, lá vai, pelos suaves campos planos da Sidreira, da Geria e de S. João, para finalmente se lançar no mar, deixando na grande baía de Buarcos uma zona barrenta, para atestar a força do seu corrente, confundivel com a empulsação do Oceano.



Quem fôr a ponto alto da cidade, numa occasião destas, vê um bello espectáculo. Para o campo pó se vê a enorme extensão da agua onde aqui e ali apparecem as pontas dos chafizos altos, vergados ao peso da corrente. Os barcos, os grandes barcos pernãos, amarrados ás muralhas, puxam pelas cordas, aos repelões; e de outro, nas ruas da cidade, gente benevolente, em pequenos barcos, leva comida aos habitantes cercados de agua e transporta um subro que precisa sair.

À noite, não se podem accender os candieiros; e assim fica um ar sinistro pelas ruas imundas, como se fosse uma Vespa ás escuras...

O ponte do caminho de ferro, lá ao fundo, parece acruada na agua; e ao ver passar um comboio, dir-se-ia que ele seguis subtilmente por sobre a agua, leve, muito leve, como se não fosse uma pesada massa de ferro.

Assim deve estar todo o recanto da ~~cidade~~ ~~rua~~, neste dia de cheias forte; os vidros escomeram; o vento força as janelas; e pelas calçadas das ruas segue o diluvio... E eu sinto a beleza de tudo isto!





Cap. 27 de maio.

Esta povoação, em Coimbra, é exclusivamente dedicada á romaria tradicional do Espírito Santo, em Santo António dos Olivais.

Santo António dos Olivais, é um subúrbio da cidade, a cerca de dois quilómetros; fica num alto, dominante, sobre vales fundos cobertos de pinheirais escuros, sobre as encostas que desceem aos campos do Mondego e sobre o vale verde de oliveiros que vai da Lomba do Chão do Bispo á Lomba da Arregação. Coimbra vê-se em baixo; a fita branca do Mondego corre pelos campos verdes que se estendem a perder de vista; e em tardes limpas as areias do mar, ao norte do cabo Mondego, avistam-se com um risco brilhante, para cá dum verde escuro que é o negro das águas. Ao norte, o Buçaco, levantando o dorso seu, ainda vagamente aparece a corno das arvores da mata; ao sul, a Louran, com o marco do Troçoim a brilhar ~~em~~ ao sul.

É neste sítio de bom ar e boa luz que se faz a romaria.

Durante o dia, os carros passam carregados de gente, levando famílias inteiras que se



na lá vão reunidas, jantar, ou almoçar e muitas vezes passar o dia inteiro; os charrá-bancos vão apinhados até ao tejadilho; dentro canta-se numa alegria enorme, e fora, os tocadores vão tocando os violões, ou as guitarras, preparando-se para a "fandega".

Coimbra despojava-se nesses dias; tudo vai para o Espírito-Santo, ninguém falta.

Depois, as aldeias também comparecem. Bandos de gente dos campos, com trajes garridos domingueiros, veem por essas esbradas, numa nuvem de pó enorme, cantando e dançando, em geral ao som dum harmonio, dum flauta, dum rebeca e dum pandeiro. Eles aí veem, coitados, alegres, satisfeitos, esquecidos, por momentos, o resrejar constante.

É o pequeno recinto de Santo António enche-se a transbordar com uma eterogenea multidão curiosa que canta, que dança, que bebe e que levanta uma poeira infernal.

Mas, a especialidade da romaria, aquilo que lhe dá um tom curioso e desconhecido, é a venda das companhias de barro e do objectos de louça do mesmo barro — obras modestas e simples dos pobres oleiros dos Buiços e do Carapinhão, que veem a Coimbra á busca



duma celeridade que a sua obscura origem lhes não dá. Estas aldeias quase vivem do fabrico de uma louça e quando é romaria carreadas em mulas, para arranjarem uns vinténs. São cantaros, azados, biltas, vasos e especialmente as campainhas; ha louças de todos os tamanhos e feitios e as campainhas, do feitio vulgar, umas são pequeninas, outras maiores até quase ao tamanho de sino, desde o preço dos dez reis até a quantia fabulosa de seis vinténs!

A campainha é que dá todo o pitoresco á romaria; já de longe, ao aproximarmos-nos de S.<sup>to</sup> Antonio, já se ouve o seu ruído, por cima do barulho natural, o klim-klim continuo do barro poeireiro; perto, e até, é o som dominante, agudo, alegre, que não se acomoda e que se repete, até, nos olhares de todos.

No chão, pela sua fôrça, junto das paredes, estão os mercados da louça de barro; o povo passa, repassa, anda, redorminha e as pobres mulheres dos oleiros, acocoradas, lá estão de guarda aos seus haveres, vigiando os roubos do rapazio que também são tradicionais, e que provocam, por vezes, algazarras. Mais adiante, estão as barracas de "comer-e-beber",





cheirando muito azeite queimado e a peixe frito; mulheres de mangas arregaçadas mexem qualquer coisa em frigideiras e lá dentro, nas mesas, come-se e bebe-se alegremente. Em frente das barracas ha um arruamento de vendedeiras ambulantes das especialidades de terra: arrufadas, manjares brancos, pastéis de S. Clara; e perto da escadaria da Igreja, os brithares chinezes, roletas, tómbolas e outras coisas no genero, proprias para se perder dinheiro. E junto a tudo isto, uma nuvem de poeira no ar e por sobre tudo o Uim-Uim alegre do barro das companhias.

N' Igreja, pouco gente vai; o sacristão costuma estar á porta, sinal de que pouca gente lá entra. Tudo vai para o terraço, ao lado, ver o vale fundo coberto de pinheirais e o rio, ao longe, a brilhar com o sol presente, como um fita de prata, serpenteando no campo verde.

Em baixo, em qualquer canto disponível, as danças começam, levantando poeira mais deusa, ao som dum harmonio, duma flauta e dum violão & dirigidas por um "jrabico" que, sobre as marcas, vai amaciando a garganta com qualquer coisa de vinho. He vozes já ensurdecidas pelo pó; recebem-se pal-



uas, compassadas; os instrumentos desafiam de quando a quando — e a dança se segue, alegremente, sobre palmas, levantando cada vez mais poeira.

De repente, o povo afilua a um ridio: a policia corre e afita; o comissario comparece. No ar, por sobre as cabeças da multidão, ha varapáus agitados; ouvem-se gritos, ha desmaios. Que foi? Nada; uma causa vulgar nos arraiais: a penca-daria. Fazem-se juissões, alguns vão á farmacia proxima e tudo continua nos mesmos, riendo, folgando, cantando, levantando poeira; e por cima de tudo continuam a ouvir-se o Uim-Uim paucos do barão no maldado

— o —

1905: 20 - março.

Coimbra, vista de longe, é das cenas mais belas que conheço. Estamos no cimo do monte da Esperança, onde está o summo convento da Rainha Santa. Para a esquerda e para a direita seguem-se os montes que sobem e descem, com aspecto triste, cobertos de oliveiros fecundos. Em baixo, está o bairro de S.<sup>ta</sup> Clara, que se avista um pouco por cima dos



muros do convento de S. Francisco. Segue-se a  
 estrada de Lisboa, sobre arvores, como uma  
 alameda, que vai dar á ponte. Depois, o rio,  
 e por fim, a cidade, mesma aglomeração enorme,  
 que termina pela esguia Torre da Universidade.

O aspecto é, sem exagero, soberbo. O paes-  
 ris é grandioso, visto com um dia claro de  
 sol. Por detrás da casaria, fecha o horizonte, o  
 vulto negro da Serra do Bussaco sobre a esquer-  
 da e mais perto a Serra do Desemboio, toda cober-  
 ta de pinhais pombeiros e que vai morrer além,  
 á direita, mesmo curso do Mondego; para o  
 norte e poente, os campos perdem-se de vista;  
 para o sul, as serranias continuam, até se uni-  
 rem á Serra de Lousan, deixando ver o meio  
 o ponto branco da capelinha do Senhor da Serra,  
 o de Semide, o verdadeiro Senhor da Serra, o  
 mais genuino e puro de todos eles.

Mas, continuemos a olhar para a frente,  
 para Coimbra; nota-se logo, á primeira olha-  
 dela, a elevação da colina onde a cidade assen-  
 ta. De facto, é uma colina elevada, e mal-  
 guns pontos cobrem-se a pouco, formando  
 do precipício de respeito. Anbriamente, era  
 um castelo por assim dizer inexpugnável;  
 mas a cidade começou a romper o cinto das



murallas, desceu até quare ao rio formando um novo bairro populoso; depois, começaram a desfrescar os velhos muros e construíram casas sobre eles; as couças transformáram-se em ruas íngremes, os arcos em encomodos paradisicos e as torres em inúteis vaidades do passado.

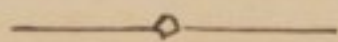
Num angulo da muralla, no reculo XVI, um padre licenciado construiu uma linda casa manuelina; as torres ameidadas de defensa da velha pé, transformáram-se em campariários festivos; sobre a velha alcáçova dos reis, construiu-se um soberbo observatório; e assim a cidade, sem mudar de lugar, foi transformando-se progressivamente por sobre as murallas méo-godas. As ruas ficaram esbeltas e declivosas cheias de esquinhas e recantos; as casas, abertas umas contra as outras, acasteladas pela encosta, censerem um admiravel equilibrio; mas de fora, o aspecto é sempre o mesmo: a cidade desce suavemente a colina, sem ter ao bairro baixo que se estende até ao rio e vai morrer, á esquerda, lá adiante, debaixo do monte do Conchado, enquanto que, do lado sul, á direita, lança um outro braço, de couça



em zig-zagues, que vai terminar, quase á esborda da Beira, ao fundo da mata do Jardim Botânico.

Entre nós e todo este pântano, corre o rio; de um lado tem a muralha moderna do cáis, do outro a muralha pitoresca dos palacinhos e de um muralha de chefes finos, cujos tons verdes são uma das melhores causas que a vista logo agradece; assim passa o Mondego perante a cidade, entre esplendidos ruyres de verdura, sobre belos campos fertilíssimos; e desde a volta, á direita, da "Lapa dos erbeiros", até á outra, ao fundo, na "Memoria", dizem os poetas que corre magnificamente, como nassalo humilde de tão soberba rainha...

Mas reubemos-nos, um pouco, até cansar a vista; depois seguiremos para a cidade histórica.



24 de março.

Já, já, já, que se começa a descer a margem esquerda, vamos um pouco, aqui ao lado, á Igreja de Santa Clara, ver a estatua da Rainha Santa, sobre o seu andor gobi-  
co sobre escudos de Portugal e Aragão.



Ela ali está, sobre luzes, como o ar po-  
 lido de rainha, e a sua humildade de Santa.  
 É uma estatua maravilhosa que a religião es-  
 teve para rejeitar mas que os livre-pensa-  
 dores admiram...

A direita, pelas grades do céu, ~~est~~ vê-  
 se, sob umas arcadas bonais e as pinturas  
 ainda mais bonais, o primitivo túmulo de  
 Santa, uma esplendida obra de arte esquecida  
 de as que se interessam pela arte.

Uma entre estas duas obras de arte — a  
 estatua e o túmulo — quero lembrar a lenda  
 a que este ambiente anda ligado e que tem  
 passado, através dos seculos, pelo sussurro  
 dos palmeirais, pelos contos das raparigas  
 e pelas aguas murmurantes do Mondego.

Era uma vez...

Sim, o conto tem de ir á antiga, como  
 lenda que é.

Era uma vez uma rainha, uma rai-  
 nha muito bonita, que usava um manto  
 muito lindo e que vivia num castelo muito  
 alto rodeado de torres. O castelo estava num  
 monte escarpado sobressaindo da casaria bran-  
 ca do burgo; e em baixo, publico, mauzo,  
 muito suave, corria um rio lindo, muito



liudo, onde á noite, por entre os salgueiros, apareciam as cabeças gombis das ninfas e dos faunos, tocando a flauta pastoril.

O castelo lá no alto, negro com o tempo, parecia respeito a tudo, em volta. E o rio corria sempre, rubilicando, com medo, com receio, de ir provocar a ira de tão grande senhor. A torre de mensagem era grande e alta; e sua altura parecia o céu aos mais cuidados. Quem a via de longe, dizia sempre: "lá está..." e pegava com os olhos no chão. Quem pegava pela ponte, sobre o rio, para os lados de terra de moirama, nunca chegava ao fim sem se voltar para trás para ver a torre alta e forte; e os barqueiros no rio viam-na de longe, anciosos, quando partiriam em terra, com a corrente: "lá está já o castelo!..." E' que lá em cima, junto dum anjo das aneias da torre de mensagem, estava o pendão real, ao vento e á chuva, atestando que lá dentro desses muros de negridos e grossos, estava « Sua Senhoria El-rey » e a Santa Rainha Isabel, a boa Rainha Santa.

Por isso o castelo era um farol, uma balizão! Todos sabiam que lá dentro estava a rainha, rainha dum reino na terra, mas já rainha nos céus...



Todos o patriam de pollejo e todos a amá-  
vam. Pois se ela, á noite, vinha ás escondidas,  
dar aos pobres a sua ceia, e repartir com eles  
o rendimento da sua casa!

Quando ella, ás vezes, ao pôr do sol, rodea-  
da das suas donas e curtiheiras ia para o  
mais alto cunhado do seu palacio ver as obras  
do convento, lá em baixo, no vale, os campo-  
neses, de longe, descubriam-se, como se  
ella os visse e abençoasse... Os mães segun-  
avam os filhos nos braços e levantavam-nos  
ao ar, e pediam-lhe protecção, como se ella  
os visse lá de cima! Os creanças, criticadas,  
e quem ella afogava e dava esmolas, diziam-  
lhe adeuses. E sua real Serhenia, recubada  
entre as ameias do cunhado, apoiava a cabeça  
encostada na mão quase descausada, e olha-  
va as obras do seu convento.

Já apparecia uma ogiva elegante da Igreja,  
e a torre gótica do campanário; e ella, vaza-  
mente, com tristeza, considerava a igreja  
que tinha em se acotcher, um dia, aquelles pa-  
redes sagradas.

A linha de cumedras, em frente, des-  
parecia suavemente, além, para o lado do  
mar; e a rainha pensava em que, nesse noi-



te, já pouco tinha para dar aos pobres, antes de El-rei voltar da caçada. Lhes meigos vim. Seus de Alfonso 3.º era tudo o que lhe restava...

E' certo que não era o dinheiro que dava a felicidade; mas os pobres necessitavam dele para comer. Garbarias até á ultima pogeia, ficaria sem mealtha.

O pul permia-se abraç dos meathes e a rainha desceu.

Os meathes muito, junto da ponte levadiza do castelo, do lado de fora do fesso, uns desgraçados esperavam a esuada da beufidara; no castelo estava tudo pocegado; El-rei ainda não voltara da caçada e que fãra, mas esperava-se dum meatho para o castro subir o tropear da cavalgada pela couraça acima.

A rainha, só, emburthada num meatho, desceu umas esudas meathas no meatho, enquanto as suas deusas e donzelas dormiam pocegradamente nos aposentos. Chegou á ponte levadiza; as meathas dormitavam, encobadas aos seus ~~meathos~~ piques; ao reconhecerem a rainha ajoelharam reverentes:

— Meacér por sus Senheria!

Os meathos da ponte gemeram e esta desceu tambamente. Era uma causa proibida a



a descida da ponte, áquella hora; mas era a Rainha que mandava...

Os pobres prostaram-se em terra, beijando a orla do manto; a santa rainha abençoou-os, beijou as crianças — ella gostava tambem de crianças! — e abriu o saquinho. Magro pécunio d'ouro, mas o pouco que era lançou-o no regaço do manto.

Repevivamente; por debaixo de uma varre da muralha, saiu um tropel de ginezes e o claro d'ouro archote!

Era El-rei!

Era o rei, sua real Senhoria que vinha da caçada, a todo o galope dos seus ginetes, com a comitiva. Moços do manto, falcoeiros, moudeiros, cavaleiros, infanções, ricos-homens, tudo vinha sobre, num galope desenfreado. Os trombebas tocaram, as guardas vieram fóra.

A rainha esbrameceu; e ao ver surgir o rei teve um sorriso amargo... Mas, pegando a ponta do manto onde lançára o magro pécunio que trouxera no saquinho, esperou resignadamente a explosão de colera de seu senhor e marido.

El-rei trazia aspecto carregado. Perdura-se nos caminhos e a sua expressão indelével



de trovador, taldára-se pela zanga do cambotem-  
po. Ao ver o vulto da Rainha, ali, no meio da  
estrada, só, áquella hora, teve um impeto de co-  
lera que o fez popear o cavallo. Travou na san-  
ta um olhar ieberrigadór e cruel; e os folhes,  
submissos, curvados por terra, pediam miseri-  
córdia para a sua protectora.

Só a rainha, erguendo os olhos para o alto,  
parecia ver alguma coisa.

Mas o rei dominou-se. A comitiva está-  
cára, silenciosa. Havia um silencio afflição. E  
D. Diniz, mal contendo a colera por ver como  
a rainha gastava o dinheiro que elle, laboriosa-  
mente, accumulava, perguntou, tremendo:

— Que fazeis aqui, Senhora?

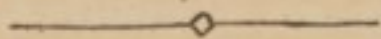
A santa abriu o peito e mostrou-o ao  
seu real esposo. Os archotes davam luz iebui-  
sa. No peito, a que a mão fina da rainha pu-  
zha uma leve tremura, viam-se umas lindas  
flores que lançavam um perfume fino. E a  
santa respondeu suavemente para el-rei:

— Deu q estes folhes, esitados, as flores  
do meu canteiro...

Assim é a lenda... aqui fica a histo-  
ria do milagre causada por quem nella não



acredita — assim como noutras semelhantes — mas que, mesmo por isso deixa de lhes achar poesia ou deixa de as contar...



2 de maio.

Já agora... Já que estamos no largo da Partagem, vamos á historia de Santo Agostinho. É uma historia de frades, historia de quem não tem mais que fazer, mas sempre é coisa alegre.

... Pois foi aqui em frente, onde agora está este circo de verões de uma companhia de cavalinhos, que antigamente começava a velha ponte de pedra do venturoso rei D. Manuel.

Havia, á entrada, um arco que foi demolido com o advento do Liberalismo; era um arco grande, uma especie de porta de defesa, com grande aspecto; do lado sul, havia uma inscriçao comemorativa que começava: « O serenissimo Principe, "alto e muito poderoso rei D. Manuel... » e do lado de cá, do lado da Partagem havia uma estatua de Santo Agostinho subida num nicho alto que foi mandada por ali pelo mes-



meo peremissimo rei e que, por varios de-  
pastres, foi duas vezes substituida.

Ora Santo Agostinho era um doutor da  
Igreja, grave, austero padre que ditou leis á  
cristandade e cujas sentenças e palestras são  
ainda hoje citadas a proposito de muitas cau-  
sas. Estava ali, no nicho, como coarinho,  
com o seu traje de bispo — fêra bispo de Hi-  
spaña, salvo erro — de baculo na mão, com  
o livro na outra, gravemente, austeramente,  
como convinha á sua fama de doutor e á  
sua dignidade episcopal... Era como um  
símbolo para mostrar a quem passava: se-  
riedade, compostura, auctoridade, bom senso  
e juizo...

A primeira imagem, logo nos come-  
ços do seculo XVII foi derrubada por uma  
tempestade. Santo Agostinho, o afamado dou-  
tor, veio cair ingloriamente no chão e despe-  
dçar-se precipitadamente de encontro ás pe-  
dras da calçada. Quebrou-se o baculo inflexi-  
vel, o livro da alta sciencia, a mitra glorio-  
sa; o Santo viu que milagros daquelles se  
não fazem de pé para a mão e deixou-se  
cair e quebrar!

No tempo, parem, por entre os muitos



conventos que existiam em Coimbra, havia como principal em opulencia, riqueza e poder, o dos Coadjuvantes de S.<sup>to</sup> Agostinho, conhecido vulgarmente pelo nome de «Santa Cruz.» Por isso, quando a estatua se quebrou, os cruzios, como donos de tudo, mandaram fazer outra estatua do mesmo ponto mas em vez do vestuario episcopal levava o habito da ordem dos coadjuvantes... Santo Agostinho voltou para o nicho, novamente, mas mascarado com um humilde habito fradesco.

Havia na cidade um outro convento, o da Graça (onde hoje é o quartel) cujos moradores eram eremitas de S.<sup>to</sup> Agostinho e não gostavam, por questões ambigas, do frades cruzios; ora quando viram o seu patrono, no nicho da ponte, despidido de alta dignidade de bispo, deram, verdadeiramente, sorte...

Levantou-se questão; os graciosos queixaram-se á Camara; alegaram que era um atentado o resbirem assim um pobre deuter da Igreja; a Camara reuniu e declarou-se incompetente para resolver a questão — mas por fim entenderam por bem tirar a esta



Sua e mandam pôr no seu lugar um quadro de assunto religioso, provisoriamente, enquanto se não resolve o assunto de melhor maneira.

Os graciosos venceram e os cruzios, de alto do seu poder, tiveram que seguir a vitória dos outros.

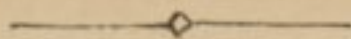
Mas, não ficou por aqui o caso, porque o Padre Eterno também quiz interceder pelos eremitas da Graça: um dia, passavam e cavetô, pela ponte, dois frades cruzios, médios, bem tratados, contentes do mundo e esperancados do céu; ao olharem para o arco, por maldade, como lá não viram o seu patrono, não fizeram ao quadro alegorico a venia do orbilo; ora isto escandalizou os céus e logo uma das nuellas, por qualquer causa, estantou-se, empinou-se, saltou, escaucinhou, fez causas do arco da velha...

É claro que o covego rezante que ia em cima não se aguentou; a outra nuella, por uma questão de solidariedade de raça também se empinou, relinchou, saltou, escaucinhou; e os dois médios covegos, talvez bem jontados, contentes do mundo e com a certeza do céu, não se equilibraram e vieram cair no chão estatelados!



Santo Agostinho, o piedoso bispo, o  
Deuter afamado, estava vingado!

E aqui está a histeria alegre do arco da  
fronte que a civilização demoliu.



26 de maio

Entramos agora na rua de Calçada, cap.  
fisada pelas reações do liberalismo com o  
mais civilizado nome de rua de Ferreira  
Borges.

Casas altas de um lado e de outro, de  
quatro a cinco andares; lojas de modas, li-  
vrarias, chapelarias, uma pastelaria, far-  
macias, etc. É a grande arteria corimbri-  
cense: é o Chiado e a rua do Ouro junta-  
mente; junta o chic de uma com o tem  
comercial da outra.

Enfim, a Calçada, em Coimbra, é tudo.  
Quando qualquer creatura pái de casa, diz in-  
variavelmente:

— Ven até á Calçada!

Quando se combina um ponto de encon-  
tro é certo e sabido que se diz:

— Logo, á tarde, na Calçada...

Ha que ver, ha que fazer lá? Não: é o



centro de cavagueira, eude se vêem passar as meirinas, eude passam as damas que vão ás compras, os couseheiros que vão fumar um charuto á Hausnera.

E aqui está o que é a Calçada...

A seguir a esta he uma outra, em linha recta; é a antiga rua de Baruche alargada pelas reações com pacificos da capela-mór duma igreja românica e crismada com o nome liberal de Visconde da Luz.

Sendo continuação de Calçada, é, contudo, mais rua Augusta... Menos chic, mas mais commercio.

Resumindo: ambas, uma pensaria. Mas não lá dizer ao legitimo commercense que não são uma maravilha!

E adiante?

Adiante é o largo de Sansão, ou, como manda a idade liberal: Praca de Dito de mais.

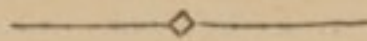
Nada de notavel: casas altas pintadas ou revestidas de azulejos, umas palmeiras enfileiradas a pedirem um lca de Queiroz commercense, á direita, em linha recta fombalina a rua da Sofia e... mais nada.

De quando a quando, por estas ruas e



largo passa um carro americano, lentamente, ao passo preguiçoso de umas mulas enmagrecidas.

Nada como o progresso embora a passo lento de mula!



1908: 15 de agosto

A serenidade da tarde derripou-me a sair de casa; o sol, ao desaparecer por detrás da cidade, deixou um triste tom de suavidade em tudo e eu senti, vagamente, um desejo de ver a tristeza do campo e do rio...

Desci á fonte; o verde esmaecido das insuas entristecia o olhar; as oliveiras da encosta daleu uniam-se na mesma côr escura do entardecer e as curvas das colinas, para o frontê, recortavam-se num céu puro azul-verde.

Havia, em tudo, uma beleza desordenada e comovida.

Atravessei, á pressa, o largo e entrei na fonte. O areal do rio estava transformado num alegre e vivo arraial de euda subia, até acima, o ruído alegre de descantares e o cheiro forte a peixe frito.



Ranchos esbriávam-se ao longo da bal-  
 ça dos salgueiros cantando e dançando; outros  
 a meio da areia, cauíam mais jocosamen-  
 te os restos da merenda tradicional; e os rapa-  
 zes, atentos e firmes, segurávam os seus pa-  
 pagaios de papel, altos, muito altos, seguros  
 por cordeis que a vista não conseguia seguir  
 no ar. Do longe, para os lados de S. Mar-  
 inho, estalejavam foguetes.

Era a tradição duma festa impregnada de  
 alegria e satisfação. Era a merenda ancestral  
 que tinha, fatalmente, que ser comida e os  
 pagaios de papel que tinham, forçosamen-  
 te que voar naquela tarde de agosto.

Intelectual; os foguetes, ao longe, já dei-  
 xavam, no céu, nuvens luminosas  
 e crepitantes; sob os salgueiros acendiam-se  
 fogueiras de folhas secas; e lá do alto, vagaro-  
 sos, curveteando, começavam a descer esses  
 divertimentos de cana e papel de seda. Do  
 areal, continuava a pulsar a alegria dos des-  
 cantos, em desafios. Pela ponte começava a  
 desfilar gente que entrava na cidade com os  
 cestos vazios do faroel que foram cauer e al-  
 guma potolera da encosta. Um ou outro car-  
 ro passava, cheio de gente que levava, ges-



ficulans, mostrando a todos que ia bebada...  
Pelo ar havia o tom festivo do nosso povo em  
romaria.

Ho longe, os foguetes aproximavam-  
se; cada vez se aversinhavam mais; ou-  
riam-se uns vivas de alegria: era a ban-  
deira de Nossa Senhora de Nazaré da Ribeira  
que se aproximava. Havia um clarão  
na estrada, a vozear era mais.

Do areal tudo correu; as fogueiras  
apagaram-se; toda aquella gente que canta-  
va e dançava subiu á estrada alegremente,  
quase em tumulto.

O vozear aproximava-se; no ar ha-  
via poeira em nuvens a que alguns an-  
chotes davam aspectos de fantasia; e en-  
tão começou a desfilar uma procissão in-  
findavel de carros á frente dos quais vi-  
nhá um com a bandeira de Nossa Senhora  
de Nazaré empunhada com polemicidade por  
um homem de peiças e ladeira por garo-  
lada com anchotes.

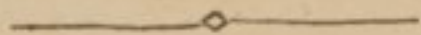
Agora vinham os outros carros afri-  
nhados de ranceiros, já bebados, com mu-  
lheres que cantavam um tanto ou quanto  
desafinadas. Um tropel de gente, em turba-



multa, peguia os carros, aclamando a bandeira. Havia um vago cheiro a vinho; a fonte estremecia; e toda aquella multidão lá foi andando, alegremente, com os vivas da tradição e... da ignorancia:

— Viva a Mãe - Santissima!

Logo já noite; o clarão dos archotes da rua Tomo curiosa é casaria; o rio e as margens da esquerda estavam mergulhados na escuridão; e a pouco e pouco o vozear do fouteau foi-se perdendo pelos becos da cidade baixa por onde o carbejo peguia.





## Arganil:

Arganil:

1903: 6 de dezembro

Aguei estor, nesta ievicta aldeia par-  
rana da minha Beira montanhosa.

Imagine-se uma grande bacia de mon-  
tanhas, nas faldas da serra da Estrela, cheia  
de pinhais e cortada por vales fundos;  
só pelo norte abre-se uma certa extensão,  
de terrenos pouco acidentados que vão sua-  
vemente pender de leito ao rio Alva; e no  
meio disto, apertada, contrariada, uma vi-  
la de ruas estreitas e velhados pelo charri-  
nés...

Imagine-se isto e ten-se-ha uma fugi-  
tiva ideia do que seja Arganil — sendo mes-  
te momento estou a refazer-me ainda dos  
60 quilómetros de caminhada por chuva,  
por essas ieverminaveis estradas lamacem.



tas ; imagine-se isto e poder-se-ha fazer  
uma ideia vaga do que seja uma vila escondi-  
da neste reconhecido impoente das man-  
tarhas, cabeça de concelho, cabeça de comar-  
ca e centro comercial da região !

Parece um contrasenso e no subretanto  
é verdade : Arganil, encafiada neste re-  
canto agreste, sem apparecia, acanhada,  
sem ruas nem largos — goza de uma incon-  
testavel hegemonia no alto distrito, tem o  
predominio nesta roda de concelhos, e' por  
assim dizer, a capital desta encosta da par-  
te de ao Mondego.

Tradição ? Situação ? Não sei ; o que  
sei é que é isto — embora esteja a tremer  
de frio, com brazeira proxima e janelas  
fechadas.

1904: 2 de junho.

Estou de novo em Arganil. Vim para  
guardar umas eleições de Misericordia —  
ranhidas eleições que duram ha um ano e  
que prometem ainda durar mais outro  
ano ! Coisas de terras pequenas onde a po-  
litica torna um ar mais pessoal e que se



estendem pelo andar dos tempos causas coi-  
sas importantes!

É depois, o administrador do concelho  
é um homem terrível, inteligente, vivo,  
político até à medula, capaz de fazer seu des-  
fazer uma eleição com enorme facilidade  
e alguma pouca vergonha; "é um homem  
de sociedade, amavel, atencioso, obsequia-  
dão em extremo, fidalgo nas recepções em  
sua casa — mas de uma subtilidade de expé-  
dientes e de uma mobilidade de processos em  
casos eleitorais que chega a causar arreui-  
bro.

Excelente campo de observação para  
quem não anda expunhado nesta vida poli-  
tica local . . .

A par disso, parem, a terra agrada-me.  
Levanto-me ás 5 horas da manhã — e as  
manhãs na terra são uma linda coisa!  
O sol aparece alem, por detrás da capela de  
Senhora de Montalto, forando primeiro bri-  
thar os vidros da ermida e deixando no  
escuro os vales fundos cobertos de escuros

---

(1) Era Francisco Inácio Dias da Queiroz, de  
Gois, conhecido por "o Xico Inácio."



pinheirais; o fumo das poucas chaminés da vila sobe publicamente para o céu, assim como o que se espalha das telhas dos telhados; alguma nevoa que ha caído pelas baixas co- meço a dissipar-se e para o norte appare- cem com a maior intensidade de luz os pinheiros agrestes do barrotilho. Este especta- culo é sempre grande, embora o vejo todas as manhãs da janela do quarto ou do local do quartelzito; todas as manhãs ha causas novas e a natureza mostra novas perfeições.

A vila, amontada indistintamente, sem arte ~~sem~~, tem contudo, no conjunto, o pituresco das terras do Beira, no meio desta natureza agreste, afogada entre alterosas ser- ranias, escondida por cabeços monumetaes — mas que, com a luz do amanhecer, to- mam a mais variedade de tons, desde o dourado ao negro, ceusante o sol lhes dá a caricia suave ou os deixa empulhados na penumbra. No meio de todos estes infre- vistos, a vila, amontada, sem beleza, to- ma um ar de soberana para quem o Deus Sol, de manhã, espalha magnificencias e distribue prodigamente maravilhas, sem se importar que lhe chamem feia visto que ve-



do eu volta se esforça por despertar uma recolhida admiração e fazer esquecer a sua fealdade.

Demais... para apagar estas impressões das quadragadas não é necessario que ás tardes, quando as pombeiras começam a esdizar-se pelos vales vindas do alto dos cabeços, as damas da terra venham passear autonomamente para a Praça.

O vai-veem eu que elas andam no estreito largo, conversando, riudo, bisbotando, mas tem a beleza de qualquer raio do sol quadragadão que deira o alto dos montes, meu impressões como o levantar do nevoa, aos farrofos, desfazendo-se nos pinhais da base do Alva.

Contudo... ao cair da noite, quando o pccuario se limita ás poucas casas do largo, a conversa ferrimica ajuda suavemente a passagem dummas horas até que venha o pôno lembrar que a quadragada seguiu-me espera. A conversa ferrimica é então suave e tranquila, como a suavidade e a tranquillidade daquelas pannonias...



## Lorvão:

Coimbra:

1905: 19 de outubro

Na terça-feira passada, levantei-me cedo, poriam umas cinco horas da manhã. Ainda havia, sobre a cidade, uma neblina muito tenue e o luar brilhava ainda no céu já esbranquiçado pela madrugada.

No chegar ao largo da Portagem, era já quase dia; por cima do rio corria a neva mais densa; mas o tom de luz que pairava por sobre tudo era tão alegre e tão bonito que me não cansei de olhar até à chegada da deliberação.

Eu ia para Lorvão, ao baptizado dum filho do capitão Domingos de Freitas, com paragem, á ida e á volta, no Chelo; era festa rija, com muitos padres, jantar luto e foguetório bravo.



Vinha, pois, á falta de outro transpor-  
te, de me sujeitar á delicia — uma  
carrizana pequena, com tejadilho, com qua-  
tro lupares dentro e dois fóra, sem rodas,  
com eixos fracos e com balcoes horriveis;  
mas, enfim, vinha de ser.

Não deixa de ser pitoresca uma viagem  
assim, aos rolavancos, sujeita a imprevis-  
tos e aventuras; e de mais, está, que pro-  
mebia festa rija!

Daí a pouco, o cocheiro, vermetto já  
com tres ou quatro copos de aguardente lá  
fez mover a traquitana, puxada por dois  
cavalitos esqueléticos; dentro ia um ho-  
meme conhecido pelo Francisco e cujo ape-  
lido eu ignoro, com a familia; fóra ia eu  
e um outro passageiro; ao tejadilho ia  
uma carga razoavel, mal arrumada, e  
mal distribuida; e tudo isto, aos rola-  
vancos lá seguia estrada fóra, dando ás  
vezes bordos de uns 30 graus mas voltan-  
do ao equilibrio normal por qualquer  
razão desconhecida da Física...

Comecára a aclarar o dia; a luz  
incidia já claramente sobre o rio quase  
despido de nevea; as encostas, de tons es-



Lonços iam-se desbravando com precisão e tudo parecia um dia excelente. E então, quando se chegou á Parbeta e se seguiu pela margem do Mondego, com o sol já a se freitar por sobre os montes e a agua do rio a brilhar como um espelho, a impressão de agrado augmentou e ali me deixei ir encantado com aquelle scenario magnifico.

Grandes terras, riuas valgueus pontos, montes com raras oliveis e ainda outros com pontos de castanheiros, uma ou outra vinha e ás vezes casitas minusculas abandonadas; de quando em quando, um enorme monte, de forma regular, cai abruptamente sobre o rio coberto de rochas encastadas e por entre as quaes correu umas regueiras das chuvas; depois, uma enorme quebrada, funda, quase um enorme desfiladeiro, que obriga a estrada a desaparecer, a atravessar a torrente por uma ponte alta para voltar depois, sob acacias e eucalptos, á encosta do rio; mais adiante é um bocedo do rio aberto disruido, dobrando em angulo recto, parecendo que a corrente nasce ali, de alguma caverna, de algum buraco escondido e misterioso; depois, mal-



quem n'isto em que o leito alarga, é uma  
 meiga fértil, ridente, cultivada, com uma  
 azenha rústica ao lado, para a rega; adiante,  
 é um bocado grande de estrada cortado a pri-  
 meiro nas rochas, num corte de 4 ou 5 metros e  
 com um muro do lado de fora, de suporte,  
 com 6 a 8 metros de altura; além, um oli-  
 val alinhado, em grandes fiadas, para onde  
 se pôde ir só quase de gatas e onde a apanha  
 da azeitona deve ser um problema; aqui é  
 um pinhal cerrado que vem do alto e desce  
 até á agua; lá cima, sobre cabeços descal-  
 vados, moinhos de pedra, mendo ao vento;  
 em baixo, junto da corrente, muros de pe-  
 dre solta, muito grossos, em curvas, para se  
 oporem á invasão das areias no inverno;  
 — tudo isto, por essa estrada adiante, em in-  
 tendo com frezer, mais uma vez, encon-  
 trando sempre novidades, quer no pitoresco  
 das povoações amontoadas sobre vertentes  
 nas encostas, quer nos imprevistos das cur-  
 vas do rio quando parece esbarrar com as  
 serras, quer no aspecto duro, selvagem, de  
 certos passos.

Assim se segue a estrada: Torres, a  
 Mizarela, o Baneiro, e Roberdosa.



Um pouco antes da Robardosa appareceu o Bernardo Pedro, em bicyclata, mas ruído, estafado, com febre; dei-lhe o meu lugar na diligencia e sob os incitamentos do gordo Francisco que ia alagado no carro, e me disse com voz amavel:

— Bóte figura, m. alferes, bóte figura!  
 eu mostrei áquelles pinhais e olivedos pelvageus que era habil em manobrar tal maquinice de transporte a que a civilização chamou bicyclata... Segui átraz do carro, e apesar de me divertir o aspecto da carrizanca toda tombada a um lado, aos polvancos inumerosimos, com desvios da linha de gravidade que, necessariamente, iam ofender as leis de equilibrio estabelecidas, eu não deixei de ver as varzeas alegres, verdejantes, bem tratadas daquela recta do Mondego, nem deixei de reparar no pitoresco dummas casas de outra margem, entre latadas, com trepadeiras, sob arvares frondosas.

Logo adiante do lugar da Robardosa, e em curva, o carro parou: estávamos no atalho que nos levaria ao Chelo; apressamos todos e começámos a subida ingreme, aspera que nos levaria ao alvoco...



A meia encosta, todo fresco, com ar de quem dormiu bem, de grande flôr ao peito, surgiu o Domingos de Freitas, sorridente, e vaidoso:

— Vivam! vivam!

E a subida continuou, era aspera para encontrar ora em curvas poeirentas, por entre trincheiras cheias de pilvados.

A entrada do lugar, havia um arco festivo, de luxo, ainda da festa de vespere e ante-vespera; havia ainda bandeirolas por aqui e por ali; e aquela gente toda que asportava ás portas, com trajos ainda endombrados, cumprimentava polidamente:

— Viva o sr. capitão!

No chegarmos a casa, felicitei o Freitas pela celeridade e pela preponderancia ao mesmo tempo que, na sua reunião cammicheira, chegava o Prior de S. Pedro de Alva — homenagem saudavel, muito merecida, que devia ter nascido nos bons tempos do Sr. D. Miguel e que nestes tempos de liberalismo vai arrastando com objurgatorias irreverentes a sua fatalidade de transviado.

Depois dos abraços e cumprimentos e suppranto ~~ao~~ preparar-me o almoço, fui com



o capião é capelinha do Lyar. É uma capela vulgar, de aldeia, sem nada de notavel; apenas chamavam a atenção os cinco andares da ultima procissão festiva, o resto era o vulgar de todas as capelerias aldeanas: imagens horriveis de vestidos berrantes, jorruellas aos cantos e, pelas paredes, um ou outro ex-voto e mais nada.

O Freitas chamou-me a atenção para a imagem de uma Nossa Senhora de qualquer causa que tinha ao pescoço um grosso cordão de ouro; e a mãe-voz disse-me:

— Você vê este cordão? Ha uns dois annos tivei de soldado um rapaz, filho de um homem do Chelo, abastado; pois o pai confiou, como lembrança, este cordão que lhe devia ser custado a sua cabeça de mil reis e ofereceu-o ... a mim? Não, a Nossa Senhora ... Veja...

E com esta nota curiosa de que me ri, saímos e por sobre os pinais festivos de aldeia, vendo pelos intervallos das casas uma empolgante successão de planos de montes e serras que a nevoa de manhã ia descubriendo, poruendo aquelle ar puro de altura, coado por pinhais — encaminhámos-nos resolu-



tarriente para o almoço. E na verdade o al-  
moço forte, reculento, cheirando divinamen-  
te, estava a ir para a mesa.

Depois do almoço, seriam onze horas,  
organizou-se a caravana; bem almoçados,  
um tanto ou quanto pesados, lá abandoná-  
mos a mesa e seguimos alegremente para  
Larvão.

O grupo era grande: o domingueiro de  
Freitas com as duas filhas; o infatível e  
gordo Francisco, com a consorte e a filha; o  
José Ribeiro, proprietário do Chelo, trouxe um  
par de bijos de ouro e deu-me a Vitor Manuel,  
pladão, gesticulador, sempre com uma la-  
grima sentimental ao canto do olho; o Ber-  
nardo Pedro e o irmão; uma prima destes,  
rapariga de Coimbra de belos e suaves olhos  
negros; o juíz de S. Pedro de Alva e o padre  
Alvaro Coelho. Todo isto foi seguindo, ~~em~~  
~~um~~, alegremente, em pequenos grupos;  
e até deixar o lugarejo, passámos por entre  
o povo cumprimentado, homens barba-  
dos, com fatos domingueiros; raparigas es-  
beltas com as roupas características, um  
chambre claro com laços de fita sobre o peito,



um desejo de obedecer á moda das cidades, saias com listras de veludo, garridas, um conjunto artistico de côres. Toda esta gente andava com simpatia e caravana, mesmo pelo atalho fóra, onde havia casalitos ou logarejos alcaenderados naquelas encostas agrestes.

O falecido Lino de Assunção quando foi a Laruão por ordem do governo a seguir á extinção do convento, disse numa missiva que escreveu que não viu nem mulheres feias, com a saia pela cabeça, desconfiadas, com ares selvagens . . . É que o Lino de Assunção nunca aqui passou nem dia assim como este, nem dia de sol e de festa, em que as mulheres deixassem em casa as anáguas grosseiras de lã de ovella e vestissem os garridos trajes febrinos que lhes realça a beleza, a elegancia, a perfeição! é porque nunca aqui passou nem dia em que a certeza do divertimento lhes tira o ar selvagem e desconfiado dos dias de trabalho para lhes trazer ao rosto mureno a alegria, a perecuidade e o brilho suave e promettedor aos olhos verdadeiramente peninsulares! Se ele fosse vivo, eu escrever-the-



ia : sr. Lino da Assunção ! você nunca  
veiu ao Chelo no dia da festa da Senhora  
não sei de quê ! . . .

Mas a caravana seguia ; no ar estale-  
javam foguetes ; num ponto mais abaixo,  
ouviam-se os acordes mais ou menos de-  
safiados da filarmónica de Paucoos que che-  
gava para a festa ; num terreiro largo, e ce-  
nário de jovações, viam-se ainda no ar,  
como esqueletos de enfarcados, os restos das  
peças de fogo de artifício queimado na ves-  
pera ; e pelas janelas chegavam calças  
curiosas e bisbilhoteiras de velhos endormi-  
gadas, de homens severamente escantoa-  
dos, de galantíssimas raparigas de olhos pe-  
renos e vivos .

No passar pela loja principal da terra,  
do Manuel Bastano, que tem caixa do correio  
e negocia em politos — houve quase ma-  
nifestação ; depois seguimos por sobre o ma-  
to cobido da ultima rua e entramos no ca-  
minho estreito e sinuoso que nos levaria a  
Lervão, e a conversa começou a generali-  
zar-se alegremente .

Eu e o Bernardo Pedro, um pouco em  
competência, fizemos oferecer o braço á



gentil prieta de olhos belos; e o maroto do Francisco, percebendo o duelo, piscava-me o olho e dizia matreiros.

— Onde, sr. alferes: os boeus guerrearam com os boeus...

Até, com ares graves, vinham os padres com o capitão; o prior de S. Pedro de Alus, o Sr. Diviz de Alereu, corpulento, espadado, dolido, aspecto inteligente, falava alto, acompanhando sempre as palavras com gestos da mão direita, costume, cerbaente do pulpito; o outro, o Sr. Alvaro Coelho, do conselho de Beula, rapaz novo, saído há pouco do Seminário, atencioso, fino, ouvia reverentemente... Qualquer deles era franquista: o de S. Pedro de Alus, tem sido muito perseguido pela politica progressista do conselho, mas tem resistido a tudo, sempre pronto para torcer o código como para, com um cacete, escangathar as costas de algum adversario; deviam ser assim os padres guerreiros das lutas miquelistas e o proprio João Franco chama-lhe «o nosso valente Prior...» O outro, o Coelho, foi prior de Larvão até que a politica dominante o pôz fora; mas ele, como bom franquista, e como gostou da fre-



guesia, por aqui se deixou ficar e vai fazendo uma terrível politica francquiota que dá que fazer aos outros; é boa figura, insinuante, indeligente, neste á vontade fôto de câr, com pouca ortodoxia e usa camisas de pano de Oxford. Parece-me por liberal apesar de assinar o Correio Nacional.

Ara o Domingos de Freitas, no meio dos dois, aplaudindo os gestos largos do Padre Diniz de Alencar, atacava acerbamente o Couselheiro Alipio Leitão, de Pernambuco, o chefe incontestado dos progressistas, que tinha o coucelho na mão — mas que nunca fizera nada que se visse a bem dos habitantes ou dos melhoramentos da terra: só tinha tratado de colocar os filhos, os primos, os sobrinhos, só dava jantaranadas a pessoas graúdas que iam á vila e... pronto! mais nada!

— A ponte, por exemplo, olhem a ponte! fe apontava com gesto largo para os lados da ponte sobre o Mondego cujos pégoes em construção estão assim ha perto de trinta annos) vejam se elle tem feito alguma coisa para para que ella se acabe!

— Isso é verdade, m. capitão, isso é verdade, concordáram os dois padres.



Em volta, a distancia respeitosa, alguns lisuceus do Ghele se viam reverentes...

A politica é, na verdade, uma causa grave e profunda!

Para a frente a caravana ia mais animada: iam lá os rapozes e as raparigas e isto basta para calcular que iriam todos alegres.

O atollo é que não é grande coisa: es-  
treito, quase sempre sobre pinhais, contor-  
na uns montes altos, sempre com um va-  
le fundo á esquerda que mais parece um  
caufrido desfiladeiro por onde corre uma  
fonte torrente de agua que faz andar uns  
meinhos primitivos; vai subindo e descen-  
do em curvas, á roda de montes successi-  
vos, sempre escuros com as copas de pin-  
hais densos, com o vento bravo, a carque-  
ja e a urze; de quando a quando topa com  
um politario castanheiro, paudoso de certo de  
pontos antigos que desapareceram; outras  
vezes riza com umas levadas que adiante  
caem cachoantes sobre os rodizios dos meio-  
nhos. É assim o meu atollo que nos leva  
a esse decantado Larvau que um poeta já  
cantou:



« Vão ali grandes montanhas  
de alguns vales abertos  
todas de pontos cobertas... »<sup>(1)</sup>

Melhor eu frisar, mais topada meus  
topada, passámos á Ribeira de Lavões, loga-  
rejo pendurado na encosta da direita, de ca-  
pas sobrepostas, com grandes varandas lar-  
gas esculpidas com trepadeiras; adiante,  
outro logarejo chamado de Lavatodos, penen-  
thonte ao da Ribeira, com as mesmas ca-  
pas acumuladas, com amplas varandas  
cheias de verdura, contrastando com a  
severidade da paisagem. É' portas, pere-  
nemente, embora no ar haja refriques de  
festa, algumas mulheres fazem palitos, pa-  
ciencientemente, um a um, juntando o pão de  
cada dia num pequeno cesto ao lado.

É' a grande industria local; creio que  
em nenhum ponto do país esta industria  
se exerce como aqui; toda a gente sabe tra-  
balhar em palitos, toda a gente, desde os  
anos da infancia até á quase extingução de

---

<sup>(1)</sup> Cristóvam Galvão: Ecloga.



velhice, desde o nascer do sol até a noite, a luz da candeeira na lareira, nos intervalos dos trabalhos do campo ou do arnanho da casa, toda a gente trabalha em palitos.

Sentam-se á porta, põem umocado de sola sobre o joelho, apiam ligeiramente na parede uma fogueira em bico, estendem, no chão, a paredeira de palqueiros e ao lado um cesto vazio; a faca tacha repetidamente aqueles bocaditos flexiveis do palqueiro e num abrir e fechar de olhos, o cesto enche-se; embulham-se em massas pequenas; um cesto numero destes massas formam já uma unidade de venda — e assim, pausinho a pausinho, palito a palito, numa semana, a freguesia exporta mais dum conto de reis!

Defeis, carros de bois carregados com caixotes, atravessam a terra, desceem a Sousaes, e despacham-nos na estação do caminho de ferro. E aí vão, mundo fóra, esses modestos palitos laubaneuses, feitos modestamente, ignoradamente, num recanto de pedras cobertas de pinhais bravos, sobre ruato e carqueja, longe de tudo e de todos!



No passar em Lavatodos, o atalho co-  
meça a subir, a subir, até que, depois  
de algumas curvas, nos penetra no fun-  
do do desfiladeiro, avista-se, mesma volta,  
uma torre, também no fundo do vale,  
quase escondida.

— É a primitiva igreja de Lervás, do  
tempo dos godos, diz-me o Padre Alvaro.

Eu disse que sim, embora saiba que  
não há no país edificio antigo que não seja  
classificado por esta especie de arqueologos  
em obra de mouros ou, para variar, dos  
godos... Mas logo, quase a seguir, mesma  
entre curvas, a nossa vista tem a deplora-  
vel impressão de ver, no fundo do mesmo  
vale, no ponto onde alarga um pouco mas  
em cuja volta as rochas são mais altas,  
um enorme casarão, caído para ali, ao  
acaso, entre pinhais bravios.

É curioso mesmo que este alarga-  
mento do vale, com o aspecto de uma ba-  
cia funda, tem as duas communicações de  
passagem da ribeira estreitissimas; para  
subirmos em Lervás pelo atalho da ri-  
beira, passamos, quer dum lado quer do



outro por um apertô do extenso desfiladei-  
ro — dando a impressão, do alto, de que  
as aguas que ali caírem não terão por onde  
saírem.

Mas o enorme casarão ali estava,  
com uma soberba torre do cruzeiro da igreja  
sobresaindo aos telhados negros; e ao pé ou-  
tra torre, a dos pinos, mandava-nos os refri-  
ques festivos de boas vindas.

Pobre gigante caído no fundo daquelle  
enorme barrocal!

Com mais uns passos, estávamos em  
frente do historico convento de Lervão.

Para ali fugiram as infantas Teresa e  
Sancha, na luta com o irruão rei, Afonso II;  
dali partiu, com levada cavalegada, a infanta  
D. Branca, filha de Afonso III, quando foi rap-  
tada pelo gentil meuro algarvio, pobre poeta  
encantado num palacio de cristal, á beira-  
mar, sobre uma rocha de jaspe...

Ali chorou Herkulano a miseria das  
freiras; ali se recolheu Wellington uns  
dias, em vespersas do batalho do Bussaco.

Ja em considerando estes factos e pen-  
sando pelo minha erudição em materias  
historicas, ao aproximar-me do imponente



edifício, quando ao lado o Francisco, o guarda Francisco, me disse apontando-o com o dedo:

— Aquilo é que é um barracão, oh sr. alferes!

Havia qualquer coisa de filosófico na frase do guarda e ignorante laurador; e na verdade o velho mosteiro estava reduzido quase a um barracão. E com isto entramos no lugar de Laruás, sede de freguesia e cabeça da indústria paliteira.

O lugar é pouco mais que uma só rua; á direita, na encosta jugreue, há ainda uma aglomeração de casas do mesmo sistema e do mesmo aspecto das dos liparejos por onde passámos; mas a parte principal está toda cá em baixo, na rua que percorremos, com casas altas de fraca apparencia.

Ás portas, havia gente que trabalhava em palitões; ás esquinas, sobre gente eudo-miçada fazia horas para ir para o Chelo, á festa; e nós, quase em procissão, em grupos mais compactos e menos bulicçosos, passámos ao longo dessa arteria da civilização laurianeuse até chegarmos ao fundo, ao portão da esgrada para o pátio do mosteiro.



Compreendendo de um largo e amplo terreiro, o capitão disse-me com ar de quem o mediu com a vista:

— Oh meu alferes: que bela parada para um quartel!

Mas ao lado, o Francisco, mais pratico:

— Bom, bem, mas era para metter miltos!

E se olhando para o edificio em frente, considerarei o seu aspecto de abandono, de tristezza, de máus tratos. É um casarão enorme, crivado de janelas gradeadas onde espreitavam calieças de gente do povo; nenhuma beleza, nenhum traço elegante de arquitectura, nenhuma estatua, nenhuma porta ou janela com graciosidade artistica! É ainda por sobre isto o aspecto de casarão desmantelado, caído para ali ao abandono.

— Um barracão, não ha duvida, commentava o Francisco confiando as ruissas.

Da parte da esquerda, saliente, e ainda ainda se conservão umas relhinhas sobreviventes á extincção, que viviam desde pequenas no mosteiro e que, ja agora, ali hão de morrer; á direita, ao fundo do terreiro, está a casa da residencia parochial, olha



mais moderna mas estragada por modernismos de fresca data. O P.<sup>e</sup> Alvaro explicou:

— Quando tornei fosse, aquilo estava ao abandono, uma miséria... Arranji a escada, o jardim... veja!

Aproximei-me e para calcular o que arranjou o Padre, bastou-me ver no jardim-rito de entrada, a regerárem uma latada com riquíssimos cachos (ainda bem, ao meu mos!) estavam duas colunas rousarnicas, de pernas para o ar, com os capitais arremetidos no chão, cheios de terra, lascados pelo roçar das rodas dos carros e das botas de quem passava...

O capitão chamava-me para ir ver a Igreja; eu mal analisei esses restos que o Padre, de certo, foi tirar em qualquer derrocada do mosteiro e, dirigindo-me para o grupo que me esperava, disse com a maior efabilidade para o Padre:

— Muito bem, sr. Prior, muito bem...  
E fui para a Igreja.

A Igreja, para a qual se entra por um corredor abobadado cujo eixo forma angulo agudo com a parede, é um templo vulgaris-



rimo do século XVIII : muita luz, certo ar de grandesa, qualquer causa de infonancia, linhas simples e mais nada.

No voltar, parem, costas ao altar-mór, dei com os olhos na melhor obra do convento e, pegando dizem, numa das melhores causas de Bemfazeita : o côro.

É realmente, uma preciosidade. Separada do corpo da Igreja por uma soberba grade laurada, ha uma sobre nave, quase do tamanho do templo e com o mesmo eixo, onde no mesmo pavimento, está o sumptuoso côro, de duzentos e tantos lugares, de bela talha do século XVII. É uma bellissima obra, harmonica, equilibrada, quase simples.

Eu olhei, admirei, comentei, raciocinei, calculei e... acabei por me sentar comodamente na vasta cadeira abacial e comecar a imaginar o que seria uma festa religiosa, com a comunidade toda ali sentada, entoando o latinarío dos cânticos, enchendo as abobadas com uma revoadada de cantochão, ao mesmo tempo que iam espreitando profusamente os galantes que na grade admirariam tanta magnificancia e... tanto descaimento...



No fundo, a parte feminina da caravana ajoelhava aos altares; o Prior de S. Pedro de Illes beuzia-se na capela-mór; e eu reubia-me bem, recostado irreliçiosamente na cadeira onde se reubarão, em outros tempos, as venerandas abadeças, algumas filhas de reis, de príncipes, de grandes fidalgos e até filhas novas das outras...

O Francisco palpava a medeira dos ricos cadeirais, meio desconfiado; o José Ribeiro, coçava o queixo, olhava para aquella obra toda com o ar de quem calculava quanto aquilo renderia reduzido a palitos; eu disfrutava, comodamente, estes dois utilitaristas quando surgiu, ao fundo, o Prior já paramentado seguido pelo P. Boetho, acolitando.

Seguiu-se o baptizado que, verdade, verdade, não me pareceu feito com todas as regras litúrgicas nem com todos os diáconos canonicos; mas nem por isso o pequeno ficou nemos católico, apostólico, romano... A meio da cerimonia, ainda o Prior estava a braços com o latim, o Francisco pegredou-me, como quem descobre uma maravilha:



— É um foguetezinho, oh sr. alferes?  
 Não vinha a cáthar?

— É verdade, um foguete! Oh sr. Francisco, arranque uma dúzia!

Segredou-se para o lado, ao sacristão; seu Laruão, porém — oh atroz! — não havia foguetes! Só um Lavatodos, mo fogueiro de Lavatodos, que era o artista da região que sabia de pirotecnia... Chamou-se um rapazito, deu-se-lhe uma corôa e mandou-se, a correr, comprar o fogo.

— Ora, ora! Uma festa sem foguetes! dizia o Francisco; já vivam uma coisa assim!...

Terminado o acto religioso, exigi que me mostrassem o convento; eu não tinha vindo a Laruão para estar recolhido na Igreja, como qualquer beato remeiro; e dirigindo-me ao sacristão, perguntei-lhe:

— E os tumultosinhos?...

O sacristão, com um riso meio tolo meio esperto na cara escurilhada, levou-me á capela maior; ali, começou a tirar dum altar da esquerda uns vasos com flores, umas imagens de santos, umas paças ou coisa que o valha.



Eu não percebia aqueles movimentos e voltei a dizer:

— Oh sr. sacristão! Eu queria ver os tumulos de prata das senhoras Infantas, aquelas senhoras que se acolheram a este mosteiro fugidas ao máu iruêdo, o rei leproso...

Mas o sacristão, insensível á minha larga cultura histórica, tirou de cima do altar mais umas beuziganças, puxou para o pé um banco, paltou para cima do banco, depois para cima do altar e... oh profanação! com suas bruxas puxou uma cordina de pedo adamescada ~~em~~ que encobria qualquer receptáculo que se imaginava conter as pagodas parbículas em recatado sacrario.

Mas qual! aos meus olhos atentos appareceu uma urna de prata laurada, mais ou menos elegante, com pedras encastoadas que meubros tempos talvez fossem grecio-pas; não estive com minhas medidas: valendo-me da minha pratica de ginstica arancei um paltó para o altar que estalou ao contacto com as minhas botas com um gemido de resiguada admiração, curvei-



me para dentro e, mais do perto, ajreei a obra. Era, na verdade, uma urna laçada, obra do século XVII, graciosa, pois que tivesse valor para se abrir a boca de admiração; as pedras encastoadas estavam mezes a dizer que foram, meus tempos. mais felizes, pedras preciosas, mas que, por misteriosos efeitos de alquimia, se foram transformando em vidros cêrados...

— E o outro túmulo, sr. parisião?

— O outro está ali, disse ele, apontando para o altar fronteiro, e é igual.

O capitão, porém, puxou-me pela calça:

— Deixe a arte, homem! venha ao terraço admirar a natureza!

Fomos, reluciente, aos terraços, por uma escada escura; tudo abandonado, e cair, tudo caiu o ar de ruínas que pô uma forte reacção da tradição covegue puster em pé!

Do terraço, a vista é pequena e esca-  
nhada: o lugar, ali estava, velho burgo fronteiro ao poderoso convento; para um e outro lado serras pobres serras, mesquedo, ao longe, numa linha sinuosa de franhei-



rais; o muro da cerca, coberto de heras, talvez centenarias, seguia a sinuosidade da encosta, em arcos, abripando dentro terrenos que anteriormente foram ortas, pomares, jardins bem tratados e que hoje estão cobertos de matagal, de pedras das derrubadas e de silvedo bravo; em baixo, mesma parte do convento arruinado, ainda se via o resto dum claustro renascente, muito elegante, com um chafariz em pirâmide, ao centro, mas num abandono mais do que criminoso.

Aísto, subitamente, no ar estalou um foguete. Cheguei á borda do Terreiro: o Francisco, em baixo, no Terreiro, lançava os foguetes, num delirio, de cigarro na mão, radiante, cercado pelo rapazio que dava vivas. O capitão exultava, o Francisco, meio doido, continuava a lançar ~~com~~ continuamente o foguetario; o fumo enchia o Terreiro; os rios replicavam com alegria; á nossa frente passavam furiosamente os foguetes, silvando e estourando; o mulherio do lugar acorreu a ver — e por sobre o luparejo recatado pairava um ar de festa rija.



Os rapazes, correndo a apanhar as canas dos foguetes que caíam gritavam:

— Viva! viva!

E eu, lá de cima, cogitei um pouco na transfiguração das cousas: ali está no que dera um mosteiro opulento e nobre, refugio de Infantas e recato de fidalgas devassas...

Seriam tres horas e meia a cavavana organizou-se para o regresso; o povo afilhou-se na rua para nos ver passar; os padres cumprimentavam reverentes e nós lá fomos transpondo o atalho com a convicção de que iamos, liuredamente, ganhar o direito a um bom jantar...

No chelo estava tudo pronto para a cozeima; numa mesa posta em diagonal na sala da casa do José Ribeiro, havia alinhados, arrumados, irreflexivos nada menos do que trinta talheres! No centro um enorme vaso de flores, desconmunal, lançava pontas de trepadeiras para todos os lados; á volta, um mixto de assentos: cadeiras de pau, de palhinha, bancos, umas ou outra tripeça; a um canto, sobre um cavalete, um irreverente fipo de vinho e ao lado, ci-



utilisadamente, uma caixa com garrafas de champagne certamente destinada para as pessoas de respeito... Sobre uma mesita, ao lado, uma caixa com charutos.

A conversação arrimava-se na expectativa dum offiparo jantar; no largueto, ao lado, a filarmónica de Benavente tocava, num coreto, umas cousas desafinadas; no céu já mais escuro estalejavam foguetes. Pela larga varanda que deitava sobre o rio eu não me cansava de ver aquelle cair da tarde, perecer, sobre o vale euphónico do Mondego; os rochedos, do outro lado, iam gradualmente escurecendo; os pinhais, quer os das encostas quer os que cercavam as linhas de cumeeiras, iam também tomando um tom carregado; só a mesita, brilhante, como larrina tombada ali descomunavelmente, o rio rarrabinha a alegria clara do dia, por entre umas veijas ainda verdejantes.

— A popa! Lá vem a popa!

Este grito fez movimentar toda a gente; de dentro, uma rija moçoila surge com uma esmerla terrina nas mãos suspensa a um rual afflicto da dona da casa; dizem-lhe qualquer cousa e a moçoila



voltou pelo mesmo caminho. E' que do outro lado, da entrada, surgia a tuna de Loução, cumprimentadora, cerimoniosa, que vinha cumprimentar e paudar...

Cheguei-me ao Francisco que com a vista da terrina tinha ganho alento:

— Que quererá a tuna?

— O pián é que a popa arreifece, comentou ele copiando as peissas.

E eu voltei a olhar tristemente pela longa varanda o horizonte: lá estavam a desaparecer no escuro os rochedos de S. Miguel de Poiares, por onde ha dois annos tropeei a caminho de Anjanil; a perra do Salgueiral por detrás da qual fica Pombeiro; o rochedo agudo de Geis; a perra de Leusan, do Espinho, de Miranda. Mas... a tuna começou a tocar! Era uma valsa terrivel, infundavel, cheia de rebicencias e desmaios...

Só quando, depois dos discursos, dos agradecimentos, dos copos de vinho e dos vinhos, elle saiu contente e a terrina da popa pulou movimentada, triunfante, nos braços da mesma rija meçoila, é que o alivio voltou aos courivas e um courulo especial se apoderou de todos.



Ja, enfim, começar o jantar; todos se pentaram; e enquanto a sopa se comia houve um silencio profundo, grave, como que precursor de grandes cousas... Os dois frieiros occupavam os lugares de honra: a Igreja super omnia! eu fiquei com o capitão e com o Bernardo a uma das extremidades do mesa; o resto, indistintamente, mais preocupado com o que se iria comer do que com a questão de precedencias.

O criado, mais ou menos encasacado, começou a servir proficientemente (era um criado do Causelheiro Alipio, do Penacoua.) um jantar grande, esmerado, colossal, grandioso, monstruoso, pavoroso, faraônico; os pratos pegavam-se ininterruptamente, em grandes travessas bem farrasadas, deixando um cheiro delicioso; um subro criado corria, com uma garrafa que ia escher ao bifo, os copos dos convivas; a conversação amou-se — e o jantar entrou, definitivamente, no periodo aureo...

No sexto ou sétimo prato, tive de dar parte de fraco; daí por diante só conversei porque não era possível comer mais; mas o criado encasacado, continuava grave-



mente, como quem estava habituado a estas  
causas, a trazer e a pensar travessas su-  
cessivas com vitela, carne de porco, lombos  
de varias ferejas, leitão, galinha, perús, pa-  
tos e dizia-me com amabilidade a cada pro-  
to que eu recusava:

— Barbão V. Ex. já dá parte do fraco?

E eu que já aguentara até ao pedineo com  
gothardis dizia-me sempre em resposta:

— Fraco, fraco... não; é que eu sou  
muito doente...

— Bem se vê, bem se vê... Suave co-  
me tão pouquinho...

O Barbaro! Sete pratos reculentos, de  
causas congestas era pouco!

Mas misto, atrocamente, com um  
agudo terrível e um graues fora de propo-  
sito, ouviu-se á porta, o solene Hino de Car-  
ta, tocado pela filarmónica. O Prior de São  
Pedro de Alva foi interrompido, nessa altura,  
numas violentas objurgatorias que dirigia á  
França por causa da reparação da Igreja do Es-  
tado — ao que eu replicava amigavelmente,  
com leve ironia, repetindo o leis dos Cardeais:

— Erminecia! a humidade de avan-  
ça!...



— Qual avança, meu meio avança!

Nisto o hino interrompeu a objurgatoria e a replica ficou para depois.

A filarmônica, segundo a costumeira, cumprimentava os convidados e lançando aos ares as notas do hino nacional, fazia jés a um copo de vinho... Depois, investiu escada acima: perto de trinta rapazes entraram e formaram círculo á volta de mesa; entre eles, o regente, olha para mim, abre os braços e corre:

— Oh Belisário!

— Oh Antonio Barimiro!

Era um antigo condiscipulo do liceu que eu já não via ha muito tempo e que agora é amanuense de administração do collegio; rapaz sempre alegre, estouvado, grande amador de musica, por ali se ficara, na terra, entre a reparaçáo e a filarmônica... Disse-me que estava mais pacato, casara, tinha uma filha e... estava feliz! E eis eu que se resumem as ambições de um rapaz: casou, tem uma filha, é amanuense e é regente duma filarmônica!... Como se póde ser feliz com tão pouca coisa!



A filarmónica, parece, era progressista; o presidente era mesmo um filho do Conselho, o Carlos, bom tipo de laureado e com quem troquei um ligeiro cumprimento diplomático; e para não perder a ocasião, o Prior de S. Pedro de Ilus que ainda há pouco zunzira com palavras veementes a política progressista local, a dominadora, a onipotente, a corruptora, levantou-se e dirigindo-se ao Carlos Leitão fez um brinde ao velho Conselho de Ilipio, a pessoa de maior consideração e representação de Bejaçova...

O filho, em breves palavras, agradeceu, tanto mais que o brinde partira do chefe franquista do concelho; e a filarmónica, reconhecida, desandou a tocar uma musica territorial, uma miscelanea, em que o bombo, de paleadamente, ia lançando a casa abaixo e ensurdecendo os ouvintes.

O José Ribeiro, tendo com trinta copos que bebera, lançou um viva á musica; o Prior um outro, neutral, ao concelho; o Francisco, com lagrimas no olho, um outro ao domineiros de Freitas; os musicos beberam e comeram e por fim lá saíram contentes e mais compostos de estomago.



Dei um abraço ao Carimiro; e quando julgava que o jantar estivesse no fim... qual! iam ainda servir uns quissotos, um pequiada aos quais veio um lombo, um peru, um leitão e não sei quê mais!

Contudo, com maior ou menor esforço, lá se chegou ao fim; e quando se julgava que estava, realmente, no fim, e que serviriam um café estomacal, apareceu uma enorme travessa com arrôr doce, o classico, o tradicional arrôr doce, com legumes feitos de casela, irrefrescivelmente lançadas. Depois, meu Deus! seguiu-se uma profusão de doces: crêmes, langues de ovos, rôlos, um coussus... um horror, verdadeiramente um horror!

Foi então que os amigos começaram e como o jantar, foram intermináveis. O Prior de S. Pedro de Alva, como chefe politico, aproveitou a ocasião de fazer um discurso em louvor do Conselheiro João Franco; cada qual lançou a retórica que tinha estudado: desde os eucômios ao neofito até aos louvores reverentes ao chefe de Estado...

Seriam mais de dez horas, começaram os couvinas a levantarem-se; o Francisco,



não suportando tanta comoção, chorava; o José Ribeiro, de boca aberta, lembrado como dono da casa, abraçava o Domingos de Freitas; o Bernardo gesticulava com as raparigas para irem dançar; e o tal criado sucasado, chamando-me de parte, pediu-me respeitosa-mente para fazer um brinde a meu Pai...

O homem, afinal, além de criado do Couseheiro Alípio, era também distribuidor rural...

Dai a pouco, em baixo, surgiu-se um harmonio; dançava-se já na loja, amplo compartimento térreo que deitava para traz, para um quintal. Raparigas do Chelo, cheias de laços e fitas no peito dançavam ao pé das varas e á luz de duas candeias antigas de azeite.

Tinha o péu quê de curioso aquelle baile á luz mourisca de candeias ancestral.

Desci com o Bernardo; o baile aui-nou-se; os pares rodificavam num crescendo; havia risos, alegria; de vez em quando uma voz soltava qualquer quadra popular para quebrar a monotonia de mur-múrios; e lá fora o luar brilhava e fazia sin-



tilar, como metal, as águas correntes do  
 Mondego. Virguezem cançãos no bailarico;  
 qual o tocador parava, exigia-se, em grita,  
 que recomeçasse.

.....  
 E poria umis hora e mais de manhã, o  
char-à-lancs partiu, pela estrada cheia de  
 luar, para Coimbra.





## Pampilhosa da Serra

Coimbra:

1907: 13 de março.

Resolvi ir a serra de Pampilhosa da Serra. . . . Para quem se habitua ás comodidades dos palcos de luxo do Compagnhia do Norte e Leste, esta viagem tem o seu quê de universo nimal. Mas vou.

Deve ser uma causa sumamente pitoresca, variada e, para mim, inédita.

Basta saber que tenho que empregar todos os meios de locomoção para conseguir chegar a essa desterrada vila, para a qual terei que galgar pedras sobre pedras, aridas, ruias, pedregosas, durante horas e horas; desde o comboio até ás botas, tudo se emprega, louvado Deus! Desde o acouchado confortável de 1.ª classe, desde a delirancia cambolante, desde a média mula albardada



á. parrana com algarves, até ao andar a pé,  
ao gosoico, ao velho, ao primitivo andar a  
pé... tudo se emprega nessa travessia avari-  
surosa!

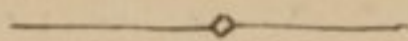
Depois de partir de Coimbra ás 5½ da  
manhã; depois de usar de todos estes meios  
de transporte, conseguirei — se os lobos es-  
faucados da terra ou os javalis ferozes do  
Tezere me não comereem — chegar á Pamphi-  
lhosia, velho, velhissimo burgo no fundo de  
um vale, sobre grandes pedras descalvadas,  
onde o pol brilha eucomodamente, mas só  
quando ele tentar desaparecer por detrás dos  
rochedos agrestes e, ao mesmo tempo, as  
pombeiras comecarem a rotar, assustadora-  
mente, pelos vales. Um dia cubero!

Deve ser uma divertida e agradável  
parceira. Binoculo e tiracolo, maquina fo-  
tografica arrestada, levo tudo quanto neces-  
sário para a recreação da vista e para a fixação  
das impressões.

Poucos dias serão; mas mesmo as-  
sim verei se consigo ver o Tezere, se con-  
sigo admirar o Galril; se consigo comer  
frutas — se eu fim a aproveitar o tempo e se  
admiro todas essas belezas ignoradas deste



folhe país desconhecido. Depois, quando descer das serranias, e passado dois dias para ligeiro descanso, irei a Lisboa — ganhar-me em civilização...



### Pamfithosa da Serra

15 de março.

Curiosa, aventureira, interessante, contada de peripécias cómicas e perias, a minha viagem de ontem!

É he quem me acousete a mão ir á Africa — quando eu já estou habilitado a ir a toda a parte do mundo!...

Até 5 horas da manhã, puebido no caulhois algum tanto civilizado da Lourenço, pegui por sobre campos cobertos por uma grande camada de geada, e por vales tomados por uma deusa e fria neblina; ao sair da carruagem no terminus desta primeira parte, puebi um esurme frio e a neblina, mais deusa, trespassava.

Procurei o carro da Pamfithosa no meio da aglomeração de delipencias que ali estacionavam; arrumei a minha mala de mão; e por sobre a admiração que as mi-



umas botas altas de cabedal branco provocá-  
vam, eu fui pedir café e pão a uma casa  
de pasto próxima.

Aíto, partiu o carro pela estrada fóra;  
os campos brancos de geada; o sol ainda está  
na escondido por detrás das serras mas já  
fazia brilhar, lá á esquerda, a capelinha do  
Senhor da Serra de Serride e mais ao lon-  
ge a capela do Senhor do Monte Alto do Pe-  
nacova; havia frio e supranho ele não in-  
cidiu sobre a estrada, aos sip-zagues, que  
nós seguíamos, foi um martirio para os  
passageiros da pobre caraquejola.

Passado Vilarinho, a subida começou,  
ás curvas, e o panorama a tornar-se  
mais vasto: o baranulo começou a esprei-  
tar por cima de Poianes e lá ao longe, pa-  
ra a frente, divisaram-se os altos das ser-  
ranias da Beira. O sol, já vencidas as  
cumeadas da cordilheira inundava tudo;  
eu já ia mais quente e os meus olhos  
mais contentes por os panoramas terem  
mais vida.

Às 9 1/2 da manhã, depois de duas ho-  
ras e meia de balço, paramos na Ponte do  
Sotão — onde abruptamente se eleva o so-



berbo pseudo de Góis, movimentação do ro-  
lo extranha, imprevisista, inconfundível que  
ali, naquele vale apertado de encostas negras,  
dá um aspecto de cenário infernal... Pela  
primeira vez aqui passei e senti, franca-  
mente, um grande peso: parece que, pe-  
rante aquela pseudo, se não respira a vou-  
tade e que se receia uma avalanche, lá de  
cima, a todo o momento, rolando pelo decli-  
ve assustador.

Mas, enfim, não houve nada disto; o  
carro pegou pela ladeira acima, a luz ia  
aumentando, as encostas apareceram verde-  
jantes e daí a pouco, na Paróquia de Góis tive-  
mos de novo sobre o panorama soberbo de  
penhas. Em baixo, entre vendura, é  
margem do beira, a vila de Góis, apertada em  
um recanto de pedras; mais adiante a capela  
branca da Senhora do Monte de Argemil;  
à esquerda a de Santa Eufémia da Moita; a  
serra do Caromulo mostrava os seus pinheiros  
fiterescos e por toda a parte para onde se  
olhasse as pedras surgiam, numa movi-  
mentação orgulhosa, sobrepondo-se, num  
cenário magnífico que chegava a encanar a  
vista.



A estrada, curvas, em grandes curvas, peguiu, resolutamente, pela serrania brava: para um e outro lado, só as encostas áridas, descalçadas, cobertas de urze; para baixo, á esquerda e á direita, valesios inensos onde se não descontinua a vivalma; só, de longe em longe se divisava, a custo, algum caselhe sem cal, com o tecto coberto de colmo ou com grandes lausas negras peguras com pedregulhos. Era uma de solação! É a estrada, lá peguia, pelas lombas fina, como um risco branco traçado, em curvas brandas, no negrume da terra.

O penedo de Gais, inflexível, domina o panorama da direita; para a esquerda, de cabeço em cabeço, de perronia em perronia, chepa-se ao marriço central, todo coberto de neve ainda, para onde lancei o meu civilizado Gaietz. É um soberbo de recordar de perrario, na verdade, de uma variedade enorme; por mais que se pu-  
la, por mais que se imagine que se chepa é curmada e se vejam reales que contém fundo aquelle amontado de perras, o que é certo é que a vista só alcança, constantemente, novas perras que apparecem e que



constantemente se sobrepõem umas ás outras.

É a estrada pública paueira, paueira! Ha seis leguas que se publica já; as três primeiras, coitadas, lá arrastavam, como podiam, o carro; e eu que não encontrara, porque não havia, onde couvesse alguma coisa, ia entreteendo a fome com cigarros. O cocheiro de vez em quando, conversava; tinha sido cocheiro da correjaria Trindade, de Lisboa; tinha, pois, a nostalgia do bulício, do movimento, das desordens, que se palea mesmo se das jrisões do Governo Civil e queria voltar para lá. É a estrada regular interminável, em inúmeras curvas, sem uma árvore, paueira pelas lombas da terra arida, descalçada, absolutamente deserta.

Nas vezes passavam grupos grandes de carroeiros, com os machos cheios de grãos e com grandes cargas de carvão; e o cocheiro, para animar aquelle soldado, gritava:

— Mula!...

Mas, a terra, ia ficando cada vez mais deserta; o horizonte cada vez mais cheio de serranias; as raras casas que se viam e se confundiam com a terra, mais abaixo,



meu já agora se mostravam; e quando, ao dobrar um colleço, eu imaginava ver terminar aquella aglomeração de montes e ver, finalmente, vales extensos... qual! sempre serras sobre serras, cada vez mais altas, cada vez mais aridas!

A certa altura appareceu outro carro, de cima; os cocheiros pediram para haver transbordo...

Mudei de carro; mais adiante chegámos a um locado plano de estrada e assim andamos cerca de um dois quilómetros: tínhamos finalmente galgado o alto da pedra e passado para a vertente de cá, já em aguas do Lezere; mas em frente o mesmo pccuario de serras, e mesmo aglomeração de serranias!

A lousa, uma casita branca, segundo a opinião do cocheiro, marca o terminus da viagem: era a catraia do Roda, mas balçada — casita isolada ali, naquella altitude, exposta a todos os temporais do sul, ás visitas dos lobos, e á constante e permanente solidão.

Mas, enfim, chegámos; um homem, atencioso, communicou-me que me esperá-



na casa a mula do Sr. Besan; eu paciendi  
as pernas entorpecidas e senti, avassalado-  
ramente, a fome.

Era uma hora da tarde. Já lá iam no-  
ve leguas.

17 de março.

Depois do pequeno, de cara incara-  
cterística, vestido de paragona, preparava  
convenientemente a mula, eu olhei seu vol-  
ta: era um pouco acahar de pernas!

Daria estar a uns 1.300 metros de altu-  
ra, voltado a sudoeste, na montanha do Ze-  
zere; os vales desciam fundos, curvavam-  
se para um e outro lado, fazendo descer  
as linhas de cumeadas a pouco e pouco, pro-  
gressivamente; lá estava a encosta sul da  
serra da Laurã com o risco branco da estre-  
da da Bastanheira; e por de cima de tudo  
isto, lá ao longe, adivinhava-se a terra chã,  
lá para Soure e Bombal, quase na faixa  
plana da beira-mar.

Uma beleza!

Em volta, favelas, e completa solidão!  
Não uma casa, nem um rancho, nem



um fumozinho que indicasse o mais modesto e obscuro carroeiro! Só ali, aquella casa, barraca, toca — ou o que lhe queiram chamar — servia de joia aos viajantes quando a neve cobria a terra e os temporais não deixavam aucturar ninguém pelos caminhos.

Tudo, nos altos, descalçado; só para o fundo, nas encostas declivosas, ao passo que se iam aproximando das ribeiras, apareciam uns pequenos olivais e uns pinheiros rasgados.

Montei auba na mula, média, bem tratada, aparelhada e ferrada; o homem do meu a mula ás costas e peguei a diante pela estrada feia; dois quilómetros além, largos a estrada e meados, é direita, por um atalho que começava a descer por uma lomba onde havia estrada, a do Silva, mostrava o seu telhado de laje de mistura com o colmo. De quando a quando, passava um ou outro homem com machos carregados e cheios de queros.

— Veem da feira de Pamphitosa, infernava-me o meu guia.

E como o caminho era declivoso, e descia



a um precipicio eu apreei-me cautelosa-  
mente e comecei a descer a pé, com a mu-  
la á redea. Desceamos, desceamos, aos zip-  
ques, por um caminho estreito, pedregoso, e  
dum enorme declive; á esquerda, um enor-  
me precipicio onde regia uma torrente; e  
quando chegámos ao fundo e o houverem des-  
cansar um pouco a mala sobre o muro duma  
toca de pedra, eu olhei o relógio: já an-  
dávamos há hora e meia, isto é: meia hora  
de estrada e uma hora de descida!

Olhei em volta para ver onde estava:  
mas á volta nada se via porque estava, ver-  
dadeiramente num poço. A torrente de  
água regia em baixo, precipitando-se por  
sob o arco da ponte toca; e abruptamente  
as encostas elevavam-se, a grande altura,  
cheias de matagal cerrado e de medronheiros  
teravios. Parece que faltava o ar; a tristeza  
do pitio ofuscava; e quando começávamos  
a marchar, seguimos por um talho aberto na  
pedra pedregosa da encosta onde, daí a pouco,  
a vista se perturbava olhando para o fundo.

A mula, confulenta como era, toma-  
va o caminho todo; se alguém viesse de cima  
tinha de se encostar para eu passar; e lá me



fundo, de pedra em pedra, de rochedo em rochedo, a torrente rugia, levantando espuma.

Por fim, comecei outra vez a avistar serras; transporemos um pequeno planalto e de novo voltámos a descer, a descer por um medonho caminho através dum pinhal, já escuro, voltado ao nascente, pelo qual novamente me apressei, e desci a pé, com a mula á redea.

Por entre os pinheiros divisei, no fundo, uma outra torrente de água e umas cascatas amontoadas num serro: era a aldeia do Barualho, um amontoadito de casas toscas, cujas paredes, na sua maioria, são pedras sobre pedras, e os telhados empastados com telha pegosa com grandes pedregulhos, por causa do vento!

Desci, outra vez, muito; em baixo, a ribeira era mais larga e o vale mais alegre que o anterior; e quando parámos na ponte, para o homem descansar a mula, olhei o relógio: 3 horas e um quarto. Isto é: de ribeira a ribeira, subindo um caminho e descendo outro, gastámos quase duas horas e só então, depois que larguei a es-



trada, couseguei ver uma povoação! Sua-  
re 3 horas de atalho, através da solidão.

Metemos, depois de um ligeiro descanso,  
pelo caminho acima: uma ladeira íngreme,  
quase igual á anterior, desce pela encos-  
ta; começaram, então, a aparecer mais gru-  
pos de pedras que vinham, da vila, do mer-  
cado municipal; eram mulheres, a pé, com  
enormes carregos á cabeça e homens, a ca-  
valo, em machos, muito comodamente,  
que me faziam saltar á memória a fábula  
do velho, do rapaz e do burro...

Mas o certo é que eu não dava com a  
Pamphiltosa; chegaram as 4 horas e eu, doi-  
do com fome, com um enorme péso, pen-  
sando o sol quente nas costas, não via fim  
aquele interminável caminho! Transpose-  
mos uma extensa lomba de pedra; desce-  
mos a outro vale, subimos de novo a ou-  
tra lomba; as encostas, no fundo dos  
vales, apareciam agora com alguns casta-  
nheiros, uns olivêdos e uns locaditos cul-  
tivados; até que, na extremidade dessa  
segunda lomba, quando eu reparava em q.  
apareciam, finalmente, sinais de vida, o ho-  
mem, apontando-me para a frente, disse:



— Ora ali está a vila, meu senhor!

Olhei na direcção indicada e fiquei admirado: no fundo de um vale, apertado sobre sucessivas penhas, viam-se umas casitas negras, amontoadas, entre umas oliveiras e uns castanheiros de grande côrma. Eu não queria ofender o patriotismo do meu político guia, mas não pude deixar de dizer:

— Então é ali que está uma cabeça de coucelho?

O homem, a favor, murmurou:

— É sim, meu senhor...

Continuámos a descer; atravessamos um pinhal pouco denso; adiante, numa volta do atalho, vi um vulto a dizer adeus, com largos gestos: era o António Francisco, administrador do coucelho, bacharel em direito e chefe franquista que me vinha esperar e que já estava inquieto pela minha demora.

— Não havia maneira de chegar!

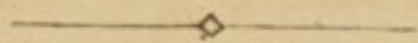
Desculpei-me, amavelmente, com a distância a que eles tinham a terra; fui apresentado ao bozar, ao dono da mula q. era o chefe da estação do correio e telegrapho;



e depois dos abraços do estylo, desceamos todos  
 tres, com a mula e redea, a vereda tortuosa  
 que vem dar á ribeira de Unhais — por a  
 tarde parecia, com o sol a esbizar as pombeas  
 pelos vales, um pozego magnifico que me  
 fez esquecer a fome . . .

Passava ainda gente do mercado; e  
 quise ir dar por isso, conversando, che-  
 gámos á Pamphitosa. Eram 5 horas da tar-  
 de; escurecia; lá nos altos, os cabeços ain-  
 da conservavam um ligeiro dourado do  
 sol presente; é volta, encostas escuras co-  
 bertas de musgo; a ribeira poltava de pedra  
 em pedra, por entre uns charcos; a care-  
 ria, amontada, mal se distinguia, com  
 o negro das paredes; tive uma impressão  
 de agrado . . .

Ha doze horas que o comboio largára  
 de Coimbra e que eu não comia. Mas, não  
 sei porquê, senti-me bem ao chegar a es-  
 te fim do mundo.



18 de março.

Estava, pois, no decantada e desterrada  
 Pamphitosa, com fome, cheio de pó de serras



atmos que a esbigeu pulverizou — mas  
ao mesmo tempo cheio, também, de uma  
sensação de agrado e quase de bem estar.

É que todo o percurso do caminho me  
agradava e o percurso da chegada me deu  
também uma agradável impressão, por mais  
paradoxal que isto pareça.

Entrámos por uma rua e tivemos  
logo de nos refugiar numa porta para dar  
passagem a um carro de bois; adiante,  
há um largoito, com umas oliveiras e  
de ainda se viam restos do mercado mu-  
sul; e um quase modo adiante, o admi-  
nistrador, apontando-me para uma casa  
seu cal, de janelas baixas, com uma tar-  
ga varanda coberta que deixava para o rio,  
di-se-me com um ar de príncipe que  
mostrava o seu castelo:

— Aqui temos o nosso palácio!

Subimos pelo escadão molde que leva  
à varanda; e eu, apesar de fome, não  
deixei de me chegar à balaustrada para  
ter logo a sensação do que era a terra.

Na verdade, em frente, com uma luz  
suave, numa magnífica tranquillidade,  
estava a vila toda, povoação que o rei Dom



Dimiz fundára naquelles reconceavos das montanhas; em baixo, sobre a ribeira e pelo declive da serra fronteira, subia uma aglomeração de casas, quase todas semical, num ajuntamento ~~de~~ de acasos; a ribeira, num leito pedregoso, com ligeiros flocos de espuma, corria bulliciosamente, cantolando qualquer canção das águas; e para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás, serras, serras e mais serras, cobertas de musgo escuro, de tapos cabeços arredondados!

Leis o Paupfithosa de Serra, pobre vilita perdida no amesbado de serranias, separado do mundo civilizado por vinte e quatro horas de distancia, onde o ruído do mundo chega sempre atrasado como um eco perdido pelos vales das montanhas!

Leis a Paupfithosa!

A noite, perensamente, caía; a água da ribeira, em baixo, remorejava; na fonte de alienaris, os homens passavam, recolhendo do trabalho, com o característico capote de paragoça ás costas; do musgo das encostas, vinha um canto arreastado de qualquer pastor que recolhesse o rebanho ao



redil ou ao curral; e por toda a terra vi-  
via para mim qualquer coisa impressionante  
monte daquela natureza agreste a ponto de  
eu dizer:

— Isto é bom, oh Antonio Francisco!

No lado, discreto, o chefe da estação  
telegrafo-postal parvia:

— Hum!... acostumado a Lisboa...

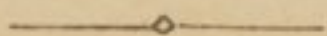
O que é certo é que tudo aquilo tinha  
um ar tão grave, tão triste, mas tão  
grande — que deveras me impressionou  
e me ia fazendo esquecer a fome... Por  
entre as oliveiras, o fumo dos casebres, su-  
tia subtilmente: era a coia dos parranos  
que se fazia; pelas encostas caía a noite  
suavemente; as estrelas apareciam aqui  
e ali no céu limpo: eram horas de ir co-  
mer...

Fomos para a mesa: caldo verde su-  
culento; carne de porco; presunto; fritada  
de ovos com chouriço — tudo ottimo, ex-  
celente, cheirando maravilhosamente...  
Conversou-se; eu contei histórias e histó-  
rietas da capital; atentei o chefe da estação  
com os bailes de máscaras pelo ouvido e  
estimulei o Antonio Francisco com os bailes



eu que se não leva mascara; e por fim, quando a noite era já escura e não se viam as estrelas, e na terra só se ouvia o sussurrar da ribeira, nós saímos, demos um ligeiro passeio e fomos para casa do Priar jogar o loto!

Perdi dois tostões. Os 10  $\frac{1}{2}$ , comodamente deitado, num quartito onde havia, no tecto, umas dependuradas a pecar, eu adormeci regaladamente e dormi, com gosto, até á manhã seguinte.



20 de março.

Ontem, mais uma vez, me convenci de que a nossa selvageria nos leva ao estrangeiro para vermos cousas belas, quando as temos cá, ignoradas é certo, mas superiores. O passeio que ontem dei e de que só hoje voltei ás 4  $\frac{1}{2}$  da tarde foi verdadeiramente uma cousa soberba: um conjunto de cousas fez com que a excursão fosse uma maravilha!

Saímos, poriam 6 horas da manhã; o grupo excursionista compunha-se do administrador, do escrivão de fazenda Costa-